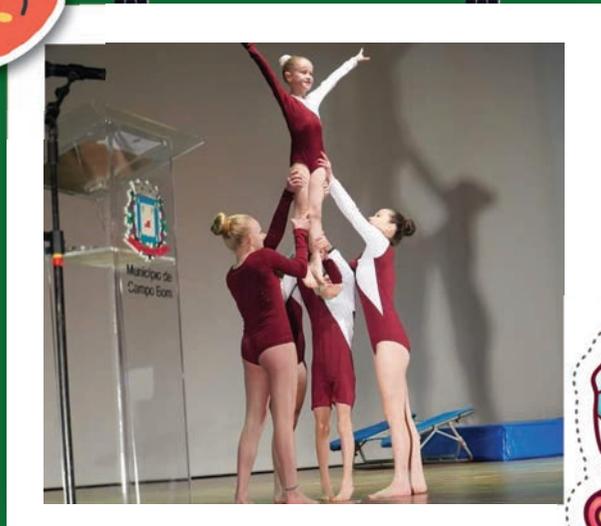
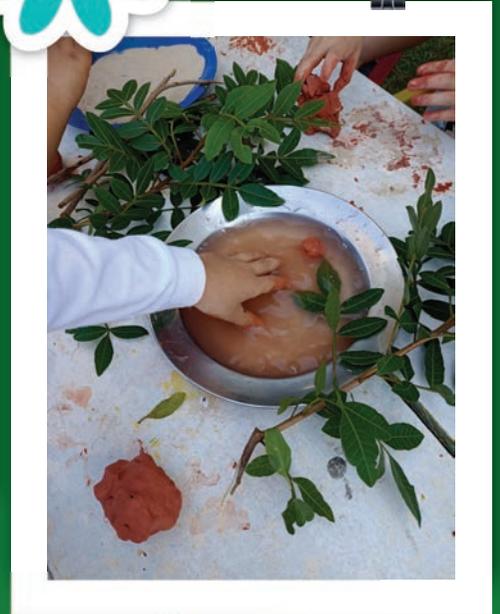


Educação em ação



Revista da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Campo Bom
Volume 3 - 2022



Autora / Aluna: Valentine Horbach
Escola: EMEF Centro de Educação Integrada CEI
1º lugar Categoria Piá / Poemas 19º Bivaque 2022

O Nosso Folclore Gaúcho

Começamos com o boitatáa que protege os animais da floresta e da cidade e o negrinho do pastoreio que, tão sofrido, nos ensina sobre diversidade

A sereia da furna do diamante que tão bem protege o dinheiro O sacristão que entregou sua vida, apaixonado, e sua bela amada, que o salvou do mundo inteiro

Jaebé tão corajoso que, por amor, 9 dias a jejuar ficou Para se casar com a mulher que amava Virou pássaro e voou

A erva-mate que fez companhia para o velho índio, pai de Caa-yari E aquele que até hoje orgulha o Rio Grande Sepé, o nosso herói guarani

Os animais que fizeram silêncio menos o quero-quero tagarela que foi amaldiçoado a passar a vida desejando e se tornou o símbolo da nossa terra

Autora / Aluna: Gabriela Santana dos Santos
Escola: EMEF Duque de Caxias
3º lugar Categoria Piá / Poemas 19º Bivaque 2022

A Prosa

A lagartear Pelos campos da estância Por mim passou um piá Que por esse rincão Estava a cavalgar.

No mesmo instante Que nossos caminhos cruzaram Ele pediu para eu contar Cantigas E lendas antigas Dessa terra que tanto há de se orgulhar Em amar.

Enquanto o pingo pastava, Para aquele guri eu contava Um pouco da nossa tradição Saboreando um churrasco de fogo de chão.

Contei da lenda Do bom e velho chimarrão, Também sobre o gaúcho e a prenda. Foi uma boa prosa Mas logo tive que me despedir do piá Pois, ao seu recanto ele tinha que voltar Para a terra arar, E seu cusco banhar.



Autora / Aluna: Manuella Castro Fischer
Escola: EMEF Rui Barbosa
Concurso Promovido pelo Rotary Club de Campo Bom / 2022
Projeto SALVE O BRASIL E VIVA MELHOR
Tema: Sustentabilidade e qualidade de vida
1º lugar Categoria 8º e 9º ano

Sustentabilidade

É um fato, nosso planeta adoeceu! A cada dia, os resultados disto se tornam mais reais, percebidos através dos noticiários ou mesmo pela nossa própria observação e percepção. É deveras compreensível a crise ambiental na qual nos inserimos e permanecemos, mas já é de conhecimento mundial que existem alternativas para esta questão, como a sustentabilidade, termo que atualmente está sendo constantemente discutido. Esta nova visão tem como princípio a consciência, fazendo-nos refletir sobre atos e escolhas pessoais e suas consequências globais. De forma geral, a sustentabilidade tem como objetivo evitar a escassez dos recursos naturais.

No início da civilização, não se tinha estudos e nem preocupação com o bem-estar do planeta e isto se seguiu até o séc. XIX. Neste espaço de tempo, a humanidade evoluiu e cresceu drasticamente, usufruindo de recursos fornecidos pela natureza sem ter o pensamento de que eles se esgotariam. Após a revolução industrial, a revolução verde e seus efeitos ambientais, se teve a compreensão de que no futuro, o mundo não seria mais o mesmo. Assim, foi necessário tomar atitudes viáveis como por exemplo o descarte correto do lixo, o consumo apenas do essencial, economia dos recursos hídricos, escolha de produtos e serviços com menor impacto ambiental, dentre outros. Estas práticas caracterizam a sustentabilidade, visto que ela tem como objetivo conter o que foi feito no passado e planejar um bom futuro.

A degradação do meio ambiente reflete no nosso estilo de vida, que prioriza o consumismo. Para a mudança, não basta que sejam ensinados os princípios ecologicamente corretos se eles não forem implantados verdadeiramente na rotina, buscando o equilíbrio entre o que retiramos da natureza e de que forma podemos retribuir, tornando nossas ações mais conscientes e dando-nos também a sensação de estarmos fazendo a nossa parte. Vale ressaltar que com a adoção de pequenas atitudes como, por exemplo, fazer trajetos de bicicleta ao invés de utilizar automóveis, reciclar, economizar, consumir apenas o essencial, já trariam uma mudança significativa para o meio ambiente. Não é possível reverter o que foi feito, mas é possível não repetir os mesmos erros, buscando um futuro melhor.

O ano de 2022 chegou e com ele o retorno às aulas presenciais, após dois anos de incertezas. Os alunos não são mais os mesmos, o seu interesse é outro; os professores tiveram que modificar suas aulas, modificar o modo de ensinar. A tecnologia revolucionou a forma de aprender!

Palavras que ganharam força neste período: VIVÊNCIAS, DESCOBERTAS, INVENÇÕES! Por quê? As vivências ocorreram de formas diferentes; as descobertas e as invenções se intensificaram.

VIVÊNCIAS! Muitas agradáveis, vinculadas a motivos de alegrias, outras nem tanto! Muitas foram as vivências coletivas, pois os estudantes voltaram a um ambiente onde é possível conviver, cooperar, compartilhar, trabalhar em equipe, respeitar diferenças, dividir o que por dois anos foram experiências individuais.

DESCOBERTAS! Muitas descobertas desde 2020 (os estudantes descobriram o que não era conhecido). A curiosidade aflorou! E as descobertas vieram por meio do toque, do gesto, da comunicação, da interação com o adulto, com outras crianças com/em diferentes espaços e objetos ao seu redor.

INVENÇÕES! A criatividade despertou! Os estudantes passaram a criar o que até então ninguém tinha pensado, logo inovaram! Criatividade e inova-

ção, logo invenções que surgiram das vivências e das descobertas!

Tudo isso, você leitor encontrará nas páginas da Revista Educação em Ação! Que está em seu 3º volume. Nesta edição, constam textos que nos trazem vivências, descobertas e invenções da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e dos Centros Educacionais da Rede Municipal de Ensino.

Agradeço à comissão organizadora da revista, que não mediu esforços para que o 3º volume fosse um sucesso. Igualmente a todos os profissionais que se disponibilizaram a compartilhar suas experiências e, assim, com o outro, aprender ainda mais, fortalecendo o trabalho da Rede.

Convido todos à leitura! Você leitor encontrará aqui uma educação criativa, curiosa, desafiadora, empreendedora, inclusiva... que nesta rede acontece pelos professores.

Como dizia Piaget, "a primeira meta da Educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, homens que sejam criadores, inventores e descobridores".

Um abraço carinhoso,

*Simone Daise Schneider,
Secretária Municipal de Educação
e Cultura do Município de Campo Bom*

EXPEDIENTE



Secretaria de
Educação e Cultura

Revista

Educação em Ação

é uma publicação anual da
Secretaria Municipal de Educação e
Cultura de Campo Bom.

**Volume 3 - 2022 - ISSN 2764-1708
Dezembro/2022**

Entre em contato:

Av. Independência, 800, 4º andar
Campo Bom/RS | Cep: 93700-000
Fone: 3598-8600
smec@smec.campobom.rs.gov.br
www.campobom.rs.gov.br

Capa, projeto gráfica e diagramação:

Niura Fernanda

Revisão:

Adriana Lampert

Impressão:

Gráfica Ideograf

Fotos:

Acervo dos autores, divulgação

Ilustrações:

Banco de Imagens Freepik

Comissão Organizadora:

Camila Vargas Sager
Catiana Masiero Bresolin

Cecília Decarli
Natalia Braum
Jéssica Mais Antunes
Juliana Konorath Braun
Maksuel Augusto Stenert
Niara Rechenmacher Schmidt
Pâmela Ticiano Lampert Saraiva de
Lemos
Regina Rodrigues
Sandra Carina Haag Orth
Simone Chiká
Simone Daise Schneider
Vitória Duarte Wingert

Os textos presentes nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

Esta publicação pode ser acessada no site:
www.campobom.rs.gov.br

Sumário



4

EMEI Amarelinha

Vamos descobrir o mundo juntos?

6

EMEI Amiguinho

Da pedra ao papel, de onde vieram as letras?

8

EMEI Aquarela

O desenrolar da infância: investigações e construções do cotidiano das crianças

10

EMEI Arco-Íris

Como as coisas se equilibram?

12

EMEI Bem-Viver

A estética na organização dos espaços como um convite para brincar, explorar, investigar e aprender

14

EMEI Casa da Criança

Experiências investigativas a partir de Espaços Brincantes

16

EMEI Casinha da Alegria

As gurias na história: equidade de gênero e protagonismo feminino na Educação Infantil

18

EMEI Cebolinha

Contextos brincantes e descobertas encantadoras

20

EMEI Chapeuzinho Vermelho

Pré 1-B: descobrindo os mistérios do fogo

22

EMEI Claudy Schaefer

Acolhendo os bebês e suas famílias aqui na Claudy

24

EMEI D. Pedro I

Brincar na natureza em um ambiente saudável é direito da criança

26

EMEI Dedinho de Ouro

Construção da identidade através do projeto "Tudo sobre mim"

28

EMEI Estrelinha Azul

Heróis do meio ambiente

30

EMEI Guilhermina Blos

Tecendo novos fazeres acerca da documentação pedagógica na Educação Infantil

32

EMEI Pastor Waldemar Ramão

O cof cof do Pré 1-B: de onde vem a tosse? A pesquisa científica na Educação Infantil

34

EMEI Paulistinha

RAWR: no mundo dos dinos!

36

EMEI Pedacinho do Céu

Medo de quê?

38

EMEI Primeiros Passos

Vamos colorir nosso mundo!

40

EMEI Princesinha

Partilhando momentos, saberes e sabores

42

EMEI Santo Antônio

Desafios e descobertas: uma forma de aprender juntos

44

EMEI Sempre Unidos

Um bichinho pra cá, um bichinho pra lá! Vamos brincar?

46

EMEI Sempre Viva

Detetives do Pré 2: conhecendo os planetas!

48

EMEI Tico-Tico

O que os bebês gostam de fazer?

50

Biblioteca Pública Municipal Professor Antônio Nicolau Orth

Parada do leitorino



52

Centro Municipal de Apoio à Diversidade Escolar Albano Ivo Schuck (CEMADE)

CEMADE: 10 anos mudando a história de crianças e adolescentes das escolas do município de Campo Bom – RS

54

Centro Municipal de Educação Ambiental Nestor Weiler (CEMEA)

Uma carta pedagógica às escolas de Campo Bom para comemorar os 11 anos do Centro Municipal de Educação Ambiental Nestor Weiler (CEMEA)

56

Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU)

Alinhando experiências, costurando amizades e fazendo histórias

58

Escola de Arte-Educação (EAE)

Atividade física e qualidade de vida

60

EMEF 25 de Julho

Relatos de uma guerra: cartas da Primeira Guerra Mundial nas aulas de História

62

EMEF Adriano Dias

Língua de sinais: aprendendo a usar a voz nas mãos para tocar o mundo

64

EMEF Borges de Medeiros

Uma casa para Saymon

66

EMEF Centro de Educação Integrada (CEI)

Malala, uma experiência vivida com alunos de sétimo ano do Centro de Educação Integrada (CEI)

68

EMEF D. Pedro II

Os desafios da alfabetização: unindo forças em uma proposta interdisciplinar

70

EMEF Dona Augusta

Nossas vivências: da leitura de poemas à escrita

72

EMEF Duque de Caxias

Do brincar ao letramento

74

EMEF Edmundo Strassburger

A construção de uma educação em tempo integral

76

EMEF Emilio Vetter

Motivando os estudantes através da música

77

EMEF Esperança

O melhor aperto do mundo!

79

EMEF Genuíno Sampaio

Explorador kids – aprendendo uma nova linguagem

81

EMEF Lúcia Mossmann

As possibilidades da pedagogia por projetos em estudos sobre a astronomia e astrologia no Ensino Fundamental

83

EMEF Marcos Silvano Vieira

Aplicação da aprendizagem criativa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcos Silvano Vieira

85

EMEF Marquês do Herval

Quer ouvir uma leitura?

86

EMEF Morada do Sol

As formações étnicas da Turma 41 da EMEF Morada do Sol

88

EMEF Octacílio Ermindo Fauth

Ansiedade no ensino remoto: e agora?

89

EMEF Presidente Vargas

Emoções à flor da pele: autocontrole emocional e acolhimento em tempos de pandemia

91

EMEF Princesa Isabel

Novos olhares através de releituras

93

EMEF Rui Barbosa

Educação Física sobre rodas

95

EMEF Santos Dumont

Aprendendo a valorizar a natureza! Projeto "A importância das árvores"





Vamos descobrir o mundo juntos?

Arquivo das autoras (2022).



Alunos participando da atividade de chuva de papel picado.

Arquivo das autoras (2022).



Alunos utilizando materiais riscantes e diferentes suportes para registro.

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Desse modo, as mesmas são ativas e capazes

de construir os seus saberes a partir das propostas organizadas pelas docentes. Nesta perspectiva, as professoras passam a ter o seu papel descentralizado, para que o protagonismo seja dos pequenos e das suas descobertas: há o prazer pelas trocas e pelas partilhas, assim como há a compreensão da importância de cada indivíduo ao longo do fazer pedagógico na escola.

Sabores, sons, cores, aromas, texturas: o universo da Educação Infantil é permeado por diversas sensações, que ao longo dos dias na escola, trazem vivências ricas e encantadoras para as crianças, contribuindo para que o desenvolvimento individual aconteça de modo integral, respeitando o tempo e as características de cada uma.

Iniciamos o ano letivo de 2022 compreendendo que cada pequena criança que compõe a nossa turma do Nível 2 é única, e, por esse motivo, tem a sua maneira de ser e estar no mundo. De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, a criança, nessa etapa de ensino, é compreendida como:

Camila Caetano da Silva Trentini

Formada no curso de Magistério. Graduada em Psicologia e Psicomotricidade aplicada à Educação. Professora.

Débora Gersos

Formada no curso de Magistério. Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Educação Infantil. Professora.

A partir desse princípio, o cotidiano, os espaços naturais, as materialidades, a sala referência, a rotina, as relações e todos os contextos tornam-se educadores e potencializadores.

Em uma manhã ensolarada, a turma foi conduzida para o pátio da escola, e enquanto brincavam pelo espaço externo com uma professora, a outra organizou a sala com cestinhos e papéis picados. Uma surpresa para os pequenos! Ao retornar para a sala referência, as crianças depararam-se com o recurso, que até agora era inédito, explorando-o de diversas formas, por muito tempo. Chuva de papel picado! A alegria era estampada em cada rostinho curioso, em todos os “mais” que as crianças falavam ao sentirem os papéis caindo sobre si, nas pequenas mãos que juntavam o recurso e jogavam para cima, gritando “chuva”! Que momento incrível!

De acordo com os estudos de Horn (2017), “a criança é agente de seu próprio conhecimento, como protagonista e ativa, alguém que aprende por meio da interação com o meio e com outros parceiros”, sendo assim, as propostas desenvolvidas ao longo do período procuraram estimular o convívio entre os pares, buscando relações saudáveis e potentes.

Em outro momento de exploração coletiva, os pequenos tiveram à disposição diferentes tipos de materiais riscantes (giz de cera, canetas hidrocores e carvão), para manusearem à vontade, criando os seus registros. Os recursos foram usufruídos com prazer pelas crianças, e o cartaz foi bastante tempo admirado pela turma. Com o passar dos dias, o mesmo foi utilizado em outros momentos, com pintura – utilizando tintas têmperas – e com a exposição das fotos da turma. O painel foi sendo valorizado a cada nova criação dos pequenos, tornando-se um objeto de contemplação e admiração para todos.

O desenvolvimento do projeto “Vamos descobrir o mundo juntos?” buscou valorizar as ações das crianças do Nível 2, propondo vivências instigantes, e, ao mesmo tempo, desafiadoras, partindo do interesse

de cada uma delas. Dentre as experiências, podemos citar a exploração de melecas, bolinhas de gel, elementos naturais, materiais de largo alcance (caixas Pikler, colchonetes, cones, bambolês e bolas de ginástica), fantasias, massinha de modelar e muito mais, todas elas incentivando a coletividade, a interação e o afeto na turma.

Ao longo do semestre vivenciado, os pequenos nos mostraram diariamente o prazer das descobertas, seja por meio de sorrisos radiantes, olhinhos brilhantes e grande disposição. Cada dia é um novo momento de descobrir e ser feliz ao lado dos amigos e das professoras!

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

HORN, Maria da Graça Souza. *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*. Porto Alegre: Penso, 2017.





Da pedra ao papel, de onde vieram as letras?

De onde vieram as letras? Elas sempre foram dessa forma? Através destes questionamentos iniciamos o projeto: "Da Pedra ao Papel, de Onde Vieram as Letras?".

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. (BRASIL, 2018, p. 42)

Neste projeto, pudemos estudar a origem da escrita, que teve seu início lá na **arte rupestre** feita pelo homem pré-histórico do período Paleolítico (30.000 – 5.000 A.C), onde, por suas figuras deixadas nas paredes, pôde se perceber que falavam de suas caças e das já existentes composições familiares. Para sentir um pouco como era essa escrita, as crianças puderam usar da argila molhada para desenhar o que desejassem em um papel pardo, simulando uma caverna a fim de que tivessem a sensação de como era na época Paleolítica.

Continuando nosso estudo, aprendemos então sobre os Sumérios (3.500 a.C.): com a **Escrita Cuneiforme**, foram os primeiros a criarem um alfabeto próprio com mais de 2000 signos que ficavam marcados em placas de argila, nas quais os registros mais importantes de serem lembrados eram levados

ao forno, para que se tornassem permanentes. Pudemos novamente sentir o desafio que era cunhar letras em argila através da proposta onde as crianças usaram placas de argila para escrever seus nomes nelas.

Quase na mesma época dos Sumérios, no Egito os egípcios também criavam o seu próprio método de signos gráficos através da escrita **hieroglífica**, onde eles usavam o desenho de coisas conhecidas para criarem frases e registrarem tudo o que consideravam importante. Esse registro era feito por escribas, profissionais capacitados que faziam suas anotações em Papiro, uma planta abundante na região que serviu de suporte escrito na época. Para entendermos melhor como essa escrita teoricamente funcionava, tivemos o nosso maior desafio: escrever frases usando apenas desenhos. Por exemplo: para escrever a frase "O menino gosta de sorvete", fizemos o combinado que o desenho de um menino representaria a palavra "menino"; enquanto o desenho



Suzy Mara Dias de Paula
Graduada em Pedagogia. Professora.

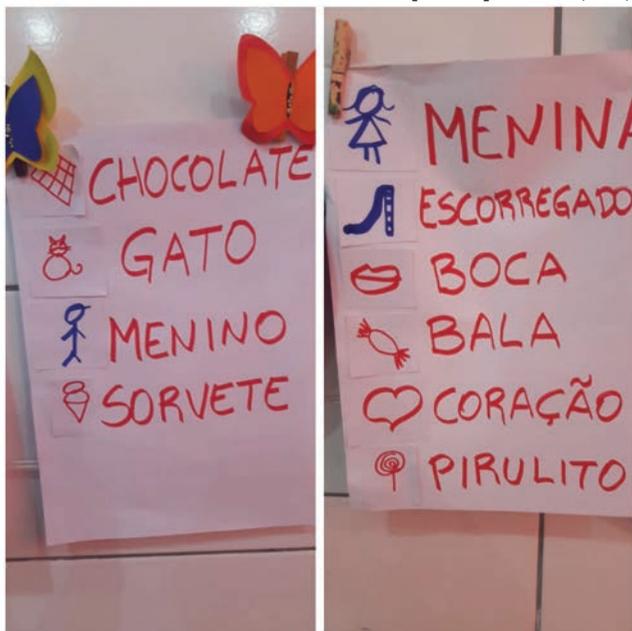


de um coração seria usado para a palavra "gostar"; e o desenho do sorvete seria para representar a palavra "sorvete". Colocando as figuras lado a lado, formou-se, então, a frase mencionada. Criamos, em sala, vários desses exemplos – proposta na qual as crianças mostraram-se encantadas com a dinâmica da brincadeira e do sentido que ela trazia.

Enfim, chegamos ao alfabeto latino ou romano, o qual se originou em Roma no século VII A.C – composto inicialmente de 21 caracteres, sendo posteriormente agregadas algumas letras do alfabeto grego – e foi evoluindo até chegar ao qual conhecemos hoje, composto por 27 caracteres, sendo o alfabeto mais utilizado pelos povos da Europa e Américas.

Colocamos, então, o nosso alfabeto latino na sala, o qual agora as crianças usam com frequência fazendo relações com palavras e nomes de objetos do seu cotidiano, assim como com seus nomes, nomes dos colegas e das professoras.

Arquivo da professora (2022).



Escrita hieroglífica.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. *A escrita do antigo Egito*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-escrita-antigo-egito.htm>. Acesso em 20 de junho de 2022.

HIGA, Carlos César. *Período Paleolítico*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/paleolitico.htm>. Acesso em 20 de junho de 2022.

SERUGI, Fernando. *A Escrita Cuneiforme*; Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/escrita-cuneiforme/>. Acesso em 20 de junho de 2022.

Arquivo da professora (2022).



Escrita cuneiforme com argila feita pela turma Pré2-B.



O desenrolar da infância: investigações e construções do cotidiano das crianças

Ao iniciarmos o ano letivo com as turmas A, B e C de Nível 2 na EMEI Aquarela, percebemos a necessidade de disponibilizar para essas crianças um ambiente oportuno, onde, através das vivências do nosso cotidiano, as pesquisas pudessem ocorrer.

Crianças bem pequenas necessitam de um professor observador, que acompanhe seus processos, respeitando-os e os tornando protagonistas de suas aprendizagens. Segundo palavras de Loris Malaguzzi, enquanto professores devemos dar crédito ao potencial que as crianças possuem, e nos convencer de que elas, assim como nós, têm poderes vigorosos. (RINALDI, 2017).

O pátio de nossa escola, por ser um ambiente amplo, com diversas árvores e um gramado extenso, torna-se muito convidativo, fazendo com que as crianças apreciem realizar suas explorações ao ar livre. Esse espaço externo também é capaz de agregar mais encantamento às experiências de nosso cotidiano na escola, como comer goiabas e pitangas direto “do pé”, por exemplo.

Ela [a natureza] funciona como um papel em branco em que a criança desenha e reinterpreta suas fantasias culturais. A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. (LOUV, 2016, p. 29).

As produções, em sua maioria, ocorrem no pátio. São nesses momentos onde a criança deseja encontrar-se, fazer parte e estar junto daquilo que a constitui como pessoa. (PIORSKY, 2016).

A partir destas inspirações e do interesse das crianças em experimentações com elementos da natureza e utensílios de diferentes materialidades, proporcionamos a elas diversos momentos para brincar no pátio, embaixo das árvores, com bacias e bandejas cheias de água e barquinhos de papel. As crianças manusearam os barquinhos, espalhando as águas por todos os lados. Ouvia-se o barulhar da infância, as explanações de alegria. As expressões, relações e brincadeiras das crianças nesse ambiente, transmitem o encantamento do momento e a poética da aproximação das crianças com a natureza. Esses momentos ricos registram a essência dos nossos dias na escola, o quanto sentimos os espaços e pertencemos a eles. Nossas crianças criam suas pesquisas baseadas em ações do nosso cotidiano, organizam suas brincadeiras e se desenrolam nesse brincar encantador.

Dessa maneira, podemos observar e concluir o



Bianca da Silva Fernandes

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Docência na contemporaneidade. Professora.

Jessica Barbareto

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Arte e Educação. Professora.

Rochele Dessimon

Graduada em Letras e Literatura. Pós-graduada em Docência na contemporaneidade. Professora.

quão importante é proporcionar esses momentos para as aprendizagens das crianças e o quanto essas vivências são fundamentais na construção de uma relação afetiva entre criança x natureza x adultos.



Arquivo dos autores (2022).



Aluna da turma N2-A brincando com barcos de papel e água.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

HORN, Maria da Graça Souza. *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*. Porto Alegre: Penso, 2017.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.

PIORSKY, Gandhi. *Brinquedos do chão. A natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia. Escutar, investigar e aprender*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.



Arquivo dos autores (2022).



Aluno da turma N2-B explorando bacia com água.



Como as coisas se equilibram?

Logo que retornaram das férias, as crianças do Pré 2 foram se apropriando das brincadeiras e materiais oferecidos na escola. Livremente, foram iniciando suas pesquisas juntamente com seus grupos. Já era de costume das crianças empilhar os cilindros de plástico, deixando o mais alto possível, mas o que saltou aos olhos da professora foram as atitudes de colaboração entre elas ao empilharem mais e mais cilindros, um alcançando para o outro, uns embaixo do brinquedo alcançando os cilindros aos que estavam em cima. Alto, alto, tão alto, até que... despenca-va tudo e começavam de novo! Depois, outro grupo de crianças reuniu-se no tapete e começou a empilhar as pecinhas de encaixe. Novamente, num movimento de colaboração, dois ou três alcançavam as pecinhas para o colega que estava empilhando. Aos poucos, a torre foi ficando maior, maior, alta, alta! E... caía! E, de novo, num movimento de colaboração, alcançavam, empilhavam... Caía... Alcançavam, empilhavam...

Baseadas em observações cotidianas, as professoras criaram um contexto na sala referência na intenção de perceber quais eram os conceitos que as crianças estavam envolvidas: de construções, de altura ou de equilíbrio? O contexto foi montado em cima de um palete, contendo peças de madeira, cilindros e carrinhos, bem como fitas métricas. As crianças passaram a manusear os materiais e, surpreendentemente, começaram a construir casas em cima dos cilindros de plástico.

De acordo com a BNCC:

[...] a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e



consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano."

Depois de alguns dias, as fitas métricas foram retiradas do contexto, demonstrando a certeza que a pesquisa não era sobre altura e tamanho, e sim, sobre equilíbrio. Tentavam colocar uma peça grande de madeira, representando o chão de uma casa, em cima de um cilindro, e percebiam que não era possível. Em colaboração, foram descobrindo que precisavam de mais cilindros para suportar a casa. Enquanto testavam, narravam "precisa ter uma base forte".

Passamos a oferecer diferentes materiais para as tentativas de equilíbrio: materiais iguais (latas, peças amarelas, cilindros); diferentes (bolachas de madeira; peças de madeira grandes e pequenas); mistura de materiais (tábuas de madeira e cilindros), e equilíbrio do próprio corpo (pranchas de equilíbrio e *slackline*).

Tantas foram as possibilidades. As crianças representaram o equilíbrio com argila, com desenhos, e equilibravam tudo o que encontravam: até no refeitório, pedaços de pão eram equilibrados.

Como hipóteses iniciais, as crianças relataram que só era possível equilibrar algo pequeno em cima de algo grande. Para equilibrar algo grande em cima

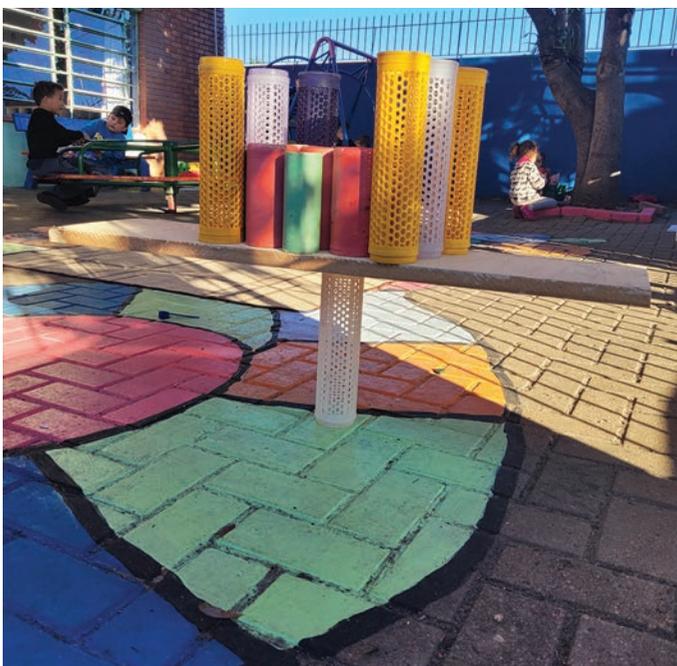
Élen Camila de Quadros

Graduada em Pedagogia. Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica. Especialista em Psicometria aplicada à Educação. Professora.

de algo pequeno, deveria ter muitos objetos pequenos e iguais para sustentar o objeto grande de cima. E, assim, seguiram suas hipóteses, sempre fazendo uma base forte embaixo e preenchendo com outras peças em cima.

Já no mês de junho, após tantas tentativas e aprimoramento de suas práticas de equilíbrio, as crianças superaram a hipótese inicial e descobriram o ponto de equilíbrio. Em uma tarde, foram montadas diferentes estações de equilíbrio no quintal da escola e, através da manipulação dos materiais, uma colega ajustou uma tábua grande de madeira em cima de apenas um cilindro. As crianças demonstraram muita satisfação pelo feito da colega, pois perceberam que havia uma nova possibilidade para seus equilíbrios. E, a partir deste dia, todas as crianças passaram a experimentar essa nova sensação: tentar encontrar o ponto de equilíbrio em todos os espaços, com todos os materiais possíveis.

A pesquisa das crianças tornou-se um projeto científico que foi apresentado na Feira de Ciências da escola, demonstrando o valor que uma pesquisa infantil tem e até onde ela pode chegar, através da mediação das professoras e do protagonismo das crianças.



Ponto de equilíbrio.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.



Construções em cima dos cilindros.



A estética na organização dos espaços como um convite para brincar, explorar, investigar e aprender

No âmbito da Educação Infantil, independente da faixa etária das crianças, sejam elas pequenas, bem pequenas ou bebês, é imprescindível pensar na organização dos espaços de forma convidativa. Dessa forma, precisamos dar atenção a todos os detalhes, por menor que sejam, observando com cuidado para saber se este espaço potencializa o brincar, a imaginação, a livre expressão, exploração e o conviver. Uma organização de espaço potente vai desde a seleção dos materiais (sempre verificar se estão em bom uso) até a intencionalidade pedagógica. Tudo deve ser pensado e repensado pelo professor, pois, se existe intencionalidade pedagógica, o espaço transformar-se-á em aprendizagem. Através do presente texto, se poderá observar ideias pensadas e realizadas em uma turma de Pré 1.

Quando falamos sobre espaços na EI, nos referimos tanto à organização de propostas como também à construção de contextos investigativos na sala. O espaço de proposta, normalmente, é usado para um dia, já a organização de contextos pode perdurar por mais tempo, dependendo do interesse das crianças naquilo que foi criado. É fundamental refletir sobre aspectos importantes para que esses espaços organizados possibilitem que a criança seja convidada a brincar, explorar, investigar e, conseqüentemente, aprender a possibilidade de transformação, de interação entre as meninas e os meninos, do movimento, da autonomia e do protagonismo infantil. Dessa forma, Ceppi e Zini (2013, p. 26) falam que:

“O espaço, então, como um organismo vivo, tem que ser capaz de mudar e evoluir de acordo com o projeto cultural daqueles que o habitam [...]”

Com isso, trazemos alguns exemplos de espaços e suas diferentes possibilidades: um contexto de mercado para propiciar o jogo simbólico ou um espaço reservado às desenhanças com diversos risquinhos e papéis para favorecer a expressividade. Os dois são excelentes sugestões, e é importante frisar que não basta propormos os espaços, precisamos constantemente os reformularmos – sempre baseando-nos nas preferências da turma. Em uma semana, um contexto de restaurante; na outra, uma mecânica, um salão de beleza ou hospital – são tantas as ideias e em cada uma delas será possível observar o brincar da criança e a maneira como ela se relaciona e traduz a sua cultura.

Além dos contextos investigativos em si, toda a organização da rotina requer cuidado com a estética. E se estamos pensando em estética, não podemos esquecer do respeito, precisamos nos relacionarmos desta maneira. Um dia, um almoço ao ar livre com uma bela planta ao centro da mesa, uma toalha de mesa, os talheres e os pratos dispostos com atenção, impossível não amar, não é mesmo? E é bem simples de ser feito, não requer materiais específicos ou investimen-



Mariana Martins

Formada no curso de Magistério. Graduanda em Pedagogia.

Renata Silva de Vargas

Formada no curso de Magistério. Graduanda em Pedagogia.

to, e, inclusive, pode ser a proposta para o dia. Um exemplo mais específico de organização dos espaços foi a instalação riscante que realizamos. Para isto, foram necessários cubo de cano PVC, papéis em rolo e cartolina suficiente para preencher todos os lados e espaços do cubo; riscantes variados, tintas, carvão. As crianças, ao chegarem e se depararem com a sala desta maneira, ficaram encantadas, perguntando o que era, se poderiam entrar e brincar. No momento da proposta, estavam tão empolgadas que exploraram por mais de uma hora, pintando, desenhando, narrando e investigando as possibilidades riscantes.

Dessa forma, reforçamos que, quando um espaço é bem pensado, planejado e possui intencionalidade pedagógica, torna-se rico em aprendizagens e descobertas, a proposta flui e as crianças, acima de tudo, se divertem e aprendem, pois, o conhecimento na Educação Infantil não se constrói sentado em uma cadeira de maneira estática: o conhecimento dos bebês, crianças pequenas e bem pequenas se dá através do movimento que ganha potência nos momentos de brincadeiras.

Arquivo dos autores (2021).



Café da manhã organizado ao ar livre para a turma Pré 1 A,

Referências

CEPPI, Giulio; ZINI, Michele (org). *Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a educação infantil*. Porto Alegre: Penso, 2013.



Arquivo dos autores (2021).



Instalação riscante alunas da turma Pré 1 A.



Experiências investigativas a partir de Espaços Brincantes

O poeta alemão Friedrich Schiller já dizia: “O ser humano só brinca quando é ser humano no sentido pleno da palavra, e é plenamente ser humano quando brinca!”

Brincar é algo intrínseco e fundamental para uma criança. Desde muito cedo esta é a forma como a criança se relaciona com o mundo. Ampliar as possibilidades de desenvolvimento das crianças é papel da escola e do educador que com elas está.

Brincar em espaços diferentes, com materiais que possibilitem diferentes percepções, torna os pequenos curiosos, atentos, criativos e impulsionados a novas investigações. Esta é a proposta que viemos construindo ao longo deste ano com o grupo de crianças do Nível 3.

Uma das ideias mais potentes constituídas pelas pedagogias da educação infantil foi a de caracterizar a escola como um lugar de encontro. (DAHLBERG; PENCE; MOSS, 2009). A escola como um lugar para o qual as crianças se dirigem todos os dias, com segurança e tranquilidade para, através do acolhimento e reconhecimento dos demais, aprender a viver – fazer suas iniciações à vida comum. Um ambiente onde as pessoas compartilham as coisas simples e ordinárias do dia a dia e também geram contextos para que o extraordinário possa invadir o cotidiano. (BARBOSA, 2013 p. 218)

As crianças vêm diariamente para a escola para vivenciarem o encontro com o outro, com materiais, com a diversidade de tudo aquilo que lhes é direito. Brincar e interagir são as duas bases legais que fundamentam nosso trabalho com os pequenos e pensar nesta perspectiva de propor espaços brincantes alimenta as possibilidades de criação das crianças, uma vez que, como diz Barbieri:

O arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa escreve sobre os convites que o espaço e as materialidades nos fazem. Quando encontramos uma escada no caminho, ela nos convida a subir, uma maçaneta nos convida a abrir a porta, um sofá nos convida a sentar. As materialidades que constituem os espaços nos convocam a determinados movimentos e certas pesquisas (BARBIERI, 2021, p. 41).

Diante disso, pensar cotidianamente espaços que convidem ao brincar e à ampliação de possibilidades investigativas de diferentes formas tem sido nosso fio condutor, sempre respeitando o tempo, desejo e sentimentos das crianças.

Pensar no cotidiano, direciona nosso olhar a temporalidade, ao espaço físico, a disponibilidade e ao acesso, bem como nas possibilidades de transformar o estático em dinâmico, visualizar positivamente o lugar e, neste viés, planejar com intencionalidade cada detalhe. Frequentemente, ponderamos nosso olhar para espaços inspirados em diferentes propostas, buscando utilizar materiais, suportes e organização destes das mais diversas formas, considerando sempre aquilo que as crianças têm nos mostrado como interesses tanto individuais quanto coletivos, das observações diárias do que eles querem e precisam para ampliar os processos investigativos, levando-os também a se desafiarem e progredirem em suas ações, assim como o desenvolvimento de si para viver e ser feliz, afinal passam um

Graziela Beckenbach Patzlaff

Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente e Orientação Acadêmica EAD e Mídias na Educação. Professora.

Charla Fernanda Bernich Alvez

Graduada em Pedagogia. Professora.

período longo dentro da instituição – e este também é nosso papel: garantir uma qualidade de vida para além do desenvolvimento, onde as crianças possam estar bem, sentirem-se bem.

Importante destacar que, para que tudo isso ocorra, como traz Friedmann:

A aprendizagem depende em grande parte da motivação: as necessidades e os interesses das crianças são mais importantes que qualquer outra razão para que elas se dediquem a uma atividade. Ser esperta, independente, curiosa, ter iniciativa e confiança em sua capacidade de construir uma ideia própria sobre as coisas, assim como expressar seu pensamento e sentimentos com convicção, são características inerentes à personalidade integral das crianças (FRIEDMANN, 2012, p. 45).

Esse movimento à investigação a partir do brincar acontece quando o adulto está disposto também a aprender com as crianças, a observar, com olhar atento e respeitoso, para que as crianças possam ir criando estratégias e então estabelecendo relações, construindo as aprendizagens.

Em conjunto com o processo de descoberta, a criança vai proporcionando subsídios para a prática docente: são os momentos que evidenciam interesses, entregas, frustrações, medos, habilidades, assim como dificuldades, pois o contexto brincante permite fazer-se presente todas as emoções, sensações e ações, tendo em vista a liberdade oportunizada aos envolvidos de agir sobre o meio.

Embasado em tais premissas, o planejamento leva em conta o protagonismo, em todos os sentidos, das crianças da turma do Nível 3, entendendo que cabe ao educador o papel de observar, de estar presente oportunizando um espaço que registre memórias de uma infância.

Ao longo desse período, pudemos observar as investigações que vão se ampliando e percebendo quais os espaços mais convidativos e quais as descobertas, sendo que as áreas externas sempre foram os espaços mais utilizados. O desenvolvimento motor nesta faixa etária também tem grande importância e, por isso, muitas das propostas vislumbravam estas necessidades. Outra proposta muito explorada pelas crianças foi a exploração com argila, massinha de modelar, moldáveis em geral. Diante disso, este também foi um dos elementos que nos ajudaram a ampliar possibilidades e garantir o interesse a partir daquilo que as crianças estavam nos mostrando.

Referências

FRIEDMANN, Adriana. *A Vez e a Voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.

BARBIERI, Stela. *Territórios da Invenção: ateliê em movimento*. São Paulo: Jujuba, 2021.

MARIA CARMEN SILVEIRA BARBOSA. *Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância*, Campinas, v. 31, n. 61, pp. 213 - 222, 1 nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2013v31n61p213-222>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/185/122>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Arquivo da autora (2022).



Proposta de exploração de argila com elementos naturais.

Arquivo da autora (2022).



Proposta de exploração de luz, sombra e reflexo.



As gurias na história: equidade de gênero e protagonismo feminino na Educação Infantil



O projeto intitulado, “As gurias na história”, foi aplicado em uma turma de Pré 2 da EMEI Casinha da Alegria, no ano de 2022. O trabalho começou a ser realizado a partir de uma observação feita pela professora titular, no momento em que as crianças brincavam livremente, imitando papéis sociais. Um grupo de meninos brincava com os carrinhos em miniatura e com ferramentas, enquanto algumas meninas da turma se aproximaram e quiseram brincar junto deles. A resposta, unânime, dos meninos foi negativa: disseram que as meninas já tinham as bonecas e coisas de cozinha para brincarem. Uma frase dita por um aluno chamou bastante atenção: “As gurias não podem brincar da mesma coisa que os guris”. O olhar atento da professora logo identificou que as crianças estavam manifestando em seus discursos aspectos da cultura em que estão inseridos. Buscando refletir sobre este aspecto cultural e desconstruir estereótipos, a presente pesquisa foi desenvolvida.

Dentro deste projeto, sempre levamos em consideração e refletimos o quanto o processo de socialização das crianças é mediado por agentes so-



Aluna manuseando fontes de pesquisa.

cializadores, sendo família, escola e comunidade os principais responsáveis por este processo de aculturação. Esses processos constroem, historicamente, diferentes formas de ser masculino e ser feminino, e a sociedade reforça esses papéis cotidianamente. A pesquisadora de gênero Guacira Lopes Louro, afirma que “Os corpos ganham sentido socialmente. A

Vitória Duarte Wingert

Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Mestra em Processos e Manifestações Culturais. Especialista em Mídias na Educação e Historiadora. Professora.

Carla Patrícia Vargas

Formada no Ensino Médio. Auxiliar de ensino.

Lucas Alex Vargas

Formado no Ensino Médio. Auxiliar de ensino.

inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (2000, p. 06).

Desta forma, consideramos relevante trazer estas temáticas para dentro de sala de aula, através do projeto “As gurias na História”, que buscou investigar a história de vida de mulheres e meninas que deixaram sua marca na construção de nossa sociedade. Para tal finalidade, foram escolhidas mulheres que fizeram história em suas áreas para que as crianças conhecessem um pouco mais de sua narrativa de vida. Os nomes elencados foram Frida Kahlo, Carmem Miranda, Carolina Maria de Jesus, Maria Montessori, Malala Yousafzai, Greta Thunberg, entre outras. As narrativas foram apresentadas em forma de hora do conto e foram trazidos livros, revistas, vídeos e reportagens para que as crianças explorassem e realizassem suas interações. O interesse da turma pela temática foi tão grande que foi decidido transformar o projeto em uma pesquisa-ação, que se trata de ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1997). A fim de alcançar a comunidade escolar, foram produzidos materiais audiovisuais em forma de vídeos curtos onde as próprias crianças apresentavam as mulheres estudadas. As narrativas foram disponibilizadas nas mídias sociais da escola, para que mais pessoas pudessem conhecer o projeto e seu conteúdo, e disseminá-lo em rede.

Posteriormente, o projeto caminhou para investigar a história de vida das mulheres que fazem parte do cotidiano das crianças e que constroem diariamente a comunidade campo-bonense – fazendo este movimento do macro para o micro. Para isso, utili-

zamos fontes imagéticas e entrevistas semiestruturadas, a fim de conhecer a história de vida, sonhos, profissão, etc, das mulheres que convivem com cada aluno e a fim deste iniciarem o constructo de que cada indivíduo é um sujeito histórico que influencia o meio em que está inserido.

Referências

LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* Traduções: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª Edição Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

THIOLENT, M. *Pesquisa-Ação nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.

Arquivo dos autores (2022).



Representação gráfica das mulheres estudadas.





Contextos brincantes e descobertas encantadoras

Desde muito cedo, os bebês vão descobrindo o mundo que os cercam. Com a sua família, se expressam através de sentimentos, ações, brincadeiras e imaginação. Ao frequentar a escola, acontecem as interações com os colegas, e assim, ocorrem novas vivências, propiciando momentos de exploração, curiosidade e descobertas, além de muita imaginação. Dessa forma, a turma do Nível 2-DEF, que atualmente é composta por três professoras titulares e 20 crianças com a faixa etária de dois anos, iniciou o Projeto pedagógico intitulado "Contextos brincantes e descobertas encantadoras", objetivando propostas lúdicas e atraentes, aguçando a curiosidade das crianças para que elas possam ser protagonistas das descobertas do mundo que as cercam.

Sendo assim, nosso projeto foi iniciado com uma hora do conto, no qual as crianças foram convidadas a participarem desse momento maravilhoso, escutando a história *O lenço*, da autora Patricia Auerbach. A partir deste momento, as propostas foram surgindo, pois as crianças demonstraram muito entusiasmo e curiosidade em cada uma delas. Primeiramente, elas exploraram suas "mantinhas", procurando e identificando a sua – usando, assim, a criatividade. Em outro momento, foi oferecido para as crianças um cesto, que continha tecidos de diferentes tamanhos e texturas, com os quais elas puderam criar e brincar durante o tempo que desejassem. Brincar em cabanas de tecidos, dar banho nas bonecas e descobrir o que tem na caixa surpresa, despertou nelas muita imaginação e curiosidade. A cada dia, a alegria tomava conta dos nossos pequenos e, quando o momento de pintura com tintas no tecido chegou, foi mágico. Eles aproveitaram para apreciar a textura e até mesmo o seu "gostinho". Mãos lambuzadas e rostinhos pintados foram os mais lindos!

Foi proposta uma nova hora do conto, com o livro *O jornal*, também de autoria da Patricia Auerbach. As crianças foram convidadas a participar desse momento encantador, no qual a professora trouxe um boneco para a contação da história. Em seguida, eles puderam explorar o jornal de forma criativa e espontânea. Alguns estavam "lendo", outros amassando e também rasgando. A partir daí, as propostas foram apresentadas, e nossa turma criou barquinhos de papel, aviões e chapéus. As crianças puderam brincar, pintar, imaginar e criar suas histórias e vivências. Ainda dentro desse contexto, foram preparados espaços com caixas brincantes e fotos delas



Danieli Roseane Kirsch da Silva

Formada no curso de Magistério. Graduada em Pedagogia. Especialista em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão. Professora.

Graziela Cristina Becker

Formada no curso de Magistério. Graduada em Administração de Empresas. Graduada em Pedagogia. Especialista em Gestão Educacional. Professora.

Raquel Luciane Peters

Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicomotricidade e Ludopedagogia na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Professora.

para que pudessem se identificar, reconhecer os colegas e protagonizar esses momentos.

Dando continuidade ao projeto, pensamos em explorar outro livro da mesma autora, *A garrafa*, pois percebemos que nossas crianças se interessavam pelos materiais não estruturados, como potes, garrafas, caixas... Após uma linda hora do conto, as crianças se entusiasmaram muito pelas propostas ao colorir garrafas para transformá-las em bilboquê, explorar garrafas sensoriais, brincar com "espuma de sapo", soprando na garrafa, e ainda, manusear os brinquedos recicláveis confeccionados pelas famílias, atividades essas que são de grande entusiasmo e encantamento.

Dessa forma, proporcionando propostas lúdicas, é que nossa turma vivencia momentos prazerosos, de muita curiosidade e encantamento, pois brincar é a ferramenta mais importante no processo de ensino-aprendizagem, tornando a criança protagonista de suas descobertas.

Arquivo dos autores (2022).



Explorando o tecido e suas texturas, na turma do N2-DEF.

Referências

- AUERBACH, Patricia. *A Garrafa*. 1 ed, São Paulo: Brinquê-Book, 2018.
- AUERBACH, Patricia. *O Jornal*. 1 ed, São Paulo: Brinquê-Book, 2012.
- AUERBACH, Patricia. *O Lenço*. 1 ed, São Paulo: Brinquê-Book, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CAMPO BOM, *Documento Orientador Municipal de Campo Bom*, 2019.
- ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL CEBOLINHA, *Projeto Político Pedagógico*, 2022.

Arquivo dos autores (2022).



Caixas brincantes com fotos, na turma do N2-DEF.



Pré 1-B: descobrindo os mistérios do fogo



Como é de costume propormos experiências relacionadas à diversidade com nossas crianças, iniciamos a apresentação de conceitos e termos indígenas e a relação desses povos com a natureza, com a turma. Em um desses momentos em que utilizávamos gravetos coletados para a confecção de balançandãs, uma criança teve a ideia de utilizarmos os restantes em uma fogueira. Com isso, solicitamos às famílias que realizassem essa coleta com seus filhos, para que no final da semana conseguíssemos montar uma grande fogueira no pátio. A fogueira ficou linda, e as crianças começaram a questionar sobre o que mais poderíamos fazer com o fogo. Com esse interesse, decidimos realizar outros experimentos.

O que geralmente se faz com as crianças é protegê-las desse elemento, sem que elas possam ter a oportunidade de lidar com determinadas situações desde cedo – o que pode, na nossa opinião, fazer com que no futuro o jovem adulto esteja despreparado para lidar com situações simples do dia a dia.

A partir de simples afirmações das crianças, como: "o fogo é uma coisa que queima", "ele serve para fazer comida, porque ele cozinha as coisas", "ele

esquenta, então ele não deixa ficar frio", "o fogo da vela deixa claro quando falta a luz", buscamos ofertar experiências que pudessem confirmar as questões que eles trouxeram. Com isso, realizamos pesquisas e utilizamos métodos simples e práticos, que instigaram o pensamento e a curiosidade, para que elas refletissem, argumentassem, realizassem trocas, pois, como vimos, as crianças nos trouxeram um conhecimento prévio sobre o elemento fogo, convivendo com ele dentro de suas casas, quando visualizam seus familiares cozinhando, fazendo churrasco, acendendo um fogão a lenha ou lareira, ou mesmo uma vela quando falta eletricidade, adquirindo, assim, mais experiências e conhecimento sobre o assunto.

Por isso, concordamos com o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que diz:

As práticas pedagógicas devem ocorrer de modo a não fragmentar a criança nas suas possibilidades de viver experiências, na sua compreensão de mundo feita pela totalidade de seus sentidos, no conhecimento que constrói na relação intrínseca entre razão e emoção, expressão corporal e verbal, experimentação prática e elaboração conceitual (BRASIL, 2013, p. 88).

Com esta visão, propomos algumas experiências durante a caminhada desse projeto como, por exem-

Ana Carolina Ramos Vieira

Formada no curso de magistério. Graduanda em História. Professora.

Mariana Schenkel Vargas

Formada no Ensino Médio. Auxiliar de ensino.

plo, o manuseio de palitos de fósforos e isqueiros com supervisão constante, queima de diversos tipos de materiais para a contagem do tempo, confecção de gráfico, brincadeira com sombra de velas acesas, observação de termômetro de ambiente próximo ao fogo, entre outras vivências no cotidiano.

Os relatos das crianças sobre essa experiência com o elemento fogo foram, em sua grande maioria, uma mistura de alegria e medo. Alegria, por poderem manipular algo que, no pensamento deles, era impossível e inalcançável para uma criança, ao mesmo tempo em que o medo também era um sentimento bastante recorrente, pois muitos diziam que “em casa mamãe não deixa, ela diz que queima meu dedinho”.

Concluindo, a turma do Pré 1-B alcançou seus objetivos, comprovando suas hipóteses e vivenciando experiências que ficarão para sempre em suas memórias. As crianças, hoje, podem dizer que o elemento fogo já não é mais um mistério em suas vidas, e que criança pode, sim, usá-lo em brincadeiras supervisionadas, sem temer e com responsabilidades – e nós somos muito gratas por termos tido a oportunidade de presenciar cada olho brilhar de maneira diferente em cada chama que se acendia, num simples palitinho de fósforo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica*. Brasília, MEC, SEB, 2010.



Arquivo dos autores (2022).



Experiência do termômetro no calor do fogo.

Arquivo dos autores (2022).



A primeira fogueira da turma, que teve a participação das famílias na coleta dos gravetos.



Acolhendo os bebês e suas famílias aqui na Claudy

Arquivo dos autores (2022).



Momento de descanso.

Com o início do ano letivo, vimos a necessidade de pensar nas formas de acolhimento desta nova comunidade escolar que estava chegando para a instituição.

Em nossa realidade, temos as turmas do Nível 1 e Nível 2 que compartilham a mesma sala, necessitando ainda mais que a dinâmica de acolhimento inicial fosse adequada na organização das rotinas em que estes bebês e suas famílias começam a entrar dentro do período que entendemos como adaptação ao espaço escolar.

"Entende-se, então, que a adaptação é considerada como um momento de transição,



tendo em vista que, de maneira gradativa, a criança vai criando vínculos com professores e outros adultos, com outras crianças e com o meio. Esse período demanda sensibilidade e olhar atento do professor e demais profissionais da instituição, de modo que as necessidades das crianças sejam atendidas" (REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO, 2018).

Dentro disto, nos atentamos para realizar este atendimento com qualidade, promovendo uma socialização entre as crianças, adultos e espaços que compõem a instituição escolar para que a adaptação ocorresse de forma tranquila, respeitosa, criando vínculos.

"A adaptação na Educação Infantil precisa ser compreendida na perspectiva do acolhimento como princípio norteador para o trabalho educativo. A organização do ambiente precisa ser pensada para acolher e motivar as aprendizagens das crianças; as rotinas e as jornadas diárias precisam acolher as experiências dos bebês e das crianças, dando-lhes o tempo



Julia Berigula Dutra

Graduada em Letras. Especialista em Psicopedagogia. Professora.

Macksuel Augusto Stenert

Graduado em Educação Física. Especialista em Educação Infantil. Professor.

necessário para brincar e explorar; o período de adaptação precisa acolher as crianças e suas famílias e levar em conta as emoções que surgem neste período depois” (REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO, 2018).

Embasado nas concepções anteriores e levando em consideração este processo que entendemos como período de acolhimento das crianças e suas famílias na escola, organizamos nossa prática da seguinte maneira: conversa com a equipe da sala para alinharmos o pressuposto que será usado como base da prática durante o ano; organização dos documentos referentes ao início do ano letivo; contato com as famílias para agendamento das entrevistas; entrevistas com as famílias e organização dos primeiros horários de adaptação da criança; organização do espaço para acolhimento; acolhimento das crianças e familiares, realizando as conduções necessárias para que o processo transcorra de forma respeitosa, pensando sempre em ações para que a criança se sinta segura, estabelecendo vínculos com as pessoas e os elementos que constituem esse espaço; avaliação diária, reflexiva e individual em função do respeito ao tempo de cada criança e de suas necessidades. Este momento se dá também nas trocas com a família nos momentos de recepção e despedida da criança.

Assim, tivemos uma adaptação permeada pela confiança, com os vínculos afetivos já iniciados em virtude deste contato e organização. Não estamos dizendo que não tenhamos passado por situações normais deste período de adaptação, mas percebemos que transcorreu de forma mais tranquila e respeitosa para todas as partes envolvidas esta fase.

Além disso, esta confiança que as famílias depositaram em nosso trabalho nos aproximou mais dos bebês. Conseguimos explorar de forma abundante o espaço externo da escola, promovendo encontros entre as crianças de diversas faixas etárias. Conseguimos observar as famílias chegando na escola e se encantando.

Referências

Secretaria de Estado da Educação. *Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil*. Porto Alegre, Departamento Pedagógico, 2018. v. 1.



Arquivo dos autores (2022).



Brincando no período de adaptação.



Brincar na natureza em um ambiente saudável é direito da criança

A EMEI D. Pedro I encontra-se num local privilegiado, no qual nos fundos da escola existe um espaço com bastante árvores, flores e elementos da natureza que fazem com que nossas crianças vivenciem o brincar num habitat natural, propiciando observações e descobertas.

Ao interagir e brincar em meio à natureza, e escutar histórias sobre a preservação do meio ambiente, a turma do Pré 1 desenvolveu o projeto científico "Somos únicos! Mas, juntos fazemos a diferença neste planeta! Faça a sua parte sendo... Semeadores da Natureza!", envolvendo-os em novas pesquisas, pois tinham de responder uma questão muito importante: Como realizaríamos mudanças para preservar o nosso planeta? E, para responder, foram diversas propostas envolvendo vídeos, desenhos, dança, música, teatro com fantoches, jogos e passeio, ampliando saberes.

Conheceram sobre Direitos da Criança e Meio Ambiente – Relatório do Relator Especial das Nações Unidas. Este documento os fez pensar sobre os efeitos que podem causar os problemas ambientais para as crianças, como a poluição da água, solo, ar e os ecossistemas desequilibrados.

De acordo com Louv (2016), a criança e a natureza deverão ser indissociáveis, pois a saúde da criança depende da saúde do planeta e as experiências na natureza geram melhoras para nossa saúde mental e física.

O relatório enfatiza que as crianças possam aprender com a natureza, participando de projetos que tratem dos problemas que afetam o meio ambiente local e global. Também pontua que todas as crianças têm o direito de relaxar, brincar e participar de uma ampla gama de atividades.

O contato ao manusear a areia, pedras, árvores, fazer comparações, ter diferentes sensações, instiga a criança a aprender sobre a sua própria existência e respeitar seu meio ambiente. Assim, permite desafios e contribui para seu bem-estar físico, emocional e social.

E para vivenciar mais o brincar e relaxar na natureza, a turma ouviu a história *Curumim*, do autor Tiago Hakiy, e conversamos sobre os benefícios deste brincar. E claro, o principal ponto foi estar no pátio da escola, observando os animais no entorno e os sons ao redor, descansar ao deitar-se na rede, subir no pé de goiabeira, brincar com os elementos da natureza, troncos, madeiras, cabaças e bichos de madeira e conversar sobre como foi este brincar. A turma vivenciou através do lúdico como se sente o curumim, conectando-se mais com o meio ambiente em que vivem, pois a cultura indígena nos ensina que a relação com a natureza está ligada ao afeto e o sagrado, como se a terra fosse a grande mãe.

O passeio realizado ao CEMEA Nestor Weiler, trouxe a proximidade de um local que dissemina o conhecimento sobre o meio ambiente, e os alunos estiveram atentos ao que foi explicado sobre compostagem, plantas e os diferenciais deste espaço.

Ao assistirem aos filmes *Rio 1* e *Rio 2*, dialogaram e pensaram sobre assuntos como o tráfico e a extinção dos animais, o desmatamento e as mudanças na natureza em nosso habitat e quais efeitos. Adoraram

Micheli Fröhlich Fleck

Formada no curso de Magistério. Graduada em Educação Física. Especialista em Educação Inclusiva. Professora.

Vladimir Luis da Silva

Graduado em Pedagogia. Auxiliar de Ensino.

ver também a *Turminha do Ecossistema*, em que seus personagens ar, terra, fogo e água contam sobre a importância de cuidar do meio ambiente trazendo diferentes assuntos em questão, explicando de modo lúdico e cantando.

Utilizaram o Explorador Kids, e colocaram o nome do robô de “Joana” – e, através deste, jogaram memória referente aos estudos pesquisados. Para finalizar, distribuíram um panfleto falando sobre a importância da natureza para as nossas vidas, com dicas sobre o recolhimento do lixo referenciando o site da prefeitura de Campo Bom, sobre o descarte e a importância do “Brincar na natureza para as crianças”. Pois, para que esta campanha se propagasse e as ideias fossem adiante, a turma do Pré 1 levou a sério o seu papel como “Semeadores da Natureza” engajados e, principalmente, preocupados com o que viram nos ambientes.

“As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que as rodeiam, e na da sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais.” (SILVA, MACEDO e NUNES, 2002, p. 18).

O imagético infantil foi ampliando-se a cada vivência, encenação, canto, debate ou detalhe observado. Mesmo sendo pequenos, iniciaram a compor a sua própria história de vida através do pesquisar e brincar. Passaram a lembrar que fazemos parte desta vasta natureza, e que ser uma criança ativa na sua comunidade fará o diferencial, pois semear gestos de cuidados com o meio ambiente e saber seus direitos é essencial, modificando o seu modo de ver o mundo.



Referências

LOUV, R. *A última criança na natureza: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. São Paulo, Aquariana, 2016.

SILVA, Araci Lopes da; MACEDO, Ana V. L. da S.; NUNES, Ângela (Org.). *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Adolescência. *Manual de Orientação. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. Rio de Janeiro: SBP, n. 1; 2016. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166dMOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf. Acessado em 20 de maio de 2022.



Construção da identidade através do projeto "Tudo sobre mim"

Arquivo da turma (2022).



Aluna apresentando a caixa Minhas Memórias.

A turma do Pré-2 da EMEI Dedinho de Ouro iniciou o ano com o projeto "Tudo sobre mim", tendo como objetivo reconhecer-se como indivíduo único, no meio de tantos outros únicos também. A identidade caracteriza-se como um desenvolvimento singular, no qual quanto mais autoconhecimento temos, melhor se dá este processo. Ser conhecedor do nosso papel, importância, origem e história nos

permite ser atuantes no meio em que vivemos, pois, segundo documento da Base Comum Curricular:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais (BRASIL, 2018, p. 42).

Utilizando atividades que trabalharam o tema de forma lúdica, foi sendo abordada e construída a imagem do "eu", suas características únicas, semelhanças e diferenças entre os pares. Em diversos momentos, também foi trabalhado o respeito à diversidade, assunto muito pertinente ao momento atual, e, que está intimamente ligado à identidade, afinal, todos pertencemos a uma cultura, e carregamos essa identidade cultural. Concomitantemente, foi levantada a questão sobre o respeito ao diferente, pois isso torna pessoas únicas e especiais. Afinal, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais:

Educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e

Franciele Aline Hoffmeister

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Neurociência e Psicopedagogia Institucional Escolar. Professora.



é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (BRASIL, 2004, p. 7).

O projeto abordou as diferentes estruturas familiares, bem como as características dos integrantes delas, a partir da história *O livro da família*, de Todd Parr. As famílias também foram envolvidas no projeto, participando da tarefa de casa que consistia na montagem da caixa *Minhas Memórias*, incluindo itens que recordam os primeiros anos de vida da criança, como fotografias, roupas, sapatinhos, brinquedos e objetos diversos. As crianças trouxeram para a escola suas caixas prontas e apresentaram para os colegas. Foram momentos muito alegres, em que elas apresentaram tudo com muito entusiasmo, mostrando seus valiosos objetos pessoais que fizeram parte de sua infância.

Na reta final do projeto, foi abordado acerca do nome de cada criança, tendo como principal objetivo que cada uma se reconheça como um sujeito importante que possui um nome que é só seu, afinal,

o nome próprio de uma criança é seu marco de identificação, sendo muito valorizado por ela e constituindo uma característica muito importante da sua identidade. A partir dessa perspectiva, foram realizadas diferentes propostas envolvendo o nome próprio, utilizando os mais variados recursos. Realizamos a escrita na areia, com alfabeto móvel, escrita com tinta, jogo da memória com nomes e fotografias, entre outros.

Concluindo, foi muito satisfatório ver que as crianças participaram das atividades propostas com entusiasmo e alegria,

percebendo-se como seres únicos, com características próprias e capazes de ser atuantes no meio em que estão inseridos, atingindo, assim, os objetivos do projeto realizado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília/DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira*. Brasília/DF, 2004.

Arquivo da turma (2022).



Aluno escrevendo seu nome na areia.



Heróis do meio ambiente

A turma do Pré 2B mostrou-se preocupada com os problemas que estão acontecendo com o meio ambiente, então decidimos colocar a mão na massa e agir como fazem os super-heróis, e assim, proteger o nosso planeta.

As crianças pesquisaram em casa e no pátio da escola as irregularidades encontradas. Perceberam que algumas pessoas não sabiam descartar corretamente o lixo, utilizando apenas uma lixeira na cozinha de casa. Outras colocavam o óleo de cozinha na pia ou diretamente no lixo; e nossa escola precisava ter um espaço para colocar as folhas que caem das árvores, evitando armazená-las em sacos plásticos.



Descobrimos então, que estas atitudes geram impactos ambientais negativos e começamos a pensar no que poderíamos fazer para mudar essa realidade, tendo em vista que podemos começar em casa e no nosso local de trabalho; formar parcerias com instituições, informar as famílias, utilizar menos sacolas plásticas, consumir menos enlatados e alimentos armazenados em embalagens plásticas, reaproveitar embalagens, construir hortas e composteiras, utilizar restos de alimentos orgânicos e folhas de árvores para adubar, evitando acúmulo de lixo.

Sem uma educação sustentável, a Terra continuará apenas sendo considerada como espaço de nosso sustento e de domínio técnico tecnológico, objeto de nossas pesquisas, ensaios, e, algumas vezes, de nossa contemplação. Mas não será o espaço de vida, o espaço do aconchego, de "cuidado" como nos diz Leonardo Boff (1999).

Cada criança escolheu qual super-herói gostaria de ser para defender o meio ambiente e a professora confeccionou fantasias para reforçar nossa ação.

Arrecadamos óleo de cozinha usado, para fazer a troca por sabão, divulgando para a comunidade escolar que descartando corretamente deixamos de poluir o solo e os rios. Após fazer a troca em um local bem próximo à escola, as crianças levaram um folder explicativo e um sabão para casa.

Visitamos o CEMEA, conhecemos um pouco mais sobre os cuidados que devemos ter com a terra e hortas, fortalecendo a ideia de descarte correto do lixo.

As famílias construíram brinquedos com materiais recicláveis e a turma confeccionou um mascote também com recicláveis e cabelo de alpiste, sendo feita votação de nome que resultou em Barti, nome sugerido pelo pai da aluna Lívia.

Montamos uma Estande Ecológica no *hall* de entrada da escola, na Semana do Meio Ambiente, onde constavam mudinhas de temperos, flores e hortaliças, mural explicativo sobre o projeto, informativos da Horta Comunitária, informativo sobre a coleta seletiva de Campo Bom com os locais e datas para o descarte, explicação de como funciona o projeto de troca de óleo, doações de saquinhos de lixo produzidos com jornal, e vasilhinhos confeccionados, a partir de caixinhas de leite, pelo pai da professora Aline, titular da turma.

Conseguimos, no decorrer das pesquisas e com a prática, atingir de forma gradativa as crianças – que estão cada vez mais ansiosas, mas que, no entanto, se interessam por pequenos animais como minhocas, ver a germinação da semente até que possamos utilizar o fruto –, mostrando a elas o quanto a

Aline Pinheiro de Souza

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia. Professora.

natureza é rica em ensinamentos e que precisamos praticar a paciência, fugindo do imediatismo.

O jardim permite trabalhar com a terra, aprender a cuidar da “teia da vida” (CAPRA, 1996). Perceber a Terra através da terra. Ver a semente assumir a forma de planta e a planta a forma de alimento – o alimento que nos dá vida. Ensina-nos a paciência e o manuseio cuidadoso da terra entre o semear e o colher. Aprender que as coisas não nascem prontas. Precisam ser cultivadas, cuidadas. Aprendendo, também, que o mundo não está pronto, está se fazendo, está nos fazendo; que sua construção exige persistência, paciência esperançosa da semente que, em algum momento, será broto e será flor e será fruto (CAPRA, 1996).

Arquivo da autora (2022).

Após esse trabalho, percebemos um grande crescimento através das práticas, das informações e descobertas. A pracinha está mais limpa, a terra mais adubada e rica em nutrientes. Temos horta, composteira e um espaço verde aromático para nossas crianças explorarem; e ainda pretendemos encerrar nosso projeto com um delicioso sanduíche da Maricota produzido com as hortaliças da nossa horta.

Referências

BOFF, Leonardo, 1999. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes.

CAPRA, Fritjof, 1996. *The Web of Life: a New Scientific Understanding of Living Systems*. New York: Anchor Books.

Junho de 2022 **NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA** Vol 1 Edição 1
 Jornal mensal Pré 2 B EMEI Estrelinha Azul



Nesta edição

VOCÊ SABIA?

Que não devemos colocar frutas cítricas na horta, nem cascas de cebola e alho? Porque isso altera o PH da terra e prejudicam as minhocas.

DICA DE ECONOMIA

Armazene óleo de cozinha usado em garrafa pet de 2 litros e troque por sabão. Você estará economizando e ainda ajudando a salvar nosso planeta fazendo o descarte correto.

FICA A DICA

Evite consumir alimentos em embalagens plásticas, mas se consumir, reutilize ou passe para alguém reutilizar, e se mesmo assim não for possível, destine para o lixo certo.

PROJETO HERÓIS DO MEIO AMBIENTE

Por Aline Pinheiro de Souza e turma Pré 2B

Precisamos colocar em prática nosso conhecimento, caso contrário de nada valerá. Existe muitos pontos de coleta para reciclagem. Evite usar frases como: Não tenho tempo para isso! Não adianta separar o lixo porque depois é tudo misturado no caminhão! Conheça seu bairro. Conheça a pessoa que recicla e coloque em um horário diferente da coleta de lixo. Pense no futuro das crianças!



Tempo de Decomposição

Papel	→	3 a 6 meses
Pano	→	6 meses a 1 ano
Filtro de café	→	Mais de 1 ano
Madeira pintada	→	Mais de 13 anos
Nylon	→	Mais de 20 anos
Metal	→	Mais de 100 anos
Alumínio	→	Mais de 200 anos
Plástico	→	Mais de 400 anos
Vidro	→	Mais de 1000 anos
Borracha	→	Indeterminado

Jornal da turma do Pré 2B, com dicas e informações.

Arquivo da autora (2022).



Alunos da turma Pré 2B conhecendo nossas amigas da horta: as minhocas!



Tecendo novos fazeres acerca da documentação pedagógica na Educação Infantil



Arquivo dos autores (2021).



Alunos jogando.

Nossa reflexão iniciou em meio à pandemia de Covid-19, onde, com tantas incertezas, uma em especial nos afligia mais: quando e como será o retorno das aulas presenciais?

Refletimos também sobre o modo que atenderíamos as crianças e de que forma poderíamos suprir as necessidades individuais, sendo que nós mesmas nos encontrávamos em um período de muitos anseios, dúvidas e reflexões.

Dentre tantos questionamentos, havia uma única certeza: a escola não poderia mais ser a mesma de antes, pois a pandemia e o isolamento social trouxeram diversas mudanças de vida para todas as pessoas.

No mês de maio de 2021, ocorreu o retorno presencial das aulas. Professores e crianças estavam com uma expectativa muito grande, pois nossa escola estava passando por uma grande reforma em todo o prédio, sendo que, por este motivo, fomos direcionados para outro espaço: o Centro Municipal de Educação (CME), que foi organizado e planejado cuidadosamente para receber e atender as necessi-

dades das crianças. O CME foi uma grata surpresa, pois possui um amplo espaço e um pátio muito arborizado, onde todas as crianças do Pré1 AC do turno da tarde logo se encantaram pelo local.

Nos primeiros dias, fomos observando cada criança: sua forma de brincar, de agir e se relacionar; assim conseguíamos perceber as necessidades da nossa turma e de cada aluno na sua individualidade. Logo percebemos que o encantamento das crianças estava em frequentar a escola novamente, depois do longo período afastadas do espaço escolar.

Em uma de nossas reuniões pedagógicas, levantamos a hipótese de desenvolver as atividades através dos campos de experiências que constam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), buscando uma aprendizagem integral para as crianças e respeitando os direitos de aprendizagem.

A Equipe Diretiva da escola logo demonstrou confiança nesta nova prática pedagógica, nos apoiando e orientando sempre que necessário e, ainda ressaltando que nossa prioridade seria os aspectos emocionais.

Bardanca e Bardanca nos afirmam que os sentimentos “[...] devem ser mantidos como os maiores tesouros das pessoas” (2018, p. 51).

Após muitas reflexões, reorganizamos o espaço, tornando-o mais convidativo para o brincar, e com uma maior intencionalidade afetiva e pedagógica. Nos primeiros contatos com o local reorganizado, observamos um brilho no olhar de cada criança.

Lisiane Panzenhagen de Souza

Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica em Educação Infantil. Graduada em Pedagogia. Professora.

Também, conforme o tempo passava, mais crianças voltavam ao ensino presencial e com isso elas ficavam cada vez mais felizes de estarem novamente em um espaço de socialização com seus pares.

Salientamos que a escola de educação infantil deve ser um local de aprendizagens e encantamentos, com momentos e espaços planejados onde favoreçam os saberes de cada criança e, que a ludicidade esteja presente em cada ação (HORN, 2004).

Dentro de nossas propostas, desenhamos um mapa que os alunos tiveram que abrir, e, com auxílio das professoras, ler as pistas a seguirem até encontrar o tesouro, que era o nome de cada criança. Neste dia, estava chovendo e pensamos em realizar a proposta em outro momento, porém consideramos que a chuva faz parte do nosso cotidiano – sendo assim, optamos em prosseguir. Destacamos, ainda, que sempre planejamos atividades que de fato possam ser significativas para as crianças e que estejam embasadas no brincar, sendo este o foco da Educação Infantil.

Salientamos que sempre buscamos seguir nosso cotidiano, firmando uma boa parceria entre família e escola. Desta forma, pensamos em organizar um documento que dialogasse com as famílias, para que as mesmas pudessem se sentir participantes de cada momento vivenciado pelas crianças no espaço escolar. Optamos em relatar as propostas com uma escrita simples e didática, de forma que as famílias pudessem compreender como o espaço foi organizado e nossas intencionalidades pedagógicas com foco no desenvolvimento integral das crianças, abrangendo os aspectos físicos, motores, cognitivos, sociais e emocionais, além de fomentar a exploração, a descoberta e a experimentação.



Referências

HORN, Maria da Graça Horn. *Sabores, cores, sons, aromas: A organização dos Espaços na Educação Infantil*, Porto Alegre: Artmed, 2004.

BARDANCA, BARDANCA, Ângeles Abelleira, Isabel Abelleira Bardanca. *Os fios da infância*. São Paulo: Phorte, 2018.

Arquivo dos autores (2021).



Caça ao tesouro foi um momento de pura interação, de alegria e muitas trocas, pois todos estavam felizes com seu tesouro, mas também queriam saber do colega e assim foram relacionando as letras iguais que tinham nos nomes.

Arquivo dos autores (2021).



Hora do conto: chá das 10h.



O cof cof do Pré 1-B: de onde vem a tosse? A pesquisa científica na Educação Infantil

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surgiu para determinar os conhecimentos e as habilidades essenciais que todos os alunos têm o direito de aprender durante sua vida escolar. Como referencial para a construção dos currículos de todas as escolas do País, a BNCC foi elaborada estabelecendo como pilares dez competências gerais que devem nortear o trabalho dos professores. A 2ª competência trata do desenvolvimento do Pensamento Científico, Crítico e Criativo.

A BNCC (2018) diz que essa competência é atingida ao:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018, p. 11).

Nesse cenário, as feiras de iniciação científica (FIC's) das escolas são um momento ideal para explorar com os alunos esse pensamento científico, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Muitos são os temas recorrentes nas FIC's e o importante é torná-los adequados à faixa etária dos alunos que irão pesquisá-los.

Na Educação Infantil, com práticas pedagógicas que privilegiem brincadeiras e interações, a pesquisa deve ser norteada de forma a garantir os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento traçados pela BNCC (2018): conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Dessa forma, realizar uma pesquisa cujo tema é comum às crianças, partindo de um questionamento simples, tornará o trabalho prazeroso e cheio de novas descobertas, afinal: a curiosidade é inerente aos pequenos. Uma pesquisa significativa foi o que ocorreu na Turma de Pré 1-B da EMEI Pastor Waldemar Ramão, no primeiro semestre de 2022.

Todos os dias, após a acolhida inicial das crianças na sala referênciada, é feita a Chamadinha do Pré 1-B. Tal recurso, trata-se de um cartaz com as fotos das crianças. Nesse momento pontual da rotina, percebeu-se que os alunos sempre levantavam a hipótese de que o colega havia faltado porque estava com tosse. Inclusive, se a professora ou a auxiliar de ensino ausentavam-se, as crianças seguiam levantando a hipótese de ser em função de tosse.

Doenças respiratórias e alergias são comuns na infância, em especial no Rio Grande do Sul, onde temos variações bruscas de temperatura. Na turma de Pré 1-B, há várias crianças que têm asma e sinusite crônica. Dessa forma, o sintoma de tosse é comum no dia a dia da turma, justificando a hipótese levantada pelas crianças de que "o amigo faltou porque estava com tosse".



Ana Aline Gomes Schmitt

Graduada em Letras. Pós-graduada em Literatura Infantojuvenil. Professora.

Olga Cristina da Rosa Pereira

Graduada em Artes Visuais. Especialista em Anos Iniciais e Educação Infantil com ênfase em Ludopedagogia e Literatura Infantil. Coordenadora pedagógica.

Assim, surgiu o problema de pesquisa da turma de Pré 1-B: "Meu amigo faltou porque está com tosse. De onde vem a tosse?"

Hipóteses surgiram durante as conversações: a tosse vem de dentro da gente; a tosse vem do pulmão; a tosse vem do frio. Para ratificar ou rechaçar essas hipóteses, muitas trocas verbais, horas do conto e atividades práticas foram realizadas; e vídeos foram assistidos. Ao longo da pesquisa, os registros foram feitos em três suportes: mural de descobertas, caderno de bordo e pasta de desenhos e fotos.

As crianças descobriram que nem sempre a tosse está relacionada a alguma patologia. Muitas vezes, uma tosse leve é um mecanismo para proteger as vias respiratórias impedindo a entrada de germes, corpos estranhos e alimentos, além de ajudar a remover as secreções. Entender o que é a febre, conhecer medicamentos e protocolos de etiquetas respiratórias foram algumas das investigações e aprendizagens da turma que, em um período de pós-pandemia, deu seus primeiros passos no mundo do conhecimento científico.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Arquivo dos autores (2022).



Conhecendo o aparelho nebulizador.



Fonte: Arquivo dos autores (2022).



Crianças apresentando seus cartazes de etiquetas respiratórias: o jeito certo de tossir.



RAWR: no mundo dos dinos!



Algumas características das diferentes dietas de cada grupo de dinossauro.



Explorando o pátio à procura das diversas dentições dos dinossauros.

Arquivos do autor (2022).

tífico "Rawr: no mundo dos dinos!".

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (2018, pp.42 - 43),

[...] as crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços e tempos. Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico e o mundo sociocultural. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações.

Ao longo dos meses de março a junho, realizamos diversos momentos de exploração em campo e pesquisa, pois bons paleontólogos estão sempre atentos aos pequenos detalhes en-

bertos pelo tempo.

Munidos de kits de exploração, contendo lupa, binóculo, pincel e colete de paleontólogo, saímos rumo à pesquisa no pátio da escola, proporcionando, assim, momentos de autodescoberta sobre estes animais já

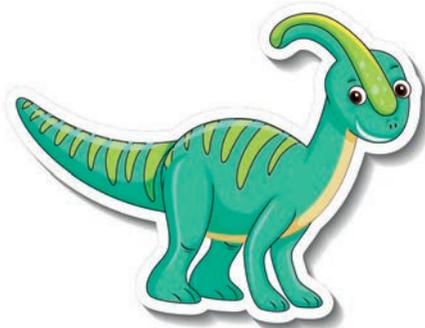


Bruna Thailine Borges da Silva

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicomotricidade e em Educação Infantil. Professora.

No início do ano letivo de 2022, após diversos momentos de sondagem referentes ao que a turma do Pré 1-B gostaria de conhecer e aprofundar seus conhecimentos, surgiram dúvidas e questionamentos sobre os temidos dinossauros e a sua alimentação.

A turma sentia muita curiosidade em saber se todos os dinossauros consumiam carne. Com esta pergunta norteadora, desenvolveu-se o projeto cien-



extintos há tanto tempo.

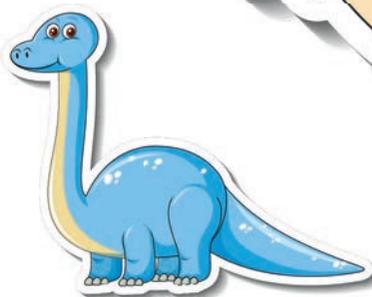
Além das explorações paleontológicas, pesquisamos sobre a alimentação dos dinossauros, descobrindo que não são todos que

comem carne. Com essa revelação, encontramos agrupamentos de diferentes espécies a partir de sua dieta. Também procuramos características que pudessem diferenciar os dinossauros carnívoros, onívoros e herbívoros.

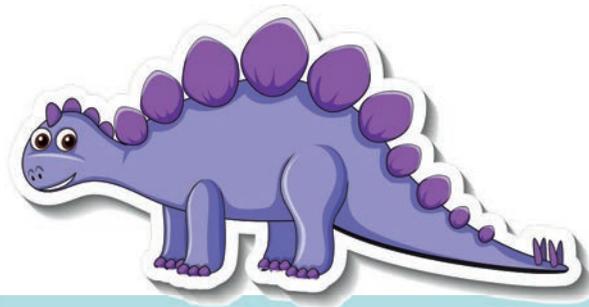
Uma de nossas impressionantes descobertas, após muita pesquisa, foi que cada grupo possui uma dentição específica. Os dinossauros carnívoros possuem dentes e garras afiados, e são ágeis para capturar a sua presa. Os dinossauros herbívoros alimentam-se predominantemente de vegetais – sua dentição é pequena, porém resistente – e, por sua vez, são pesados e lentos. Já os dinossauros onívoros se alimentam de ambas as fontes de alimento, possuindo uma dentição mista e possibilidade maior de sobrevivência nos diferentes períodos em que existiram.

Após estes inúmeros momentos de intensa exploração na prática, pesquisas em diversas fontes de informação, além da pesquisa realizada com as famílias sobre especificidades dos dinossauros, a turma, por si só, prontamente já passou a perceber que no planeta Terra não existiam somente dinossauros carnívoros.

As crianças ampliaram seus conhecimentos acerca da dieta dos dinossauros, além de conhecer mais sobre este rico universo cheio de mistérios, que encanta e fascina com seus fósseis bem preservados e novas espécies que são encontradas por meio dos paleontólogos em suas incríveis escavações.

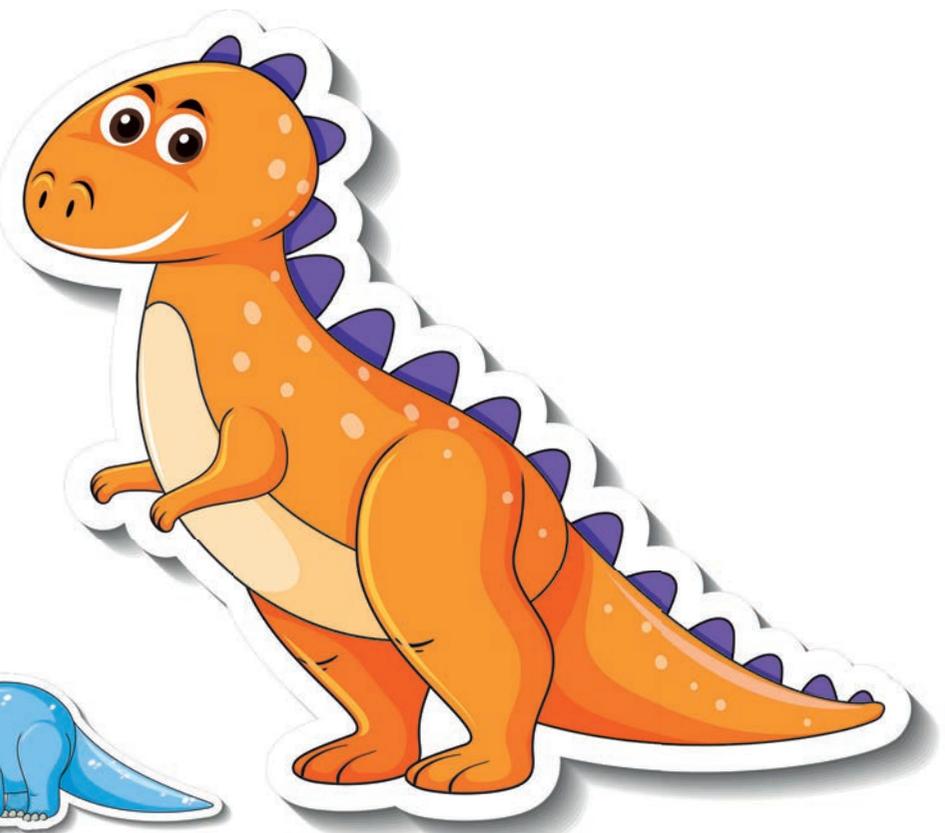


Proporcionar contextos investigativos, atrelados à ludicidade, aos direitos de aprendizagem e campos de experiência previstos na Base Nacional Comum Curricular, tornam os estudos em sala de aula mais divertidos, com significância, e de fácil compreensão.



Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Brasília: MEC, 2018.





Medo de quê?

Elaborado pelos autores (2022).



Em cima, os medos confeccionados pelas famílias.
Embaixo, a releitura fotográfica de *O grito*, de Edvard Munch.



Como transformar o imaginário em algo concreto? Não é uma tarefa fácil nem tão difícil. Imaginar a comida que já está cheirando para servir, ou até mesmo a brincadeira que se almeja brincar com o amigo é fácil. Mas e aquilo que nos amedronta, que muitas vezes nem sabemos como explicar... Como materializar o medo, nos deixando frente a frente com ele?

A turma do Pré 1A/B da EMEI Pedacinho do Céu se desafiou a pensar no medo e percebemos o quanto é difícil explicá-lo, diferente das outras emoções da história *O monstro das cores*, de Anna Llenas. As crianças escutaram a narrativa e, para cada uma das emoções, sabiam como demonstrar o amor, através de beijos e abraços; a alegria, com brincadeiras; sorrisos e pulos; a calma, quando se quer ficar apenas deitado ou sentado; a tristeza através do choro. Mas

quanto ao medo, apenas sabiam que era algo que as assustava e como se defender dele, que "é ficando perto dos pais". As hipóteses levantadas se transformaram em um texto coletivo. O medo, que é algo não tão palpável assim, pôde ser desenhado por cada criança, e em gráfico, a turma constatou que a maioria tem medo de aranha.

Em uma dinâmica bem lúdica, a turma desenhou com carvão vegetal na folha A3 os seus respectivos medos. Em um outro momento, depois de ouvirem a história *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque,

Francisca Gabriela da Rosa Pereira

Pós-graduada em Educação Infantil. Graduada em Comunicação Social: Hab. Jornalismo. Formada no curso de Magistério. Professora.

Mariana Orsi Petry

Pós-graduada em Educação Infantil. Graduada em Letras Português e Inglês. Formada no curso de Magistério. Professora.

cada criança pôde transformar o seu medo em algo engraçado, utilizando colagem de materiais diversificados.

Cada família confeccionou com sucatas o medo do seu filho. No dia combinado, cada um apresentou para os colegas seu respectivo medo, falando os materiais que foram utilizados para a realização da tarefa. Com seus medos "em mãos", as crianças puderam ver que eles não são tão assustadores quanto parecem e que podemos deixá-los engraçados, divertidos. Então, para enfrentarmos os medos de cada um, a turma passou por dentro do túnel do medo, onde eles podiam ver os trabalhos feitos em família, pendurados no decorrer desse túnel.

A conversa sobre os medos veio e, com ela, surgiu a lembrança de como enfrentá-los, caso aparecessem novamente. A turma relembrou da história da *Chapeuzinho Amarelo*, ressaltando que bastava deixar o medo engraçado ou então ficar perto dos pais.

Como resposta para as hipóteses levantadas durante a pesquisa, a turma escutou a história *Quando eu sinto medo*, de Trace Moroney, que dava várias dicas para que cada um de nós pudéssemos enfrentar nossos medos. Além disso, na história a autora também nos ensinou que "sentir medo é bom, pode ajudar-nos a evitar o perigo e fazer-nos gritar por socorro" (MORONEY, 2007, s/p). Então, para liberar nossos medos, cada um da turma pôde desenhar as dicas da história, encaixando o que seria a melhor forma de enfrentar o próprio medo.

Após observar e relatar a cena da obra *O grito*, de Edvard Munch, a turma participou da releitura fotográfica, sendo este um momento de descontração para os pequenos que, mais uma vez, perceberam que há várias maneiras de enfrentar os medos.

Ao abordar esta temática, percebemos que é possível e necessário promover na Educação Infantil experiências que possibilitem às crianças desen-



volverem estratégias para lidar com seus medos e emoções no decorrer da vida.

Referências

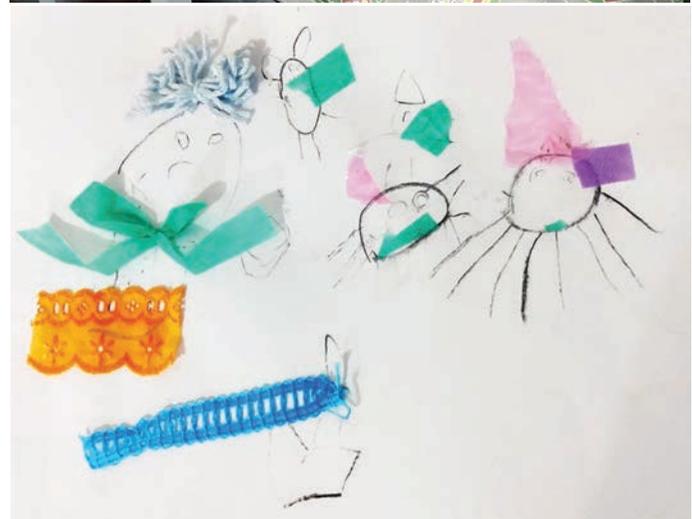
AIDAR, Laura. *O grito: obra expressionista de Edvard Munch*. Disponível em <https://www.google.com/amp/s/www.todamateria.com.br/o-grito/amp/>. Acesso em 19 de maio de 2022.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LLENAS, Anna: tradução de Rosana de Mont'Alverne Neto. *O monstro das cores*. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

MORONEY, Trace. *Quando eu sinto medo*. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora LTDA, 2007.

Elaborado pelos autores (2022).



Proposta de desenhar o medo com o carvão vegetal e transformá-lo em algo engraçado.



Vamos colorir nosso mundo!

Pensando no momento delicado em que se viveu desde o ano de 2020, onde foi necessário um longo período de distanciamento social, cerceando o convívio escolar, este projeto com a faixa etária do Nível 3 foi pensado para propiciar um espaço de escuta, expressão e acolhimento das emoções e sentimentos das crianças, assim como dos adultos que a cercam. Utilizamos para tal feito as mais diversas expressões artísticas, bem como tendo ciência da importância de um processo de desenvolvimento das habilidades fundamentais do ser humano em um ambiente seguro e acolhedor. Esta temática oportunizou uma aprendizagem integral, significativa e a construção da atribuição de significado às experiências cotidianas. Como afirma Nunes (2009):

[...] as experiências físicas e emocionais ajudam a criança a se perceber melhor, é através da interação com o outro que amplia sua visão de mundo, tem seu potencial evidenciado e aprende a enxergar a si mesmo como ser atuante (NUNES, 2009, p. 18).

Uma das atividades realizadas para a introdução do projeto foi a hora do conto do livro *O monstro das cores*, da autora Anna Llenas. Depois de contar e recontar a história, confeccionamos a chamada da turma, onde cada aluno tinha um prendedor com sua foto e a colocava no monstrinho correspondente, assim, diariamente, a criança podia expor como estava se sentindo naquele dia e, durante a rodinha, eram questionadas as razões de seu sentimento, bem como, através da mediação das professoras, as demais crianças escutavam e acolhiam os colegas, seja através de um abraço quando o amigo estava triste ou o deixando mais quietinho quando dizia que estava muito brabo. Com o passar dos dias, as



crianças relatavam com mais detalhes o que sentiam, situações vivenciadas em casa, práticas que estimularam além da fala, a organização de pensamento e a expressão de seus sentimentos.

Outra atividade significativa foi a pintura com ovos. Após roda de conversa sobre como nos sentimos quando estamos com raiva e o que podemos fazer para lidar com este sentimento, a turma foi até o pátio. Lá, organizamos um tecido claro no chão e uma bandeja com ovos. Depois de observarem alguns minutos o material, cada criança pegou um ovo e o jogou no chão. Então, tiveram uma grande surpresa: o ovo se partiu e dentro dele havia tinta guache, deixando assim no tecido uma marca única e muito divertida! Este tecido foi usado posteriormente para a confecção do portfólio das crianças, assim como as cascas de ovos coloridas foram coladas em um mosaico em forma de monstrinho.

Também realizamos a culinária do Bolo Arco-Íris. Esta foi uma experiência deliciosa, onde as crianças participaram de todas as etapas, desde o preparo da massa até levar a forma no forno da cozinha da escola para assar. Mas a surpresa ficou nas cores do bolo, já presentes no nosso projeto, relacionadas aos nossos sentimentos, e que coloriram a receita através de corante alimentício: descobrimos que, ao misturarmos duas cores, poderíamos criar outra ainda mais especial! Enviamos a receita para as famílias, estimulando-



Lilian Hansen

Formada no curso de Magistério. Graduada em Pedagogia. Especialista em Neuropsicopedagogia. Professora.

Tuyane Rayara Bach

Formada no curso de Magistério. Graduada em Pedagogia. Especialista em Neuroaprendizagem. Professora.

do a repetição do processo em casa, tornando este momento ainda mais significativo. Acreditamos que ao apresentarmos e envolvermos as famílias com o que estamos vivenciando em sala de aula, tornamos a nossa prática ainda mais estimulante para os alunos. Assim, eles passam a dialogar sobre suas experiências para além do ambiente escolar.

Esse foi um breve relato dentre as muitas propostas realizadas. Desde o princípio, buscamos auxiliar as crianças neste período atípico que estávamos vivendo, de pandemia, oportunizando ferramentas para que pudessem relatar suas angústias, alegrias, conquistas e dificuldades. Sabendo que a arte é uma ferramenta perfeita para nos expressarmos, de forma verbal ou não, acreditamos que o projeto "Vamos colorir nosso mundo" contribuiu para que as crianças ultrapassassem este período através da aprendizagem significativa, respeitando cada um, mas acima de tudo, trazendo afeto e alegria ao nosso dia a dia na escola.

Referências

CAMPO BOM. *Documento Orientador Municipal de Campo Bom*. 2019.

NUNES, VERA. *O Papel das Emoções na Educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.



Arquivo dos autores (2021).



Aluno Matheus Eduardo Muller Mallmann, da turma Nível 3ª, fazendo a chamada a partir da história *O monstro das cores*.

Arquivo dos autores (2021).



Aluna Marthina Rahiza Graeff Schmitt, da turma Nível 3B, realizando a culinária do Bolo Arco Íris.



Partilhando momentos, saberes e sabores

Apesar do ano de 2021 ter nos trazido um pouco de acalento, o cuidado, a proteção e os protocolos precisariam iniciar junto com o novo ano. Em nossa escola, mais um desafio extra, pois as turmas de Pré 1 e Pré 2 compartilham do mesmo espaço e as crianças estariam divididas entre manhã e tarde. Ainda que os protocolos tenham nos trazido novas perspectivas para um retorno seguro, nos foi apresentado um grande desafio: manter os vínculos afetivos entre os alunos destas turmas que estariam, momentaneamente, separados.

“A experimentação é sempre aquilo que está em processo de existir – o novo, o incrível e o interessante que substituem a aparência da verdade e são mais exigentes do que ela” (DELEUZE; GUATTARI, 1994, p. 111, apud EDWARDS *et al.*, 2016, p. 117).

Apreensivas em propor condições para manter o vínculo entre os alunos, mesmo eles estando separados em turnos opostos, as professoras Taciana e Jussara pensaram uma maneira que possibilitasse que as crianças pudessem colecionar memórias afetivas umas das outras: nada melhor para acalantar o coração do que um amigo deixar uma “gostosura” para os demais. Então, sempre respeitando os protocolos de higiene, as turmas da manhã e da tarde resolveram preparar receitas simples, uma vez por mês. A receita era escolhida em parceria com todos e a professora manuseava os ingredientes e as crianças tinham a tarefa de registrar as quantidades para a realização da receita, tornando este um momento de rica aprendizagem de saberes e valores, além de proporcionar muitas descobertas para os pequenos mestres-cucas.

Os alunos eram desafiados a realizar um cartaz coletivo sobre as quantidades de cada receita e, pos-

teriormente, a mesma era levada para as aulas no Laboratório de Informática Educativa e, em parceria com a professora de informática, Lilian, as crianças tinham a tarefa de registrar no computador a receita preparada em sala de aula. No Laboratório de Informática Educativa, em vez de xícaras e colheres, era a vez do mouse e do teclado entrarem em ação, quando as turmas faziam uso do editor gráfico *Paint on line* para desenhar os ingredientes que faziam parte da receita, deixando assim um registro também de forma lúdica, utilizando os diferentes meios de aprendizagem disponíveis em nossa escola.

As receitas preparadas na turma da manhã, eram deixadas para os amigos da tarde degustarem e os amigos da tarde, por sua vez, deixavam provinhas para os amigos da manhã. Desta forma, a distância que separava as turmas era acalentada pela memória afetiva que a tur-



Jussara Kayser

Pós-graduada em Formação de Professores. Professora.

Lilian Cristina Müller

Pós-graduada em Gestão Escolar. Professora.

Taciana Camila da Costa

Graduanda em Pedagogia. Professora.

ma do turno oposto deixava através de um lanche especial.

Quando o protocolo de segurança permitiu e as turmas voltaram a unir-se, as professoras assistiram o vídeo *A lenda da erva-mate*, narrada por Leila Cassol, pois era época de comemorarmos os costumes gaúchos, e então, prepararam um delicioso bolo de erva-mate com os alunos. Assim como na história contada, na qual o chimarrão foi criado para que ninguém mais se sentisse sozinho e fosse uma forma gentil de unir as pessoas, as turmas agora também estavam unidas novamente, partilhando momentos, saberes e sabores inesquecíveis para uma vivência escolar repleta de encantamentos, onde magia e realidade estavam no mesmo ambiente.

Esses momentos de memórias afetivas que as turmas vivenciaram, trouxeram uma bagagem de conhecimento na qual foi possível trabalhar diversas habilidades que envolveram noções de quantidades, numerais, texto coletivo, compreensão da função social da escrita, e, o mais importante: entender que o outro é valioso e faz parte da nossa vivência!

Doces, amargas, salgadas, coloridas... assim eram as experiências diárias e assim foi sendo construído com os pequenos um mundo melhor, com

mais amor ao próximo, com mais solidariedade, na esperança de que os abraços possam ser retomados pós-pandemia de uma forma renovada, mais energizada, com abraços fraternos de corpo, alma e coração!

Referências

A lenda da erva-mate. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Oolpqmqw2Us>. Acesso em 16 set 21.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. v. 2. Porto Alegre: Penso, 2016.

Paint on line. Disponível em <https://paintonline.com.br/paint.html>. Acesso em 16 set 21.



Alunos confeitando os bolinhos e registrando palavras e quantidades referentes aos mesmos.



Turma fazendo o bolo de erva-mate e desenhando os bolinhos no Laboratório de Informática Educativa.



Desafios e descobertas: uma forma de aprender juntos



Arquivo do autor (2021).

Crianças do Nível 3-C observando o sapo-cururu.

Após iniciar o ano de 2021, ainda com muitas incertezas, fomos nos adaptando a um “novo normal”. No segundo semestre, ao voltarmos à rotina de turno integral, tínhamos muitas descobertas a fazer.

Um dia, quando conversávamos na rodinha, uma professora entrou em nossa sala perguntando se o livro *O sapo comilão* estava conosco. Como a turma é de alunos sempre atentos, uma criança observou e disse que queria aprender sobre o sapo. Como nunca havia trabalhado sobre esse assunto, fiquei um pouco ansiosa. Falamos um pouco sobre isso – o que gostariam de descobrir – e logo foram surgindo as hipóteses. O que mais chamou a atenção naquele momento foi que todos tinham algo para perguntar,

empolgados em saber mais. Fomos planejar um pouco sobre o assunto para que as expectativas comessem a ser respondidas. No dia seguinte, retomamos a conversa e as dúvidas eram as mais variadas: “Que cor ele é? Ele é grande ou pequeno? O que ele come? Que barulho ele faz? Onde ele mora? Podemos pegar



Daiana Pedroso de Moraes Reichert

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação. Professora.

ele na mão?”, entre outras. Esta turma sempre trouxe desafios, pois as crianças são muito curiosas e atentas às informações.

Em um primeiro momento, apresentei um vídeo que falava sobre a metamorfose do sapo, mostrando a eles cada etapa desse processo. Construímos um quebra-cabeça e brincamos em duplas.

Uma professora da nossa escola, que ficou sabendo sobre o nosso projeto, trouxe do seu sítio alguns girinos. Neste dia, disse a eles que tinha uma surpresa bem legal, a qual deveríamos cuidar com muito carinho. Ao entrar na sala com um pote de água, todos ficaram olhando: estavam sentados em roda, e coloquei o pote no centro. Foi então que uma criança espiou e disse que tinha um bicho lá dentro, despertando os demais olhares curiosos. Surgiram os comentários: “é um peixe, é uma minhoca pequena”. Após discutirem um pouco sobre o que era, lembrei-lhes sobre a metamorfose do sapo, explicando que aqueles no pote, eram girinos ou “bebês de sapo”, como um dos alunos falou. Colocamos pedras grandes dentro do pote, pois descobrimos que os girinos gostam de ficar em volta delas. Todos os dias havia a expectativa de observar o crescimento, se já estavam nascendo as perninhas.

Entramos em contato com o CEMEA para um apoio sobre o que queríamos descobrir. O Professor Matheus colaborou, enviando vídeos e exemplares dos anfíbios estudados, além de fazer uma videochamada, esclarecendo dúvidas. Os animais que receberam mais atenção foram o sapo-cururu e a rã chorona. Muitas gargalhadas surgiram ao imitarem o som da rã chorona.

Descobrimos que, em sua grande maioria, vivem em banhados e lugares úmidos. E aprendemos como podemos pegá-los, sempre com a ajuda de um adulto.

Fomos percebendo que os nossos girinos estavam ficando diferentes: em um deles estava começando a nascer as patinhas da frente. Todos ficaram empolgados em ver a modificação. Passaram mais alguns dias e aquelas patinhas já eram grandinhas, foi então que observaram que também estavam nascendo as patinhas de trás e que o rabo ainda estava lá. Como a partir de agora eles poderiam começar



Girinos em desenvolvimento.

a pular na pedra, expliquei a eles que era hora de irem para um lugar maior, que tivesse banhado para crescerem mais. Como não podíamos sair da escola, juntos decidimos que eu levaria para o professor no CEMEA, para que ele os levasse até um lugar que eles iriam “gostar” e crescer “felizes” (palavras das crianças).

Nos despedimos deles e fizemos um vídeo, no qual pedimos para o professor cuidar e levá-los para um lugar seguro.

São nestes momentos que percebemos o quanto nossa profissão é importante e muito gratificante, pois somos agraciados todos os dias com saberes inocentes que nos fazem aprender mais. Com esta turma, aprendi muito, pois nunca imaginei trabalhar com este tema.

Novos desafios e experiências que todos adoraram.





Um bichinho pra cá, um bichinho pra lá! Vamos brincar?



Arquivo do autor (2022).

Organização do espaço.

Sabemos que o ato de brincar na infância é um momento rico de aprendizagem e desenvolvimento para nossas crianças. Conforme muitos autores nos trazem, não podemos mais perceber esse momento como mera parte da rotina da escola da educação infantil, assim como nossos documentos legais afirmam:

Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e

para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz (MEC, 2009).

Pensando em proporcionar um momento de intencionalidade pedagógica, mas de forma lúdica, ou seja, uma forma de brincar exploratória e livre, apresentamos aos alunos da turma do Nível 4, uma proposta diferenciada do que estavam acostumados a vivenciar. Foram dispostos previamente em uma mesa no pátio da escola (numa bela tarde ensolarada) bichinhos de brinquedos (normalmente manuseados em sala de aula), que foram separados pelo seguinte critério: animais selvagens, da fazenda; e os dinossauros – entre eles foram colocadas uma bacia com água, outra com areia e outra com elementos da natureza como folhas, galhos e cascas. A intenção era que observassem essa separação e organizassem seus habitats naturais.

Os alunos foram levados para o pátio onde se depararam com essa organização. Todos se interessaram e, naturalmente, começaram a brincar: explorar, sentir, experimentar, imaginar, criar são todos verbos que podem definir a riqueza desse momento. O centro das atenções foi a



Caroline Morato da Silva

Graduada em História. Professora.

Josiane Dreher Soares

Graduanda em Pedagogia. Auxiliar de Ensino.

bacia com água: todos queriam estar perto dela para “limpar” seus bichinhos, pois o mais interessante passou a ser “sujar” seus bichinhos na areia para logo limpar na água, o que resultou na mistura da água com areia, fenômeno que também foi notado por alguns. Cada criança ficou livre para permanecer nesse espaço conforme quisesse – algumas logo preferiram ir explorar o pátio, depois retornaram, outras permaneceram ali por um bom tempo. Também inseriram outros elementos à brincadeira, buscaram os potes disponíveis no pátio (para brincarem na areia) com os quais realizaram transferências. Solicitaram, então, mais água para poderem encher os seus potes.

No final da sessão, tudo estava como deveria estar: tudo misturado, como eles mesmo comentaram. Isso não significa que eles não conseguiram separar os animais conforme o que esperávamos, mas sim que eles significaram tal brincadeira, conforme seus interesses e necessidades.

Refletir sobre a importância do brincar – e planejar esse brincar sobre o viés das novas pedagogias – pode colaborar muito para nossa prática e enriquecer ainda mais o fazer pedagógico. Não cabe aqui abordar os inúmeros aspectos inquietadores das pedagogias ativas ou participativas, como o brincar heurístico, os espaços educadores, ou a ideia de continuidade de aprendizagem pensando sempre nas nossas crianças como protagonistas do seu processo de desenvolvimento. Mas cabe analisar se proporcionamos aos nossos alunos espaços, oportunidades, recursos para que não apenas reproduzam padrões e, sim, se tornem criadores e produtores – por consequência – de seus conhecimentos. O pesquisador e professor Paulo Fochi pôde contribuir para nossa análise. Encerro com suas palavras que vêm ao encontro do que foi realizado nessa proposta:

[...] acredito que seja produtivo pensar que aquilo que propomos às crianças é algo que precisa ser refletido com muita seriedade, pois elas são capazes de fazer muito, quando são dadas as condições adequadas e, também, porque os materiais e espaços oportunizados a elas não devem ser maiores do que a oportu-



nidade de criarem algo, ou seja, é necessário que haja chances de as crianças modificarem, interferirem e atuarem sobre os materiais e espaços. (FOCHI, 2015, p. 55)

Referências

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Resolução CNE/CEB 20/2009. Diário da União. Brasília. 2009.

BRASIL. *Referência Curriculares Nacionais para Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FOCHI, Paulo. *Afinal, O Que os Bebês Fazem no Berçário? Comunicação Autonomia e Saber-Fazer de Bebês em um Contexto de Vida Coletiva*. Porto Alegre: Penso, 2015.

Arquivo do autor (2022).



Alunos brincando durante a proposta.



Detetives do Pré 2: conhecendo os planetas!

Arquivo dos autores (2022).



Imagem do nosso planetário na sala.

as estrelas, o sol e a lua não caem de lá? O que os “prende”? Nossa curiosidade sempre nos leva a buscar a resposta para nossas dúvidas e isso se transforma em aprendizagem. O Sistema Solar oferece formas de explicar fenômenos e curiosidades através de uma abordagem científica. Trazer a ciência para as explicações é fundamental para o conhecimento humano.

Segundo a BNCC:

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais [...] Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças

possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos



Aline Strack

Formada no curso de Magistério. Graduada em Pedagogia. Professora.

Claudia Vieira dos Santos

Graduada em História. Auxiliar de Ensino.

Viviane Klein da Silva

Graduada em Pedagogia. Auxiliar de Ensino.

As crianças demonstram grande interesse em descobrir tudo o que está a sua volta. Sempre trazem questionamentos e opiniões sobre os mais diversos temas, enriquecendo o dia a dia na escola e com a família. Durante uma conversa sobre o que os alunos teriam interesse em aprender, neste primeiro momento do ano, uma criança perguntou aos demais: “Vocês viram o tamanho da lua ontem?”, enquanto outros responderam: “Sim, mas por que ela estava grande e não pequena como sempre?”. Alguns outros já foram explicando: “Ela é um planeta e muda de tamanho!”, e, assim, surgiram vários outros questionamentos e ideias sobre o que seriam os planetas e onde eles ficam, quantos são; se o sol é um planeta; por que não podemos morar no espaço? Pensando em esclarecer estas e outras dúvidas dos pequenos e conversando com eles, decidimos juntos sermos detetives e descobriremos mais sobre os misteriosos planetas e o Universo!

Todos nós, quando pequenos, já olhamos para o céu e nos perguntamos o que havia além dele: como

do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2018, pp. 42 – 43)

Proporcionamos em nossa sala de aula, um ambiente com o tema sistema solar, para iniciar a construção do mesmo, as crianças foram questionadas: como podemos chegar no espaço? A resposta foi uma só: com um foguete! Utilizando sucatas, cada um construiu o seu e juntos embarcamos para a nossa viagem! No decorrer das semanas, nossos detetives descobriram muitas coisas por meio de experimentos: como acontece o dia e a noite utilizando uma bola e uma lanterna; que o sol é uma estrela e não um planeta e que temos oito planetas que orbitam ao redor do sol.

No decorrer do período do projeto, novos questionamentos foram surgindo, como: "Por que a lua muda de cor? E de tamanho? Por que, às vezes, podemos vê-la e outras não?". A lua se tornou, então, nosso maior objeto de pesquisa: descobrimos suas fases lunares; que a lua pode ter várias cores, mas que não é ela que muda e sim a atmosfera que muda a sua densidade, deixando-a colorida; descobrimos, como bons detetives, que o homem já pisou na lua e deixou suas pegadas.

No início do projeto, nos questionamos: sistema solar na Educação Infantil? Ficamos apreensivas e cheias de inseguranças em como trazer este tema para a sala de aula, de forma lúdica e que os pequenos se envolvessem com a proposta. Mas nos surpreendemos com o resultado: todos se envolveram, traziam falas dos pais em casa e, sempre com os seus "porquês", nos incentivavam a buscar sempre mais com eles. Podemos dizer que, assim como cada um (dos 26 alunos), aprendemos juntos e desvendamos o Universo! Agora mais questionamentos já surgem: "e os extraterrestres vivem onde?". Quem disse que na Educação Infantil não se estuda? Aqui, aprendemos, sim – e brincando!

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.



Arquivo dos autores (2022).



Imagem dos alunos da turma, observando com o telescópio feito de sucata.



O que os bebês gostam de fazer?

Arquivos dos autores (2021).



Sala organizada para a sessão de psicomotricidade.



Alunos explorando livremente as tintas durante a sessão.

Reconhecer e respeitar a criança como sujeito, desde o seu nascimento, é um dos aspectos mais significantes na concepção da Educação Infantil. Sabendo que, desde bebê, a criança já tem suas preferências e tem capacidades incríveis, pensamos em estratégias para que pudéssemos identificar essas preferências e, assim, ajudar os bebês a expandirem seus conhecimentos.

O bebê comunica-se com o corpo, gestos, olhar, sorrisos e choros. Para que se consiga respeitá-lo, e também suas individualidades, compreendendo suas linguagens, o professor precisa construir vínculos estáveis, saudáveis e produtivos através de uma abordagem acolhedora e enriquecedora.

A partir disso, desenvolvemos com uma turma de Nível 1 o projeto "O Que os Bebês Gostam de Fazer?", onde utilizamos sessões de psicomotricidade relacional, que têm como base a percepção global do

ser humano para conseguir impulsionar o desenvolvimento dos nossos bebês e conhecê-los melhor, utilizando como base o livro *A Psicomotricidade na Educação Infantil – Uma Prática Preventiva e Educativa*, de Pilar Armaiz Sánchez, Marta Rabadán Martínez e Iolanda Vives Peñalver.

Montamos um espaço neutro, forrando as paredes com papel pardo, e retiramos todos os objetos e possíveis distrações. Nesta sala, organizamos previamente, antes de cada sessão, os materiais que seriam disponibilizados. Eles eram apresentados de forma atrativa, para que os bebês sentissem vontade de brincar e explorar. Em cada sessão, eram oferecidos materiais diversificados com opções entre macio e duro, áspero e liso, sonoro e sem som, acessível e inacessível, com e sem cheiros, entre outros.

Uma professora apresentava a função de observadora, ficando extremamente atenta a tudo que estava acontecendo e fazendo anotações. Outra professora fazia o registro fotográfico e mediação de situações, caso necessário. Em casos em que o bebê interagiu com as professoras, elas ficavam ao seu dispor para participar da vivência do momento, apresentando a função de facilitadoras da brincadeira.

Durante uma das sessões, as crianças demonstraram interesse pela trava da divisória da sala mais do que pela proposta oferecida inicialmente e este comportamento se repetiu mais uma vez com o mesmo grupo de crianças. Resolvemos fixar travas de diversos tamanhos em um pedaço de madeira e disponibilizar em uma sessão subsequente: foi en-

Simone Cristina Kray de Oliveira Batista

Graduada em Pedagogia. Professora.

Cisleine Simone Mrás

Especialista em Educação Infantil. Professora.

Tamiane Catarine de Almeida da Silva

Formada no Ensino Médio. Auxiliar de Ensino.

cantador poder observar o interesse das crianças com a novidade que havia sido oferecida a elas.

Já em outra proposta, oferecemos tintas em diferentes recipientes, juntamente com variados tipos de materiais, como pincéis, folhas e galhos. A princípio, elas estavam tímidas, mas em pouco tempo já estavam à vontade e experimentaram a tinta com a boca, sentaram na tigela, tiraram os calçados e sentiram a tinta em seus pés – foi uma diversão total. As famílias, sempre muito parceiras, em momento algum questionaram a sujeira nas roupas, pois sabiam previamente da importância do nosso experimento.

Com essa investida, pudemos ter um olhar mais sensível para os esforços inteligentes dos nossos

bebês, pois, observando suas ações, foi possível detectar situações em que eles realizaram pequenas e significativas decisões. Também nos foi possível compreender melhor as necessidades afetivas e comportamentais dos bebês, além de suas preferências na escolha dos brinquedos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*.

SÁNCHEZ, Pilar Armaiz. Marta Rabadán Martínez, Iolanda Vives Peñalver. *A Psicomotricidade na Educação Infantil – Uma Prática Preventiva e Educativa*. Penso; 1ª edição (1 de janeiro de 2003). (livro)





Parada do Leiturino

Com a necessidade de implementar uma ação à política de leitura para ampliar o número de leitores na cidade, criou-se o projeto intitulado “A Parada do Leiturino: uma parada para leitura e para o conhecimento”. Conforme alerta Krug sobre a importância do ato de ler:

A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, à formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma. (2015, p. 1).

A “Parada do Leiturino” trata-se de um carro alegórico com compartimentos para abrigar livros: uma biblioteca ambulante que circula por todos os bairros da cidade, com o objetivo de distribuir livros gratuitamente à comunidade. Além de transitar pelos bairros, o carro também é um atrativo nos eventos realizados no município, tais como: a Feira do Livro, festas escolares, entre outros que possuem uma relação social e educativa, interagindo com a população.

O mascote do projeto, chama-se Sr. Leiturino: uma figura carismática, que leva o nome do carro e é reconhecido pelas pessoas da cidade, além de ser muito querido pela criança.

Temos como objetivo resgatar, inovar, circular, disponibilizar, fomentar e fortalecer o aprendizado. Exercitar o desenvolvimento da literacia da sociedade campo-bonense e contribuir para a formação de novos leitores de forma interativa e lúdica com acesso aos livros e à literatura, promovendo a inclusão social dos cidadãos, além de contribuir para uma sociedade mais crítica, buscando construir cada vez mais leitores autônomos. Conforme observa Lajolo:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra àquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento de realidade em que o leitor se insere (1996, p. 28).

Sendo assim, a realização deste projeto tem caráter permanente e uma importância fundamental na formação de novos leitores, pois o livro vai até o bairro ou empresa onde o morador ou funcionário sente-se privilegiado em poder realizar a retirada de livro próximo a sua residência ou trabalho. O êxito deste projeto está vinculado a um envolvimento real dos cidadãos.



Cheila Cristiane Santos

Graduada em Pedagogia. Especialista em Educação Inclusiva. Diretora.

Janir Maria Nardi da Silva

Graduanda em Pedagogia. Auxiliar de Ensino.

O carro alegórico "Parada do Leiturino" é também uma iniciativa de responsabilidade social, pois permite aos moradores a aquisição de livros de forma gratuita. As crianças sentem-se atraídas para retirar de dentro dos baús seus livros preferidos como se estivessem viajando no imaginário que o livro oferece.

Nossa intenção também é tornar as famílias leitoras, fazer com que seus integrantes se interessem por jornais, livros e outros, e compartilhem práticas de leitura, de modo que as antigas e novas gerações

se influenciem mutuamente e construam representações afetivas em torno da prática de ler, bem como, desenvolvam seu senso crítico.



Arquivo dos autores (2022).



Leiturino no "Domingo no Parcão".

Referências

KRUG, Flavia Susana. *A importância da leitura na formação do leitor*. Revista de Educação do IDEAU, Passo Fundo, v. 10, n. 22, pp. 1 - 13, jul./dez. 2015.

LAJOLO, Marisa. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

Arquivo dos autores (2022).



Visitação do Leiturino na EMEF Esperança.





CEMADE: 10 anos mudando a história de crianças e adolescentes das escolas do município de Campo Bom - RS



Arquivo Prefeitura Municipal de Campo Bom (2022).

Equipe CEMADE.

O Centro Municipal de Apoio à Diversidade Escolar (CEMADE) Albano Ivo Schuck, localizado no Bairro Boa Vista, é um local dedicado ao atendimento clínico especializado, sendo ofertado individualmente ou em grupo, incluindo as áreas de Psicologia, Psicopedagogia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Musicoterapia e Serviço Social a alunos campo-bonenses que apresentam dificuldades no desenvolvimento neuropsicomotor e no processo de aprendizagem. O espaço atende em torno de 160 crianças e, a partir de 2017, pôde contar também com a criação de um polo, localizado no bairro Genuíno Sampaio, com o intuito de atender a

demanda de cerca de mais 80 crianças e adolescentes daquela região.

De acordo com documentos norteadores da Educação Inclusiva no Brasil (2020), a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205 e 206, afirma respectivamente, "a Educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho" e "a igualdade de condições de acesso e

Greice Gomes Cardoso

Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Mestre Profissional em Letras. Psicopedagoga.

permanência na escola". Nesse sentido, o trabalho oferecido pelo CEMADE integra a política de educação inclusiva e funciona como suporte à escola dos jovens e suas respectivas famílias. Esses são acompanhados por essa equipe multiprofissional, preferencialmente em contraturno escolar, em busca do desenvolvimento do potencial desses alunos.

O contato do familiar e/ou responsável com o CEMADE acontece da seguinte forma: em um primeiro momento, o aluno passa por um acolhimento da família e/ou responsável, encaminhado pelas instituições em que estudam, unidades de Saúde ou por interesse espontâneo dos familiares destes, onde o(s) profissional(ais) conhece(m) melhor a história pregressa e atual desses jovens e suas famílias, bem como sua situação escolar e médica, que servirão de suporte para posterior orientação e indicação do tratamento adequado.

Após a acolhida familiar, os profissionais discutem o caso com a equipe em reunião. Todos os terapeutas passam a ter conhecimento dos casos apresentados, decidindo-se em conjunto a necessidade da área de atendimento sugerida e, por vezes, acréscimo a outro atendimento satisfatório à criança e/ou ao adolescente dentro do CEMADE, como por exemplo, assistência psicológica à família, quando houver a necessidade e/ou assessoria à escola. Ainda, um profissional de cada área fica responsável por acrescentar em sua lista os nomes e os dados dos futuros pacientes – que serão chamados, semanalmente, de acordo com a agenda do profissional e disponibilidade da família e da escola para o melhor dia e horário da criança.

Além desse suporte ao aluno, os familiares também recebem acompanhamento desses profissionais, participando do grupo de familiares que ocorre quinzenalmente, onde fortalecem o vínculo com o serviço e recebem suporte quanto aos cuidados com seus filhos, bem como assessoria individual com conversas pontuais, sempre que haja necessidade. Em relação às escolas, são realizadas assessorias, palestras e conversas, oportunizando sempre um

espaço de troca entre o terapeuta e escola, sobre os diferentes aspectos em relação ao desenvolvimento integral desse jovem, como linguagem, aprendizagem e socialização. Esse suporte técnico à prática pedagógica escolar desenvolvida, visa propor estratégias para melhorar as vivências e construções de uma vida escolar da criança, de forma mais satisfatória e sadia.

Parafraseando o grande ator da era do cinema mudo, notabilizado pelo uso de mímica e da comédia, Charlie Chaplin, "cada segundo é tempo pra mudar tudo para sempre" (FRAZÃO, 2020). Dentro dessa mesma perspectiva e da filosofia que se procura desempenhar na vida desses jovens que passam a ter atendimentos no CEMADE, tudo que precisamos é amor, em um trabalho em conjunto que vise às especificidades de cada ser.

Referências

FRAZÃO, Dilva. *Charles Chaplin: Ator e cineasta inglês*. Ebiografia, 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/charles_chaplin/. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

BRASIL. *Educação Inclusiva: Conheça o histórico da legislação sobre inclusão*. Todos pela Educação, 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/conheca-o-historico-da-legislacao-sobre-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

Arquivo Prefeitura Municipal de Campo Bom (2022).



Reunião de equipe do CEMADE.



Uma carta pedagógica às escolas de Campo Bom para comemorar os 11 anos do Centro Municipal de Educação Ambiental Nestor Weiler (CEMEA)

Um jardim de Margaridões

No ano de 2021, comemoramos dez anos de atividades do CEMEA. Nosso coletivo pensou junto em uma forma de celebrar essa data tão especial. Então, nasceu o "Projeto CEMEA: Um guri de 10 anos". Foram muitos movimentos: entre eles a entrega de uma muda de margaridão para cada escola, planta que passou a ser símbolo do CEMEA. Nosso sonho, com esse gesto, foi o de ampliar o quintal do CEMEA, com a intenção de que o pátio de cada escola fosse um pequeno fragmento de um quintal maior. O quintal do CEMEA passaria a ser o grande quintal das infâncias nas escolas da rede de Campo Bom. Foi um sonho que partiu do simples gesto de presentear cada escola com uma muda de uma planta, o que representa para nós as paisagens reinventadas, o "desemparedamento" das infâncias, a agroecologia e a possibilidade de resgatar as naturezas e promover um encontro entre as crianças, os adolescentes e os quintais das infâncias. Aqueles quintais esquecidos, mas que ainda vivem na memória das infâncias de muitos adultos e que, por vezes, negamos às nossas crianças.

Um ano depois, o que vemos é um sonho realizado. Nosso coletivo emociona-se ao receber cada foto dos margaridões florindo, cada narrativa das professoras contando histórias das crianças encontrando as joaninhas entre os margaridões, ou dos bebês que ganharam uma paisagem com margaridões floridos em sua janela.

Arquivo da EMEI Aquarela (2021).



Crianças interagindo com os margaridões já floridos na EMEI Aquarela.

Mogar Damasceno Miranda

Graduado em Ciências Biológicas e em Educação do Campo. Mestre em Educação. Diretor.

Então, o “Guri de dez anos” realizou seu sonho. Em 2022, ao comemorar os 11 anos desse projeto que continua como um menino serelepe a sonhar com quintais, ganhamos um jardim florido de flores amarelas, com um cheiro delicado de mel, que chegam pelas imagens recebidas dos pátios das EMEIs e EMEFs do nosso município. Esse é um grande presente. Se um dia não estivermos mais por aqui, possibilitamos um pouquinho de natureza e memórias às infâncias. E, assim como Paulo Freire, queremos ressuscitar em cada educador e educadora a certeza de que vale a pena “Esperançar”.

Nosso sonho tornou-se realidade: temos um pedacinho do CEMEA em cada escola, e, hoje, comemoramos 11 anos. Queremos seguir juntos com as naturezas, as infâncias e os educadores e educadoras renovando o sonho de pátios esverdeados nos chãos de nossas escolas.

Coletivo Educador do CEMEA
Campo Bom, outono de 2022.



Crianças recebendo a muda de margaridão pelos dez anos do CEMEA na EMEI Casa da Criança.

Referência

FREIRE, *Pedagogia da Esperança*; 26. ed., São Paulo: Paz & Terra, 2012. (livro)





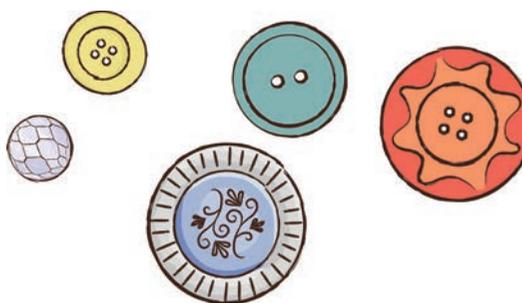
Alinhavando experiências, costurando amizades e fazendo histórias

Arquivo pessoal.



e carinhosamente conhecido como Praça CEU, possui grupos de acolhimento social, biblioteca, atendimentos de informática, e também oferece as oficinas de Artesanato, Artes Cênicas, Artes Visuais, Astronomia, Dança, Futsal, Hora do Conto, Horta Comunitária, Informática e Judô.

Entre as ofertas de serviços do CEU, destaca-se a oficina de Arte e Artesanato. O grupo participante é conhecido como As Arteiras do CEU. O projeto é voltado ao público feminino e busca fomentar a inclusão social e a participação produtiva das mulheres na comunidade. Através da valorização do potencial individual e coletivo, ajuda na recuperação e fortalecimento da autoestima e das capacidades de expressão, empatia e trabalho em equipe. As técnicas de confecção de artigos e acessórios para o lar abrem a possibilidade de geração de renda, conscientizando as alunas da importância do uso e reuso dos diversos materiais disponíveis no mundo contemporâneo de produção e consumo em massa. Como resultado, temos cidadãs mais conscientes e atuantes no bairro, na família e na comunidade.



CEU: um lugar de arte, alegria, diversão, paz, felicidade, amizade, terapia, emoção e amor. O Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) Sady Arnildo Schmidt é um espaço que disponibiliza, para os cidadãos do seu entorno, vários ambientes com serviços diferenciados, que vão desde projetos educativos e culturais até esportes e assistência social. Popular

Eliziana Sandra Zamboni

Graduada no Ensino da Arte na Diversidade. Professora.

José Roberto dos Santos

Graduado em Educação Física. Diretor.

Para participar do projeto de artesanato, basta ter acima de 12 anos e possuir interesse em desenvolver atividades manuais. Atualmente, o grupo conta com alunas entre 12 e 84 anos. Na oficina Santo Retalho, as Arteiras fazem crochê, tapeçaria, trançado e outros. Na oficina de artesanato, são desenvolvidas atividades com diferentes recursos e técnicas, como costura de bonecas, pintura em vidro, MDF, porongos, confecção de guirlandas, chaveiros e *patch applique* em tecidos.

Nestes encontros, as vivências são múltiplas e as aprendizagens são ímpares: todas são alunas e também professoras. A cada encontro, é possível perceber o prazer das alunas em estar juntas, costurando histórias de vida, fortalecendo a amizade, tecendo aprendizagens e multiplicando saberes. O projeto tem papel fundamental na vida de todas envolvidas social, econômica e afetivamente. “Esse espaço é muito importante para desenvolver nosso bem estar físico e mental, pois aqui encontramos tudo que precisamos para nos fortalecer – o que aprendo aqui também faço em casa e vendo para amigos e familiares. Assim, tenho renda extra e valorização do meu trabalho”, relata a arteira Sandra Janete Silva da Silva, 60 anos.

Através do planejamento e desenvolvimento das atividades, As Arteiras do CEU participam e mostram seus trabalhos em vários eventos pela cidade, sempre com muita simpatia e alegria. Os preços de cada peça são fixados de acordo com os custos da matéria prima, da produção e do lucro desejado e adequado, levando em consideração as aprendizagens adquiridas nos encontros realizados com um professor especialista em empreendedorismo, da Universidade FEEVALE. Os produtos confeccionados pelas Arteiras do CEU são comercializados por elas, e os valores complementam na renda familiar.



Arquivo pessoal.



Atividade física e qualidade de vida

Arquivo pessoal das autoras (2022).



Professoras conferindo as medidas de uma aluna da turma 13.

Desde sua fundação, em 1991, a Escola de Arte-Educação conta com o curso de Ginástica Artística, implementado pela professora Ana Maria Rangel. O curso oferece uma experiência de iniciação na modalidade olímpica que reúne esporte e expressão artística em um conjunto de exercícios corporais. No decorrer dos últimos 30 anos, o trabalho com a Ginástica Artística foi sendo ampliado, passando pela aquisição de aparelhos específicos e, atualmente, conta com cerca de 200 alunos das Três Redes de Ensino de Campo Bom.

Enquanto atividade física, a Ginástica Artística desenvolve capacidades motoras, tais como: força,

equilíbrio, flexibilidade, coordenação, além de habilidades sociais e pessoais como cooperação, autonomia, disciplina, criatividade, confiança e autoestima, em um conjunto de movimentos realizados nos aparelhos.

Com objetivo de contribuir para um desenvolvimento mais saudável, para a melhoria da qualidade de vida e enfatizar os benefícios da atividade física, as professoras proponentes deste relato, buscaram refletir sobre os cuidados com a alimentação, hábitos e posturas saudáveis. O projeto iniciou em março de 2022, com a pesagem e medição dos alunos, bem como a atividade de desenho do prato com os alimentos mais consumidos.

Os estudantes foram estimulados a refletir sobre a importância dos hábitos que constroem, pois estes levarão para a vida adulta, evitando doenças e problemas diversos. Para que os alunos vivenciassem estes hábitos na prática, foram propostos desafios semanais para as turmas, tais como: tomar duas garrafas de água diariamente, experimentar frutas que ainda não comeram, comer ao menos um legume ou verdura em cada refeição, visitar a feira e escolher alguma fruta ou legume que ainda não tenha provado, ficar uma



Caroline da Costa Viegas

Graduada em Educação Física. Especialista em Administração e Supervisão Educacional. Professora.

Graciela Rosa Soares

Graduada em Educação Física. Especialista em Psicologia do Esporte. Professora.

Franciele Maria Anezi

Graduada em Música. Especialista em Educação Musical com Ênfase na Música Popular e em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação. Diretora.

semana sem ingerir doces; participar da preparação de um alimento com a família, praticar uma gentileza com um colega ou amigo e trocar mensagens positivas (Caixa da Gentileza).



Nos desafios, foi solicitado que as famílias enviassem registros através de fotos, o que motivou ainda mais a participação de todos. Após cada desafio, os alunos conversavam e contavam como foi sua experiência, compartilhando dificuldades e conquistas. O projeto está em andamento, mas já recebemos vários relatos positivos das famílias, falando sobre a importância deste trabalho e da mudança de pequenos hábitos que tiveram um apelo diferente quando propostos pelas professoras de Ginástica e compartilhados com os colegas. No final do ano, os alunos farão novamente o registro do seu peso, altura e o desenho do prato, verificando se houve mudança de hábitos e como anda seu crescimento.

Para ter uma vida saudável, não basta uma dieta equilibrada ou a prática de exercícios físicos. Para cada etapa da vida existem atividades que devem fazer parte do cotidiano do indivíduo. Na infância, por exemplo, não podem faltar as brincadeiras, a presença dos pais ou responsáveis e dos professores, os colegas e os estudos. O conceito de saúde, atualmente aceito pela OMS, engloba não apenas o estado físico, mas também o mental e o social (SEGRE e FERRAZ, 1997). Tal conceito requer bastante reflexão e atitude, pois torna a toda a sociedade, e não apenas profissionais e políticos, responsável pela saúde da população.

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. *Guia Alimentar: Como Ter uma Alimentação Saudável*. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

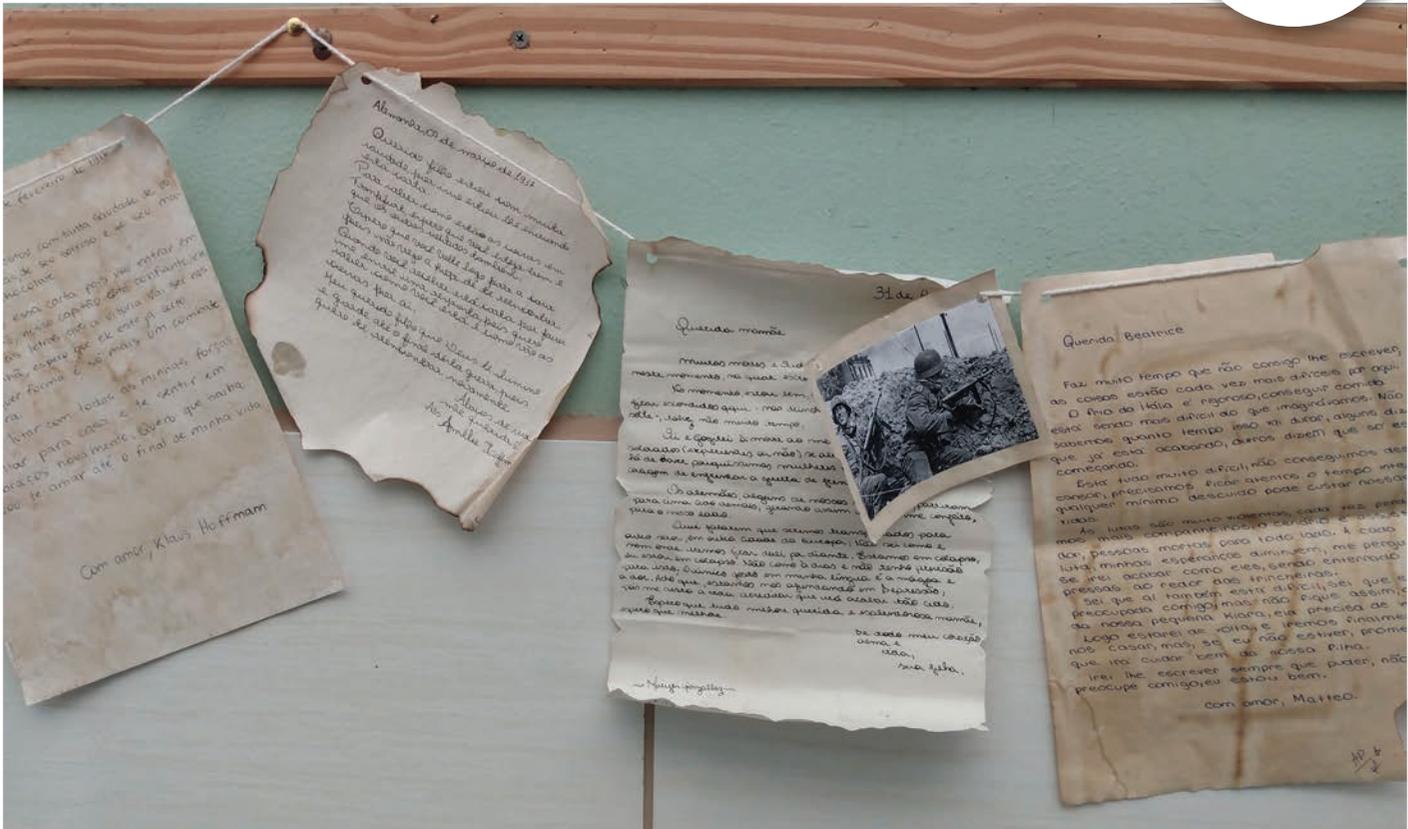
SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio C. *O Conceito de Saúde*. Ponto de Vista • Rev. Saúde Pública, Outubro, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/zTHNk9hRH3TJh-h5fMgDFCFj>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

Arquivo pessoal das autoras (2022).



Crianças fizeram desenho do prato com os alimentos que mais consumiram diariamente.





Exposição das cartas da Primeira Guerra Mundial.

Relatos de uma guerra: cartas da Primeira Guerra Mundial nas aulas de História

Este relato de experiência pedagógica desenvolveu-se entre os meses de outubro e novembro de 2021, na Escola 25 de Julho, em duas turmas de crianças com faixa etária de nove anos, nas aulas de História, ministradas pela professora Simone Silva da Silva. Esta atividade pedagógica é uma experimentação dos conhecimentos adquiridos durante as aulas de História. Ao ministrar os conteúdos sobre a Primeira Guerra Mundial, trabalhamos em sala de aula este tema e olhamos imagens, textos e filmes sobre o assunto.

Após, propus que confeccionassem cartas, imaginando como se estivessem no conflito da Primeira Guerra. Iniciei explicando aos alunos sobre o gênero

carta, contextualizei que no período do conflito (1914 a 1918), as cartas eram o principal meio de comunicação.

Comecei a atividade pedagógica mostrando aos alunos o site do *National Archives UK(1915)* do Reino Unido, que contém milhares de cartas da Primeira Guerra Mundial, digitalizadas e transcritas para o Inglês. Li para eles algumas destas cartas, realizando uma tradução simultânea e direta sobre os assuntos nelas tratados. No próximo passo, imprimi três cartas pequenas e pedi que, com o auxílio de

Simone Silva da Silva

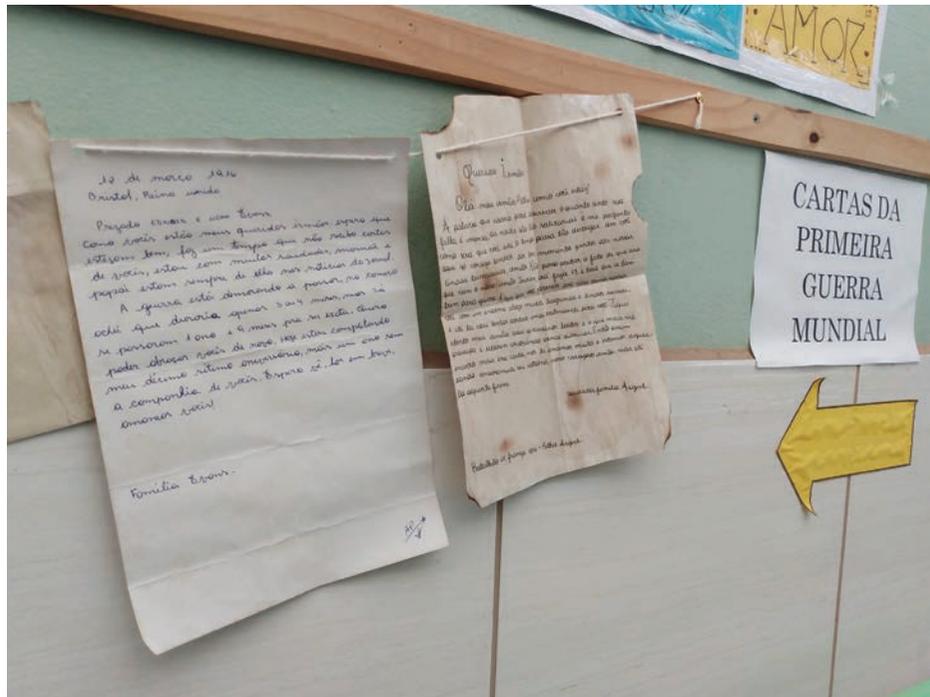
Graduada e Mestra em História. Professora.

dicionário e tradutores, os alunos transpassassem essas cartas do Inglês para o Português. Solicitei que a tarefa fosse realizada como tema de casa. Na aula seguinte, pedi que alguns alunos lessem suas traduções e que conversassem sobre possíveis diferenças nas traduções dos colegas.

Então, deveriam iniciar a proposta de escrever suas cartas ambientadas no contexto da Primeira Guerra Mundial. Porém, esse trecho da atividade possuía algumas regras que deveriam ser obedecidas. São elas: os alunos deveriam imaginar um personagem que estivesse no conflito – este personagem poderia ser masculino ou feminino; poderia ser um militar ou população civil. Deviam escolher um país para a carta, dentre alguns dos destinos da Tríplice Entente ou dos Aliados. O nome do personagem deveria ser condizente com o país escolhido, se fosse uma persona do império alemão, deveria ter um nome e sobrenome alemão.

Essa parte foi muito interessante, pois os alunos pesquisaram nomes específicos de cada nacionalidade envolvida no conflito. Após a escolha do personagem, os alunos deveriam construir o texto da carta, sempre levando em consideração o contexto histórico estudado. A conclusão da atividade foi a caracterização da carta. Alguns alunos sujaram a carta com barro, para evidenciar que a carta foi escrita nas trincheiras, outros mancharam a carta com sangue artístico, para dar uma conotação dramática; outros ainda incluíram algumas fotografias em preto e branco. Os resultados foram expostos em um varal disponível para ser apreciado por toda escola. Outros alunos da instituição, professores e funcionários leram as cartas e adoraram os relatos.

O resultado desta experiência histórica e pedagógica foi impressionante, pois foram desenvolvidas habilidades e competências emocionais, onde os alunos colocaram em palavras sentimentos existentes



durante a pandemia, como, por exemplo, solidão, medos, angústias, saudades e perdas. Através dos conhecimentos adquiridos sobre Primeira Guerra Mundial, eles puderam se colocar no lugar das pessoas que passaram por este evento traumático na história da humanidade, percebendo toda a dor e tristeza que as guerras provocam, e transmitindo com empatia e humanidade suas palavras na carta. Os personagens desta carta eram fictícios, já os sentimentos reais.



Referências

- KARNAL, Leandro. (Org.) *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NATIONAL ARCHIVES UK, 1915. *Letters from the First World War, part one*
- How did these men experience the conflict?* Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/education/resources/letters-first-world-war-915/> Acesso em jun. de 2022.



Lingua de sinais: aprendendo a usar a voz nas mãos para tocar o mundo



Arquivo dos autores (2022).

Alunos da turma 11 formando palavras na mesa de luz e sinalizando em Libras.

Partindo da ideia de que a escola transforma e nos leva a novos caminhos, ampliando horizontes, os alunos da turma 11, do 1º ano/2022, da EMEF Adriano Dias, começaram a vivenciar a inclusão de fato.

Na turma, temos uma aluna com deficiência auditiva e contamos com o auxílio da intérprete de Libras, professora Márcia Gislaïne Selzlein Rambo, que prontamente, aceitou o desafio de juntas apresentarmos às crianças outra língua como forma de comunicação, proporcionando à turma uma alfabetização bilíngue, que traz o conhecimento da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais, permitindo e possibilitando a diversidade e a construção da educação inclusiva.

Quando decidimos inserir Libras para toda a turma, pensamos que provavelmente estes alu-

nos serão colegas nos próximos anos. Sendo assim, aprendendo esta língua, poderão se comunicar melhor, incluindo, de fato, a colega com deficiência auditiva, possibilitando à estudante interação ativa no ambiente escolar.

O processo de alfabetização em Libras é similar ao dos ouvintes, pois se utiliza da memorização, e o letramento ocorre através das experiências e da consciência da diferença entre significações do tema aprendido e compreendido. É fundamental que a Libras seja inserida paralela ao ato de escrever, pois quanto mais precoce for o aprendizado dessa linguagem, maior a sua contribuição no processo da construção da escrita, que será sua língua.

Para Vygotsky (1998), todas as manifestações sociais são direcionadas pela linguagem. Partindo desse pressuposto, é a partir da linguagem que nos conhecemos, como também percebemos o outro, haja visto que o sujeito é um ser social, cujo desenvolvimento está interligado às relações que estabelece com o outro.

Na Libras, cada palavra possui um sinal próprio e, quando ainda não há si-



Jaqueline Ribeiro Figueiró

Graduada em Pedagogia. Professora.

Márcia Gislaïne Selzlein Rambo

Graduada em Pedagogia. Intérprete em Libras.

nal, podemos sinalizá-la com a datilologia de cada letra do alfabeto, formando, assim, a palavra desejada.

Além do alfabeto e números, a turma também está aprendendo as cores, saudações, dias da semana e outras palavras e sinais fundamentais do cotidiano.

Em todas as atividades, músicas, jogos, brincadeiras e hora do conto, inserimos Libras. A intérprete Márcia sempre acompanha a professora titular, transmitindo não somente à aluna, mas para toda a turma, os sinais. Podemos perceber o quanto tem sido importante à aluna este trabalho, que demonstra estar alegre em poder interagir com os colegas, ser compreendida e poder acompanhá-los em todas as atividades realizadas no processo de alfabetização.

A turma tem mostrado grande interesse e entusiasmo em aprender a Língua Brasileira de Sinais, demonstrando habilidade na aprendizagem e no processo de alfabetização bilingue.

Para nós, professoras e mediadoras desta vivência, é gratificante ver que podemos possibilitar, de maneira lúdica e prazerosa, uma aprendizagem significativa.

Esta experiência nos motiva e inspira a seguir buscando estratégias para tornar esta prática mais envolvente, tendo como foco a real inclusão, que envolve todos na aprendizagem.

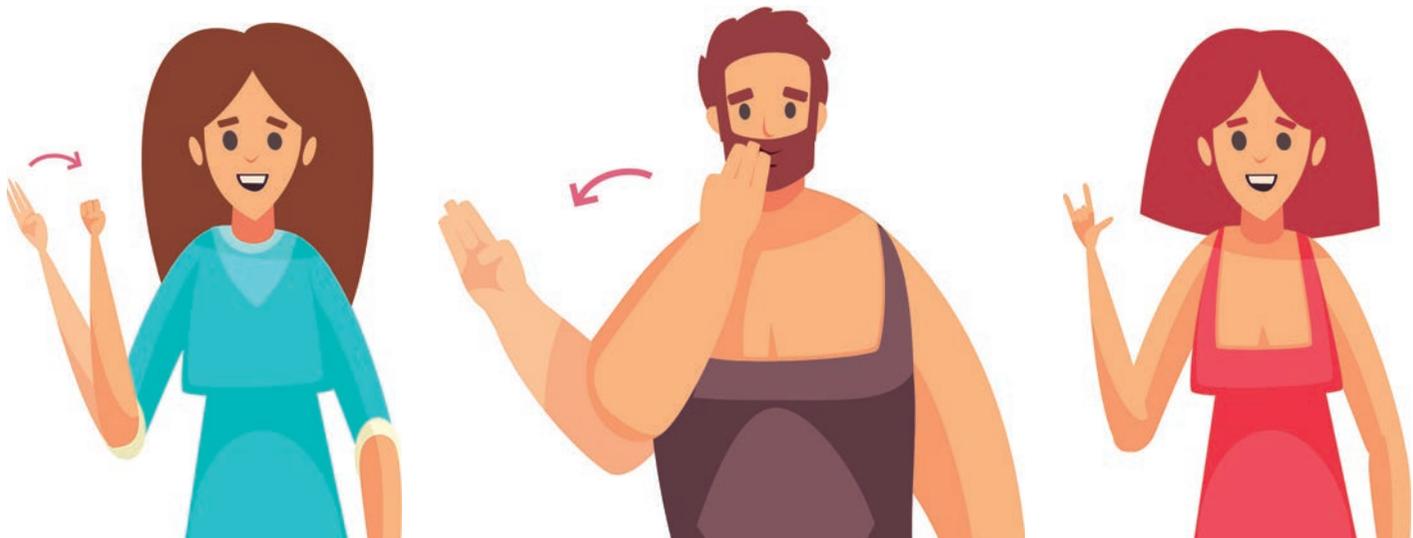
Referências

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R & LEONTIEV, A.N. *Língua-gem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.



Arquivo dos autores (2022).

Alunos da turma 11 na hora do conto *Papai*, do livro de Philippe Coletín.



Uma casa para Saymon

As vivências educacionais cativam, emocionam, transportam para um mundo colorido, levam a criança a criar possibilidades e a enxergar o mundo de forma diferente. Segundo Tenfen (2016), quando a criança atua modificando algo, ela se sente capaz e percebe que pequenas atitudes podem mudar um cenário.

O Documento Orientador Curricular Municipal de Campo Bom/RS, (p. 15) destaca a criança como:

“(...) centro de todo processo de vivências e de aprendizagens (...)”, e a BNCC nos faz refletir quanto ao ambiente escolar que deve estar organizado “(...) em torno dos interesses manifestos pelas crianças (...) e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar” (BRASIL, 2017, p. 58).

Durante uma tarde nublada e gelada de inverno, a turma do 2º ano do Ensino Fundamental foi interrompida durante a aula com os miados do gato Saymon, que estava nos arredores da escola, e que, por medo ou insegurança, preferia sempre ficar na rua, evitando entrar nas dependências internas da instituição, mesmo em dias chuvosos ou de frio. Ouvindo aquele som triste do gatinho, todos ficaram preocupados e começaram a questionar o que poderiam fazer para ajudar Saymon. Surgiu, então, a ideia de construir uma casinha e, para isso, envolvemos as famílias da comunidade escolar na escolha do material a ser utilizado e o tipo de telhado que faríamos. Em sala de aula, os educandos concordaram em construir a casa com as paredes de



Arquivo da autora (2021).

Alunos construindo a casinha de caixas de leite.

caixinhas de leite e que o telhado, seria de “1/2 água”, por ser “mais seguro”, segundo relato das crianças.

A residência do felino foi estruturada em uma base de madeira, de 50x50cm: para o telhado, utilizamos uma chapa de MDF de 0,6cm e revestimos com caixas de leite abertas impermeabilizando a estrutura. Após, recebeu a pintura e estava pronta uma linda casinha. Foi uma tarde de muita agitação e entusiasmo, todos tiraram fotos e o Saymon tornou-

Roselaine Silveira da Rosa

Graduada em Letras Português e Pedagogia. Especialista em Distúrbio da Fala e da Linguagem. Professora.

se uma celebridade. O êxtase foi presenciarmos ele desfrutando do novo lar.

A partir desse estudo, surgiram diversas perguntas sobre os gatos, como: "Por que o gato fica com os olhos vermelhos no escuro? Gatos tomam banho? Por que arranha o sofá? Por que se esfregam na gente? Por que dizem que gato preto dá azar? O que ele come? Por que ele cai de pé? Por que ele sabe subir na árvore e não sabe descer?". Então, para sanar todas estas dúvidas, tivemos uma videoaula no Google Meet com o Professor Matheus, do Centro Municipal de Educação Ambiental – CEMEA. Foi uma aula de muita aprendizagem e troca de experiências.

Em outro momento, a turma participou de uma hora do conto que tratava dos animais abandonados, ocorrida na Biblioteca Municipal, no centro da cidade, onde também aconteceu a divulgação do trabalho do Centro Municipal de Bem Estar e Recuperação Animal (CEMPRA), que abriga pets que buscam um lar. Ao verem as fotos dos animais, a turma decidiu ajudar nessa divulgação, incentivando a adoção consciente. Confeccionamos anúncios virtuais criativos para cada bichinho sem lar. O material foi digitalizado e compartilhado nas redes sociais da escola.

Durante todo o estudo, a turma demonstrou muito interesse, participando das atividades, realizando pesquisas sobre o assunto e trazendo suas descobertas para compartilhar com os colegas e, embora isso pareça simples, fez com que cada educando potencializasse sua aprendizagem, buscasse estratégias para resolver os problemas e se posicionasse criticamente sobre o assunto abordado.

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSEDE/UNDIME, 2017. Disponível em: 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 10/11/2021.

DOCUMENTO ORIENTADOR CURRICULAR MUNICIPAL – Campo Bom – RS. Secretaria de Educação e Cultura.

TENFEN, Danielle Nicolodelli. Editorial: Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 33, n. 1, pp. 1 - 2, abr. 2016. SSN 2175-7941. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2016v33n1p1>. Acesso em: 07/11/2021.

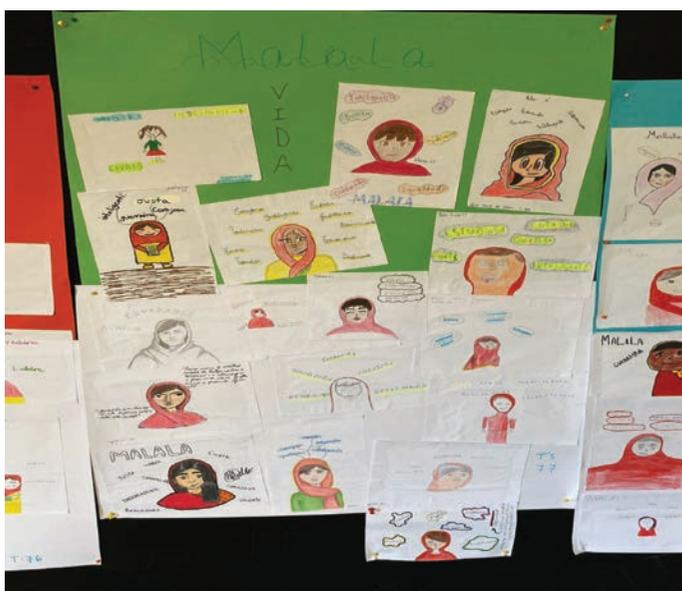


Anúncio de adoção de Pet's.

Arquivo da autora (2021).



Malala, uma experiência vivida com alunos de sétimo ano do Centro de Educação Integrada (CEI)



Arquivo da autora (2022).

Imagem dos cartazes confeccionados com as turmas sobre a Malala.

O livro: *Malala Yousafsat, a menina que queria ir para a escola*, conta a história desta garota que sofre devido ao regime Talibã, que tomou o poder no Vale do Swat, no Paquistão, e foi proibida de frequentar os bancos escolares.

Com base nas experiências vividas por ela, as turmas 75, 76 e 77, da professora Maria Anita, do Centro de Educação Integrado (CEI), tiveram a oportunidade de conhecer um pouco sobre a vida de Malala, nas aulas de Língua Portuguesa: uma garota que enfrentou preconceito, guerra e discriminação para poder ser, hoje, a mulher que é.

Os alunos, juntamente com a professora, leram a obra: *Malala, a menina que queria ir para a escola*, da escritora Ariana Carranca (2015), da editora Companhia das Letrinhas. Com a leitura, foram ressaltados temas como o regime do Talibã; a vida das mulheres e o preconceito que elas enfrentam, a cultura muçulmana, a religião e a sua vida como ativista. As turmas tiveram contato com as ideologias deste povo e com isto criaram um espírito crítico e opinativo, dando valor às suas vidas, ao seu povo e aos seus direitos. Uma das frases marcantes de Malala é: "Existem muitos problemas, mas acho que há uma única solução para todos eles: Educação" (YOUSAFZAT, 2015).

Com a leitura, confeccionou-se cartazes, histórias em quadrinhos e cartão postal dedicado à escritora. Nesse cartão postal, foram ressaltadas várias homenagens a ela. Alguns exemplos escritos pelos alunos:

"Oi Malala, eu amei saber um pouco da sua história e como você ama estudar e lutar pelo direito de ir para a escola" (Aluna da turma 75);



Maria Anita Siebel

Graduada em Letras-Português e em História. Professora.

“Querida Malala, acho muito inspirador você ser a pessoa mais jovem a receber o prêmio Nobel da Paz. Parabéns pela tua força e coragem” (Aluno da turma 77);

“Um dia vamos acordar e ver todas as meninas, no Brasil e no mundo, na escola. Sem medo de estudar, com educação de qualidade, sem sofrer discriminação, sem serem obrigadas a casar ou enfrentarem o trabalho infantil. E podendo sonhar com o que quiserem ser: médica, policial ou qualquer outra coisa. Malala, foi bom conhecer sua história (Aluna da turma 77);

“Com o passar do tempo vi que o ser humano reclama de boca cheia, pois não valorizamos o que necessitamos na nossa vida. Como ir à escola, porque tem gente que tem esse sonho e que não tem nada. É com você Malala que mudei a minha opinião. Obrigada Malala.” (Aluna da turma 77).

Este trabalho foi muito gratificante e os alunos interagiram com a leitura da obra. O mundo da leitura é mágico e deve ser trabalhado com amor e carinho e os alunos conseguiram fazer da história um conto de magia e paixão. Isso refletiu nos trabalhos e na dedicação deles.

Referências

CARRANCA, Adriana. *Malala, a menina que não queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.
YOUSAFZAT, 2015.



Arquivo da autora (2022).

Imagens dos cartões para Malala.





Os desafios da alfabetização: unindo forças em uma proposta interdisciplinar



Arquivo das autoras (2021).

Alunos jogando o jogo Formar Palavras.

A EMEF D. Pedro II, juntamente com seus profissionais, desenvolve uma proposta de intervenção na aprendizagem, unindo duas forças importantes na escola: o projeto de Alfabetização e Letramento Matemático com o uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC's), desenvolvido – com orientação da coordenação pedagógica – pela professora Andrea Schwarz, do Laboratório de Informática Educativa (LIE) e pela professora Janaina Schaefer de Souza dos Santos, da Sala de Apoio Pedagógico (SAP).

Essas profissionais resolvem unir-se em prol de um objetivo comum de ambos os espaços e atacar, nessas duas frentes, as lacunas de defasagem de aprendizagem existentes nas turmas do bloco de alfabetização, em que se encontram as maiores dificuldades relacionadas à aprendizagem, principalmente com a implementação emergencial do ensino híbrido. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular- BNCC:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma

crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 09).

A proposta desenvolve-se e acontece nas quintas-feiras, nos turnos da manhã e tarde, momento em que os alunos do bloco de alfabetização participam no contraturno dos dois atendimentos, com um intervalo de 20 minutos para um lanche, permanecendo na escola até o final dos atendimentos, que somam três horas e meia.

A SAP é um espaço dedicado a atender alunos com defasagens na aprendizagem. Espaço acolhedor, de escuta, de construção de conhecimento, de parceria entre alunos e professora. O espaço tem como propósito a aprendizagem efetiva do aluno, sanando as dificuldades encontradas durante o processo de ensino e aprendizagem durante as aulas.

O trabalho inicia a partir da sondagem em sala de aula e, após o encaminhamento para a SAP, este professor prepara as atividades diversificadas para a intervenção individualizada



Andrea Schwarz

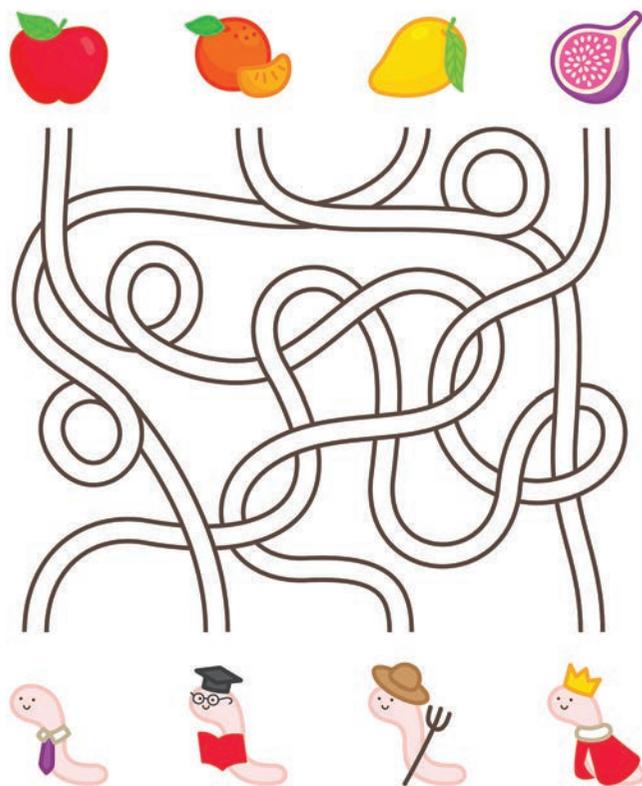
Especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação. Professora.

Janaina Scheffer de Souza dos Santos

Especialista em Alfabetização e Letramento. Professora.

Ana Maria Leal de Lima Marschall

Graduada em Psicopedagogia. Mestra em Cultura. Coordenadora pedagógica.



com o aluno, dentro de seu grupo (em média, quatro alunos por grupo). Sempre acontece o diálogo entre esses dois espaços: sala de aula e SAP.

Os trabalhos lúdicos com jogos, brincadeiras e desafios são os destaques deste atendimento, pois o aluno sente-se desafiado a realizar as atividades de forma mais divertida – um “aprender brincando”. Após cada jogo ou cada atividade, sempre ocorre um momento de troca entre os participantes e um momento de sistematização da aprendizagem. O diálogo e a troca de informações entre SAP, coordenação pedagógica e professor titular são muito importantes, pois juntos traçam estratégias para qualificar o trabalho e atingir seu objetivo: a evolução da aprendizagem do aluno.

Se método é o caminho, e se, para trilhar um caminho, é necessário conhecer seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem, alfabetizadores dependem do conhecimento dos caminhos da criança – dos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2016, p. 352).

Já no Projeto de Alfabetização e Letramento Matemático, os alunos desenvolvem atividades desafiadoras de alfabetização e letramento, bem como de raciocínio lógico matemático e a construção do número no LIE, com o objetivo de trabalhar as dificuldades do aluno, a partir do diagnóstico traçado em sala de aula, com o uso de diferentes metodologias, priorizando o uso das tecnologias e mídias.

Nesta perspectiva, a escola propõe uma união de forças entre a SAP e o LIE, priorizando atividades lúdicas e o uso de sites com atividades desenvolvidas para a alfabetização. Desta maneira, propondo a produção de jogos em conjunto com os alunos com a utilização de materiais diversificados envolvendo, efetivamente, a participação desses alunos no projeto.

Referências

BRASIL, MEC. BNCC – Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SOARES, Magda. *Alfabetização: A questão dos métodos*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.



Arquivo das autoras (2021).

Alunos jogando a Trilha do Alfabeto.

Nossas vivências: da leitura de poemas à escrita

Arquivo dos autores (2021).



Alunos declamando os poemas.

A volta às aulas presenciais foi um momento muito esperado pelos alunos e por todos os professores da escola. Após um período de restrição do convívio social, a professora, juntamente com a direção e coordenação, refletiu sobre aproveitar a proximidade do dia 20 de setembro e proporcionar às crianças momentos de acolhida com atividades lúdicas e socialização das mesmas, pois a Semana Farroupilha é uma data que as crianças conhecem e gostam bastante.

A partir do tema proposto, conhecemos e pesquisamos poemas com os alunos, e usamos *Chimarrão*, *Sou gaúcho*, entre outros poemas. Foram pesquisados hábitos e costumes dos gaúchos que eles não conheciam, como os ditados populares: “Frio de renquear cusco”, “Me caiu os butiá dos bolsos”, “Comer bergamota no sol (‘lagartear’)”, além do frequentar o Centro de Tradições Gaúchas CTG e tomar o chimarrão como que um ritual, onde o companheirismo e a amizade são celebrados.

Após, realizaram uma escrita coletiva sobre as narrativas e o que aprenderam com elas. A partir dessa construção de significados e vivências, os alunos ensaiaram para declamar durante as apresentações que teriam nesses dias na escola, para comemorar a Semana Farroupilha.

Com o incentivo à leitura de diferentes gêneros textuais, o poema, entre

tantos outros, contribui para que os alunos possam desenvolver um vocabulário mais aprimorado, melhorando sua escrita e possibilitando também o encontro com o imaginário, o real e o simbólico.

A criação dos poemas possibilitou significar aspectos que favoreceram o desenvolvimento da própria natureza estética, da sensibilidade, dos aspectos cognitivos e linguísticos, do exercício da imaginação, além de favorecer o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura de nosso povo, seja do universo fictício ou real. Nesse sentido, textos sobre a vida cotidiana – em que circulam narrativas mais familiares dos alunos – ganham mais destaque. Assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na

Daiana Vanessa Birk

Especialista em Psicopedagogia Institucional. Professora.

Luana Aradia Guedes Müller

Mestra em Processos e Manifestações Culturais. Coordenadora Pedagógica.

competência de Língua Portuguesa, enfatiza que o aluno deverá:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artísticas-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 87).

Desse modo, o reconhecimento do que é diverso e a compreensão de si geram ações respeitadas, onde os alunos aprendem a valorizar as diferenças, aprimorando percepções e enriquecendo o seu repertório discursivo.

Assim, trabalhar assuntos pertinentes à realidade das crianças a partir dos poemas pode ser uma forma eficaz e prazerosa para elas, uma vez que esta é a arte da linguagem escrita, que explora todas as potencialidades de comunicação e expressão e é capaz de transpor limites de tempo e espaço.

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 jun. 2022.

Arquivo dos autores (2021).



Alunos declamando poesias.





Do brincar ao letramento

Arquivo da autora (2022).



Alunos da turma de Pré 2 na exploração das cabanas.

Muitos ficam em dúvida quando se trata de iniciar o letramento na Educação Infantil: pensam que isso é "tirar" a identidade dessa fase escolar. Perguntaram-me se isso é possível e eu respondi que sim! A criança é um ser puro, é incrível, e está em constante evolução e transformação. É por meio de explorações e vivências significativas que sua ideia de mundo começa a ser formada.

Quando falamos em letramento, logo pensamos em livros, leitura e escrita, mas isso é mais profundo. Um ser letrado é alguém que consegue identificar os símbolos do dia a dia, como placas de sinalização, reconhecer objetos e suas utilidades. Exige uma preparação muito extensa antes de chegar-se à escrita correta de palavras, e é através do brincar que podemos, ou melhor, devemos iniciar essa exploração.

O processo de alfabetização nada tem de mecânico do ponto de vista da criança que aprende. A criança constrói seu sistema interativo, pensa, raciocina e inventa buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita (FERREIRO, 2013, pag. 11).

Na 4ª Semana Municipal do Brincar, com o objetivo de resgatar as brincadeiras de infância, eu, professora Cassiana, titular da turma de Pré 2, juntamente com a auxiliar Marta Teresinha de Azevedo, organizamos três cabanas na sala de projetos da escola, sendo uma delas repleta de livros, sequências de histórias fixadas nas paredes e lanternas para que pudessem ler as imagens, contar suas próprias histórias. Na outra, havia materiais não estruturados, com música e luzes que piscavam de acordo com os sons ou batida da música. Por último, uma terceira cabana, com dinossauros, material heurístico e lanternas que projetavam as sombras dos dinossauros nas paredes. No centro da sala, foi organizado um projetor na altura das crianças para dançarem, usarem fantoches, criarem suas sombras e o que mais a criatividade permitisse. Também havia uma mesa com rolos de papel higiênico com plástico e canetas permanentes para a confecção de lanternas divertidas. Ainda, cada aluno pôde trazer sua lanterna de casa e disponibilizamos outras, para que todos pudessem participar e aproveitar ao máximo esse momento.

Cassiana Soares da Costa

Graduada em Pedagogia. Especialista em Gestão e Supervisão escolar. Especializanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional e Neuropsicologia. Professora.



Arquivo da autora (2022).

Alunos da turma de Pré 2 na construção do texto das experiências.

sem consciência e certeza de que seus relatos agora estavam na íntegra. Ainda aproveitaram para registrar por meio de desenhos o texto formado.

Esta prática aconteceu em dois momentos, sendo o primeiro para exploração livre e diversão dos alunos e, no outro, para o diálogo, registro formal e construção de novas possibilidades. Tudo de forma tranquila e respeitosa, sem julgamento de certo ou errado.

Referências

FERREIRO, Emília. *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez, 1996. (livro)

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*, São Paulo: Cortez, 2013. (livro)

Houve exploração em todas as cabanas. A turminha contou histórias de terror, criou fazendas de dinossauros, sombras dançantes, teatro de sombras e muito mais. E o letramento? Em cada momento, ele ocorreu: cada criança fez a sua leitura de mundo e expôs suas narrativas no momento da rodinha. Assim, a conversa foi se estendendo aos meios de comunicação e chegamos à conclusão de que poderíamos escrever o que falávamos e que o famoso alfabeto serve para formar as palavras que queremos expressar através da escrita.

Desta forma, tendo a professora como escriba, os alunos começaram a relatar suas experiências, as quais iam sendo registradas no quadro da sala e lidas pela professora, a fim de que os alunos tives-





A construção de uma educação em tempo integral



Alunos da turma 41 na comemoração do aniversário da EMEF Edmundo Strassburger.

Quantitativo, devido ao maior número de horas que o aluno permanece nas dependências da escola, momentos esses em que os espaços e as atividades propiciadas às crianças são intencionalmente de caráter educativo. E qualitativo, porque essas horas acrescidas ao tempo de permanência na escola, agregam no trabalho do professor para que os conteúdos propostos possam ser ressignificados, revestidos de caráter exploratório, vivenciados e protagonizados por todos os envolvidos na relação de ensino-aprendizagem.

Em uma perspectiva crítico-emancipadora que nos possibilita refletir sobre a função social da escola, Bourdieu e Passeron (apud ALMEIDA, 2005, p. 151) ressaltam:

Desde a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº. 9.394/1996, o planejamento de políticas públicas de educação em tempo integral vem sendo estimulado em nosso País. Como não poderia deixar de ser, nosso município aderiu ao projeto em meados do ano de 2011 e nossa instituição iniciou como uma escola de turno integral no ano de 2017, passando a ser de tempo integral no ano de 2020.

No início do ano de 2022, ao ser nomeada¹, foi-me oferecida uma escola de tempo integral, confesso que em um primeiro momento resisti ao convite, por não ter a mínima ideia de como era o funcionamento da instituição e por um certo receio de aceitar algo além de minha capacidade profissional. Hoje, passados seis meses, posso dizer-lhes que estou muito feliz com a escolha que fiz: compreendi que uma escola de tempo integral não se trata apenas de um simples aumento de carga horária do que já é ofertado, e sim de um aumento quantitativo e qualitativo.

Ao possibilitar às classes subalternas a apropriação do saber sistemático, revelando-lhes, por essa mediação, as relações de poder em que se estrutura a sociedade, a educação lhes permite também a compreensão do processo social global, uma vez que este saber está genética e contraditoriamente vinculado à situação social, por mais que, ideologicamente, se tente camuflar esta vinculação. O saber acaba levando ao questionamento das relações sociais, mediante um processo de conscientização do

Ângela L. Machado¹

Formada no curso de Magistério. Graduada em Psicologia. Professora.

Mídiâne Alves e Alves²

Graduada em Pedagogia. Auxiliar de turma.



Alunos da turma 41 confeccionando bolachas para seu projeto.

real significado dessas relações enquanto relações de poder, revelando inclusive a condição de contradição que as permeia.

A Escola de Tempo Integral representa um avanço em direção à concretização de uma escola inclusiva que mantém a qualidade e amplia as oportunidades; implica um compromisso com a educação pública que extrapole interesses políticos partidários imediatos, que se engaja politicamente numa perspectiva de desenvolvimento de uma escola pública que cumpra com sua função social, qual seja, a de socializar as novas gerações, permitindo-lhes o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, contextualizando-os e contribuindo na ampliação do capital simbólico existente, propiciando às crianças e jovens conhecer o mundo em que vivem e compreender as suas contradições – o que lhes possibilitará a sua apropriação e transformação.

No início do ano letivo, na primeira reunião dos professores, ouvimos a seguinte observação, trazida pela diretora Aline Monteiro: "A escola integral funciona como uma engrenagem". Como estou iniciando² na profissão, ainda em estágio, não compreendi toda a bagagem que essa observação carregava. Hoje posso dizer que da mesma forma que atletas do esporte de Remo buscam sua vitória remando, sincronizados e alinhados, assim são os professores de uma escola de tempo integral, onde o foco não é só administrar o conteúdo junto aos alunos e, sim, proporcionar uma experiência escolar significativa a cada criança que por ali passar, com professores

sincronizados, desde uma mera fila no ginásio ou até mesmo na organização de um almoço no refeitório onde o tempo é valioso para que tudo ocorra conforme o planejado. Assim, como no esporte, todos os envolvidos precisam estar focados, utilizando da rotina, força de vontade e superação para um bem maior. No nosso caso, o troféu é capacitar nossos alunos para conviver em sociedade.

Na escola de tempo integral são maiores as chances do professor criar um vínculo com seu aluno, aumentando os benefícios na vida do educando, pois é através da educação que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável, não fosse à renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso, com antecedência, para a tarefa de renovar um mundo comum.

Referências

- ALMEIDA, L.R.S. *Pierre Bordieu: A Transformação Social no Contexto de "A Reprodução"*. INTER-AÇÃO. Revista da Faculdade de Educação, Editora da UFG, Goiânia, v. 30, n. 1, pp. 139 - 155, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira*. Brasília: MEC.
- BARBOSA, Kelly Santos. Revisão da literatura em técnicas de modelagem de software. *Revista da Informática, Florianópolis*, v. 12, n. 14, pp. 11 - 29, nov. 2017. (revista científica)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 25^a ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. (livro)
- FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia Não – Cartas a Quem Ousa Ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997. (livro)
- MELO, Walter Pires. Programação: a arte da criação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 abr. 2007. Caderno de novas tecnologias, p. 10. (matéria de jornal)
- TANENBAUM, Andrew. *Redes de computadores*. 5^a ed. São Paulo: Elsevier, 2016. (livro)



Motivando os estudantes através da música



Arquivo dos autores (2022).

Ensaio de flautas com alunos da turma 51.

No ano de 2021, recebemos na escola os alunos em uma ocasião atípica para todos. Infelizmente, com a pandemia de Covid-19, nossa aprendizagem se deu de forma remota. Esta condição de ensino trouxe aos educadores diversos desafios, entre eles a dúvida de quando e como seria o retorno destes estudantes à escola.

Este retorno das aulas presenciais não foi fácil, pois apresentou um grupo de estudantes ansiosos em voltar ao convívio social. Uma das medidas que a escola encontrou para lidar com esta situação foi utilizar as aulas de música como ferramenta de motivação.

Diante disso, as aulas de música foram realizadas dispondo dos instrumentos de flauta e violão, com o objetivo de reunir atividades práticas musicais, que proporcionam uma melhor convivência entre os estudantes e os motivam no ambiente escolar – motivação que auxilia no desempenho com outras disciplinas.

A música em espaço educacional também tem uma função de



inclusão, desenvolvendo uma perspectiva de melhoria nas relações interpessoais dos estudantes. Esse princípio está em concordância com Freire (2002, p. 20), que diz que as práticas educativas de um professor devem abarcar a “[...] compreensão dos sentimentos, das emoções, da afetividade e do respeito [...]”, propiciando, assim, um ambiente onde as trocas entre alunos e o educador, seja valorizado no processo dinâmico de construção do conhecimento.

As aulas transcorreram de forma muito agradável, com os estudantes sempre demonstrando muito entusiasmo em aprender um instrumento musical (flauta). Com o decorrer das aulas e dos ensaios, vimos necessário realizarmos uma pequena apresentação.

A proposta da nossa escola de tempo integral é proporcionar um ambiente agradável de aprendizagens significativas para todos os estudantes e envolvidos. Através das aulas semanais de música e da possibilidade de apresentação do trabalho para os pais, percebemos um avanço significativo na aprendizagem, atenção e foco dos estudantes.

Segundo Karter (2004):

Quando falamos neste sentido do papel formador do educador musical, seu esforço sistemático em dedicar-se ao crescimento musical e humano integrado (seu e de seus alunos), expressamos algo mais. (KATER, 2004, p. 44).

Marcelo Ferreira de Melo

Graduado em Música. Pós-graduado em Educação Popular e Movimentos Sociais. Professor.

Elisandra Lemos Winter

Graduada em Pedagogia Anos Iniciais e Educação Infantil. Pós-graduada em Educação para Diversidade. Coordenadora pedagógica.



Arquivo dos autores (2022).

Aluna da turma 51, concentrada na aula de música.



Como professor e instituição escolar, emerge um forte sentimento de missão cumprida junto com aqueles que se envolveram nesta ação, e um grande orgulho naquilo que é realizado.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KATER, Carlos. *O Que Podemos Esperar da Educação Musical em Projetos de Ação Social*. Revista da ABEM. Porto Alegre, v. 10, pp. 43 – 51, mar. 2004.

EMEF Esperança



O melhor aperto do mundo!

É de conhecimento geral que a pandemia de Covid-19 pegou todos de surpresa. Com isso, a rotina diária mudou, o isolamento social foi necessário, deixando as pessoas mais tristes e suscetíveis às doenças, principalmente as emocionais.

O Novo Coronavírus dificultou a aproximação das pessoas, que tiveram que criar estratégias para se fazerem presentes. E foi em uma dessas estratégias, utilizando a aula síncrona, que surgiu o projeto da turma 41, "O Melhor Aperto do Mundo!".



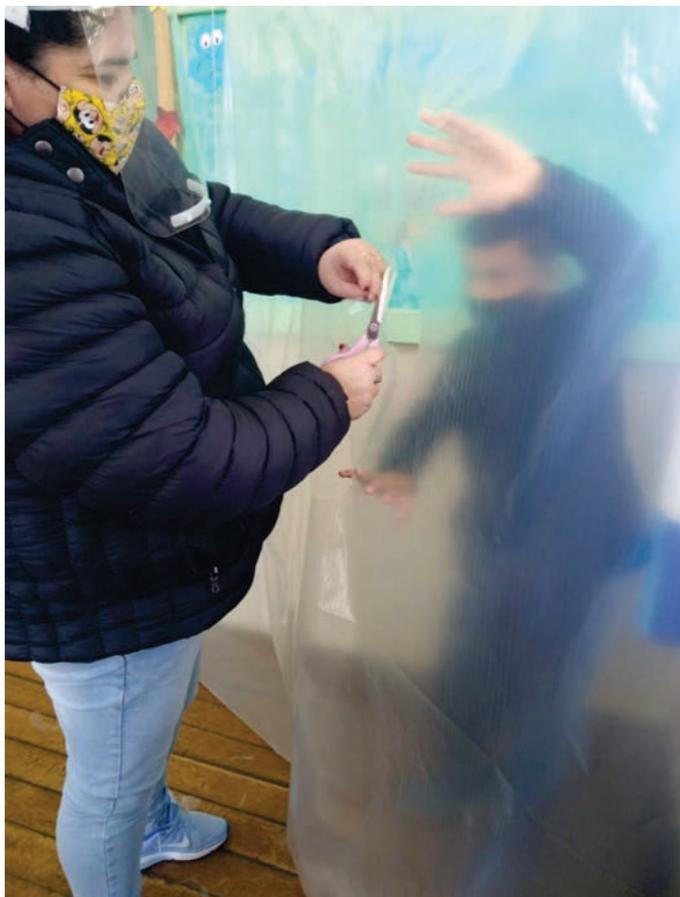
Durante uma dessas aulas, os alunos falaram de suas angústias e de seus medos, e o que o isolamento lhes causa-

va. Foi quando relataram também que o que mais sentiam era falta de carinho, do toque e do abraço. Aproveitou-se, então, para realizar um projeto de pesquisa em relação ao abraço e seus benefícios para a saúde.

Foi necessário muito trabalho, estudo e pesquisa, para levantar hipóteses e chegar às conclusões. Os registros, as ideias, entrevistas e contribuições chegaram através do grupo de WhatsApp da turma e, a partir daí, os pais iniciaram suas participações nas aulas remotas, que eram realizadas semanalmente. Foi um momento de grande aprendizado para toda família e comunidade escolar, que participou também através de formulários on-line.

Magali Terezinha da Rocha

Graduada em Pedagogia. Especialista em Neuropsicopedagogia. Professora.



Arquivo dos autores (2021).

Construção da cortina do abraço.

No decorrer do projeto, pensaram em diferentes maneiras de “abraçar” alguém em tempo de pandemia. E então, com todos os cuidados necessários, puderam voltar às aulas presenciais e confeccionaram a Cortina do Abraço, o que lhes trouxe muita alegria e emoção, pois poderiam utilizá-la sempre que necessário.

A turma também constatou que ajudar o próximo é um meio de abraçar, e fizeram a campanha Abrace Alguém Doando um Agasalho.

Observando todo o desenvolvimento do projeto, pode-se verificar que a afetividade, o envolvimento e o comprometimento mútuo são muito valiosos dentro do ambiente escolar. Além das disciplinas e conteúdos, é possível, sim, em sala de aula, aprender a amar, ser amado, acolher e ser acolhido, ajudar e ser ajudado. Segundo Piaget (1977, p. 16), sem afeto, então, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há também questionamentos – e, sem eles, não há desenvolvimento mental.

Afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra.

Portanto, o olhar atento e afetuoso do professor é fundamental para uma aprendizagem significativa, prazerosa e eficaz. Ou seja, o vínculo criado entre professor e aluno jamais será esquecido, trazendo transformação para a vida da criança, tornando-a uma pessoa humana, empática e comprometida. Foi isso que o projeto conseguiu desenvolver: aprender com amor.

Referências

CAMPO BOM. *Documento Orientador Curricular Municipal*. Secretaria de Educação e Cultura, 2018.

SALLA, Fernanda. *O Conceito de Afetividade de Henri Wallon*. Nova Escola, 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/entrar?voltar=/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 19 de maio de 2022.

PIAGET. Jean. *Psicologia da Inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. Acesso em 19 de maio de 2022.

Arquivo dos autores (2021).



A emoção do primeiro abraço na cortina.

Explorador kids - aprendendo uma nova linguagem



Arquivo do autor (2022).

Alunos das turmas Pré 1 e Pré 2 utilizando o Explorador Kids.

Desde os primeiros momentos de vida, o ser humano inicia o desenvolvimento da comunicação com os demais de sua espécie. Na escola, durante os anos iniciais, nós educadores temos a missão de ensinar a linguagem verbal à criança. É esta, sem nenhuma dúvida, a principal forma de comunicação entre um ser humano e outro.

As revoluções tecnológicas que ocorreram nos últimos anos criaram novas formas de comunicação. Mais especificamente, cito a linguagem de programação. Com o advento dos computadores, pas-

samos a utilizá-los no nosso cotidiano, tornando-os parte da nossa vida, seja no trabalho, em casa e, por que não, no nosso lazer.

Face a essa realidade, se entendeu que a linguagem de programação deveria ser trabalhada dentro das escolas, desenvolvendo nos alunos o interesse pelo assunto. Buscando levar até os educandos o conhecimento sobre a linguagem de programação, utilizamos o Explorador Kids, com base na programação desplugada, isto é, aprendizagem sobre a ciência da computação sem o uso de computadores, de forma divertida e interativa.

De acordo com Vieira (2013), o princípio da estratégia é não usar computadores: ensinar ciência da computação, aprender fazendo, tornar o ensino divertido, sem o uso de equipamento algum, desenvolver variações sobre a aplicação das atividades, incluindo a comunicação e a solução de problemas para reforçar a cooperação, desenvolver atividades que possam ser usadas independentes das outras e, por fim, ser flexível com relação a erros – isto quer dizer que pequenos erros não devem impedir que os alunos entendam os fundamentos (VIEIRA, 2013, p. 672).

Trabalhamos linguagem de programação com as turmas da professora Rosane (Pré 1 e Pré 2) de forma lúdica, divertida e atrativa. O Explorador Kids é composto por um robô – batizado com o nome de Joanhina pelas turmas –, cinco tapetes pedagógicos, e vários cartões com os comandos que serão utilizados.

Formamos grupos com quatro alunos em cada um. Os alunos foram orientados sobre como a Joani-

Rogério Gribler

Graduado em Geografia e História. Professor.

nha recebia os comandos e como estes eram armazenados em sua memória. Após programar o robô, ou seja, dar a ele as orientações sobre o trajeto que deveria percorrer sobre o tapete pedagógico, o aluno colocava-o na posição de partida e dava o comando



Arquivo do autor (2022).

Alunos das turmas Pré 1 e Pré 2 utilizando o Explorador Kids.

“GO”, e assim, a Joanelha fazia o seu caminho com os olhares atentos dos pequenos programadores. Cada comando obedecido colocava o educando como protagonista da ação realizada.

A comunicação só é efetiva quando a parte receptora entende o que foi transmitido pelo emissor. Quando o educando percebe, na prática, que o seu comando foi recebido e entendido pelo brinquedo, a aprendizagem se torna concreta. Aquela informação sobre o que é programação que era apenas uma teoria, agora se torna prática.

É possível tornar visível para os alunos, de forma lúdica e divertida, algo que parece tão complexo. Relacionar os assuntos estudados em aula com a realidade dos alunos é desafiador, e a aprendizagem da linguagem de programação pode trazer um novo olhar sobre o futuro para cada um dos nossos alunos.

Referências

VIEIRA, Anacilia; PASSOS, Odette; BARRETO, Raimundo. *Um Relato de Experiência do Uso da Técnica Computação Desplugada*. Anais do XXI WEI, 2013, Monografia disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15755/1/SSR11102017.pdf>. Acesso em junho de 2022.





As possibilidades da pedagogia por projetos em estudos sobre a astronomia e astrologia no Ensino Fundamental

Arquivo dos autores (2022).



Realização de pesquisas com diferentes fontes, e e entrevista virtual com a astrofísica Dr^a Daniela Pavani, professora da UFRGS.

Tendo a mente das crianças uma “natureza científica”, que busca constantemente por hipóteses e respostas para suas inúmeras dúvidas e curiosidades, pode-se perceber o quanto é possível se iniciar uma grande aventura de descobertas, a partir de um simples olhar atento para os céus (AMARAL, 2015). E foi assim, olhando e se encantando diariamente com os astros e seus fenômenos naturais que nasceu o projeto “Astronomia e Astrologia Divertida: Conhecendo o Sistema Solar”, para alunos do 5º ano da EMEF Lúcia Mossmann.

No atual contexto de retomada escolar, após período de intensa pandemia, a pedagogia por pro-

jetos, a proposta apresenta-se como uma rica possibilidade de aprendizagem, baseada na valorização da curiosidade e interesse dos alunos em pesquisas científicas (GUEDES, 2017; FLECK, 2012). Oportuniza o levantamento de dúvidas e hipóteses a respeito da diferença entre conceitos de astrologia, astronomia, e suas possíveis, ou não, influências na vida humana. Isso provocou a grande discussão acerca da mais antiga das perguntas, sendo o verdadeiro enigma da humanidade: “Qual é a origem do universo?, Como tudo isso iniciou?”. Estes temas sempre despertam não só o interesse, mas convidam os sujeitos a uma ação em busca por respostas, especialmente naqueles que nascem com um espírito investigativo (LONERGAN, 2006; VENTURA 2002).

Esta abordagem dinâmica, contextualizada e construtivista dentro do ambiente escolar, produz aprendizagens ricas e potencializadoras, que estimulam os estudantes a buscarem novas formas de construir conhecimentos por meio de ações pedagógicas coletivas, lúdicas e integracionistas – que são desenvolvidas levando em consideração, não apenas as necessidades e limitações, mas principalmente as trocas entre os pares, interesses, aquisição de habilidades e competências que turmas heterogêneas tanto possuem (FLECK, 2012; GUEDES, 2017).

Ananda Nasai Machado de Oliveira

Graduada em Pedagogia. Mestranda em Psicologia. Professora.

Aline Aguiar de Carvalho

Graduada em Pedagogia e Psicopedagogia. Mestra em Letras. Coordenadora Pedagógica.



Arquivo dos autores (2022).

Alunos da turma 52 realizando apresentações sobre as descobertas das pesquisas.

Exatamente assim, aconteceu com a turma 52, que pôde em grupos, escolher o tema da pesquisa quali-quantitativa envolvendo os conceitos da astronomia e astrologia. Criaram suas próprias estratégias e organização de estudos, produzindo maquetes, cartazes e uma diversidade de gêneros textuais, passando a formular perguntas sobre o projeto, que obteve uma amostragem de 400 participantes, mobilizando alunos, professores, amigos, familiares e comunidade em geral.

Todas estas ações acabaram por motivar os estudantes a almejem futuramente seguir carreiras profissionais na área das ciências. O que veio, de fato, se concretizar quando se realizou uma entrevista virtual com a astrofísica Daniela Pavani, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e responsável pelas sessões itinerantes do Planetário da UFRGS. Ela gostou tanto do projeto da turma que marcou visita para conhecer a escola e os alunos, realizando sessões com os equipamentos do planetário móvel de forma gratuita para toda a escola em outubro de 2022.

Referências

AMARAL, Denise de Souza. *Estudo de Uma Sequência Didática na Perspectiva de Ausubel para Alunos do Sexto Ano do Ensino Fundamental Sobre Astronomia*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2015.

FLECK, Maria Luiza Steiner. *Pedagogia de Projetos: O Princípio, o Fim e o Meio*. Revista Diálogo Canoas, v. 1, pp. 117 - 140, 2012. (revista científica)

GUEDES, J. D.; et al. *Pedagogia de Projetos: Uma Ferramenta para a Aprendizagem*. Id on-line Revista Multidisciplinar e de Psicologia. v. 10, n. 33. supl. 2. janeiro 2017. (revista científica)

LONERGAN, Bernard. *Método em Teologia*. Trad. Gerardo Temolina. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006. (livro)

VENTURA, P. C. Por uma pedagogia de projetos: uma síntese introdutória. *Educação & Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, pp. 36 - 41, jan./jun. 2002. (revista científica)

A pedagogia por projetos valorizou tanto o método científico, com práticas tão enriquecedoras, que os alunos escolheram realizar – como culminância do projeto – uma grande exposição de suas descobertas, para apresentar às demais turmas da escola, provando que uma aprendizagem significativa é capaz de produzir autonomia e cooperação, bem como promover o papel social da escola como fomentadora da permanente reflexão tanto filosófica quanto científica na vida prática dos sujeitos.





Aplicação da aprendizagem criativa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcos Silvano Vieira



Aprendizagem Criativa é uma perspectiva pedagógica que busca ideias para desenvolver a troca entre pares e conexões entre os alunos, na qual o professor elabora e fornece um ambiente estimulador ao exercício da criatividade, da imaginação e

da colaboração, procurando despertar os interesses e habilidades dos alunos.

O avanço tecnológico e o acesso à informação de forma rápida, dentre outras coisas, também influenciam o estudante deixando-o mais curioso e questionador, já não se satisfazendo somente com métodos convencionais e tradicionais, numa sociedade em constante mudança e marcada por movimento intenso de produção e divulgação de conhecimentos. Mais do que nunca, é preciso investir nas pessoas: só o ser humano será capaz de construir saberes e conhecimento. Porém, numa cultura predominantemente impregnada pela lógica linear, modelo que sustenta a maioria de nossos sistemas educacionais, implementar mudanças não é algo fácil de se fazer. Nesta medida, Edgar Morin (2004) discute a "reforma do pensamento" como possibilidade de mudança para a educação e para os espaços nos quais atuamos como mediadores de conhecimento.

Ao encontro de todas essas demandas existentes no meio escolar, atualmente a própria Base Nacional Comum Curricular traz como competências a serem trabalhadas com os alunos: a empatia e cola-

boração, argumentação, pensamento científico, crítico e criativo. Competências, estas, muito presentes na aplicação da Aprendizagem Criativa.

Baseado nisso, as práticas na Aprendizagem Criativa são dinâmicas e buscam ser abrangentes e contemplarem várias formas de conhecimento em Arte, Corpo e Tecnologia, intensificando e fomentando o desenvolvimento das competências socioemocionais.

Várias atividades podem ser desenvolvidas, como jogos, gamificação, artesanato, robótica, contação de histórias, técnicas de *design thinking*, música, ciências, mapas mentais, jogos didáticos on-line... Unindo várias disciplinas, como por exemplo: Educação Física, Artes, Informática, entre outras – promovendo, assim, a multidisciplinaridade.

Na EMEF Marcos Silvano Vieira, nas aulas de Aprendizagem Criativa, norteamos processos reflexivos e criativos, que aguçam e despertam para uma consciência e análise de caminhos que orientem a elaboração de soluções de problemas recor-



rentes no cotidiano escolar. As aulas são ministradas nas turmas do 1º a 5º ano, uma vez por semana, com duração de uma hora, onde

Charlene Cristiane Oliveira Loureiro
Graduada em Geografia. Professora.

os alunos desenvolvem atividades práticas de acordo com os temas e centros de interesse, acordados previamente. As aulas são divertidas e transformadoras, potencializando o aprendizado e a habilidade de resolução de problemas. Já foram desenvolvidos jogos, atividades com materiais reciclados, artesanato com garrafas plásticas, games de atividades físicas, contação de histórias, animações em 3D, entre outros – sempre buscando nutrir o interesse e a curiosidade dos alunos, colocando-os na posição de agentes que produzem, vivenciam e compartilham seus conhecimentos.



Arquivo do autor (2022).

Alunos da turma 11 criando um jogo.

Referências

ABAC – Associação Brasileira de Aprendizagem Criativa. *Aprendizagem Criativa na Prática: A Experiência do Desafio de Aprendizagem Criativa Brasil 2018*. São Paulo, 2019. Disponível em <http://aprendizagemcriativa.org/dac2018>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> (Links para um site externo)Links para um site externo. Acesso em: 15 jun. 2022.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento*. Bertrand Brasil, 9ª ed. Rio de Janeiro, 2004.



Arquivo do autor (2022).

Alunos da turma 51 criando uma animação digital.





Quer ouvir uma leitura?



Aluno colando figurinha no álbum.



Arquivo dos autores (2021).

se nos livros utilizados em sala de aula: aqueles livros que eu lia – que fazíamos alguma atividade de exploração da história – eles tinham mais interesse em ler.

Pensei que se eles tivessem aqueles livros trabalhados em aula, teriam maior interesse em

ler em casa para seus

familiares. Mas como disponibilizar esses livros? Como presentear-los com estas obras?

Comecei a pensar como motivar os alunos a ler em voz alta em suas casas, como também gostaria de dar estes livros de presente para eles, porém, não conseguiria comprar um livro para cada um. Então, tive a ideia de criar a "Rifa da Leitura".

Comprei seis livros, que foram trabalhados em sala de aula: três para a turma da manhã e três para a turma da tarde. Os títulos escolhidos foram os que interessaram os alunos durante as aulas. Estes seriam os prêmios da rifa. Comprei também alguns gibis, que seriam a premiação pela dedicação dos alunos que mais "vendessem leituras" e confeccionei marca-páginas que seriam dados a todos os alunos do terceiro ano, como lembrança desta atividade e para serem utilizados nas próximas leituras.

Semanalmente, os alunos levavam para casa cartelas de rifa com dez números, sendo que estes seriam preenchidos com o título da leitura que eles deveriam "vender". As leituras a serem realizadas poderiam ser dos livrinhos levados para casa, ou de

Ao chegar no terceiro ano do Ensino Fundamental, torna-se imprescindível a autonomia de leitura, ou seja, ler e entender o que se leu.

Ler e conseguir resolver uma historinha matemática, ler uma história e compreendê-la, conseguir realizar uma tarefa a partir de seu enunciado, ler e entender as regras de um jogo a partir de seu manual.

Uma das estratégias para desenvolver esta autonomia de leitura é a leitura em voz alta, a qual pode ser realizada de muitas maneiras e também com textos bem diversificados.

Pensando nesta necessidade, para que se possa ter uma melhor aprendizagem, foi desenvolvido este projeto de leitura – a fim de desenvolver estas habilidades.

Tínhamos em nossa sala, à disposição, vários livros de literatura infantil, os quais eram retirados e levados para casa semanalmente, porém, eu não observava melhora na fluência de leitura, principalmente em voz alta.

Percebi também que os alunos demonstravam interes-



Juliana Konorath Braun

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Docência na Contemporaneidade. Professora.



livrinhos que eles já tinham, ou de qualquer outra leitura que fizessem em voz alta – como ler uma notícia do jornal, ler uma receita, ler o manual de um jogo. Poderiam utilizar também um aplicativo disponibilizado

pela prefeitura chamado *Elefante Letrado*, que é uma biblioteca virtual. Em troca da leitura vendida, que deveria ser realizada em voz alta, os alunos teriam que pedir a assinatura do ouvinte na cartela, comprovando a venda dessa leitura.

Após um mês de vendas de leitura, chegamos à marca de quase 700 leituras vendidas, ou melhor, leituras realizadas pelos alunos. Então, fizemos o sorteio da premiação da rifa, a qual foi feita em uma chamada de vídeo pelo *Google Meet*, com a participação de pais e alunos. Todos ficaram muito entusiasmados, sendo que seis alunos foram premiados com livros e 16 alunos foram contemplados com gibis.

Logo depois, começamos a desenvolver mais uma atividade de incentivo à leitura: o *Álbum Literário*, que consiste em um álbum de figurinhas, onde cada página tem o espaço destinado para o registro de leitura de um livrinho, inclusive a leitura em voz alta. Após realizada a leitura e o preenchimento das tarefas relacionadas ao livro, o aluno tem o direito de receber a figurinha do livro, que é a imagem de sua capa. A cada semana, trocamos de livros e colamos as figurinhas no álbum.

Foi muito gratificante ver a dedicação dos estudantes e das famílias no envolvimento com a atividade proposta. Havia famílias compostas somente por mães que ouviam os textos, e algumas, dedicaram-se, durante um mês, a ouvir mais de 70 leituras em voz alta realizadas pelos seus filhos.

Referências

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. 1º ed. São Paulo: Moderna, 2003.

EMEF Morada do Sol



As formações étnicas da Turma 41 da EMEF Morada do Sol

Quando falamos em diversidade, estamos nos referindo a todas as diferenças que fazem o mundo tão interessante. Na escola, essas várias faces se encontram, compartilhando um mesmo objetivo: o de aprender.

Portanto, a escola é um ambiente em que a diversidade deve ser respeitada. Mas esse respeito nem sempre vem de casa. Assim, é preciso que ele seja ensinado e valorizado na cultura da comunidade escolar.

Vivemos em um país miscigenado. Isso se reflete no município de Campo Bom: um município formado por muitas etnias, com várias culturas e

nuances diversas. Isso aparece em todos os aspectos da sociedade. Portanto, é importante tratar abertamente sobre a questão da diversidade dentro da sala de aula, como forma de construir um ambiente saudável, onde todos se respeitem.

Nesse contexto, ao iniciarmos os estudos sobre as diferentes etnias formadoras do município de Campo Bom, em 2021, a turma 41 da EMEF Mora-

Morgânia Silva de Oliveira

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado. Professora.



Desenho realizado pela aluna Clara, da turma 41.

da do Sol questionou-se: “de onde vêm as diferenças presentes nos alunos da turma 41?”. Esses questionamentos, ao longo de nossos estudos, tornaram-se cada vez mais presentes nas aulas. Assim, na medida em que nos aprofundamos para responder essas perguntas, percebemos que, para sanar nossas dúvidas e curiosidades, poderíamos elaborar um projeto de pesquisa; assim surgiu o projeto científico “A cara da turma 41”.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, o respeito à liberdade e o apreço à tolerância são princípios da Educação. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) valoriza a promoção da diversidade e a necessidade de terminar todas as formas de discriminação.

Refletindo sobre as diferenças entre os alunos da turma 41 e ampliando o olhar sobre a diversidade, elaboramos as seguintes hipóteses para, assim, nortearmos nossa pesquisa: Somos diferentes porque somos de famílias diferentes. Somos diferentes porque as pessoas que vieram antes de nós eram diferentes.

Para comprovar nossas hipóteses, realizamos uma série de pesquisas com as famílias da turma 41, sobre a formação étnica de cada uma delas. Com isso, elaboramos



Arquivo da autora (2021).

um gráfico que representa as origens das famílias envolvidas. Também pesquisamos sobre as tradições e costumes das mesmas. No Laboratório de Informática da escola, pesquisamos a origem dos sobrenomes de cada aluno.

No decorrer da pesquisa, a turma concluiu que a diversidade está presente em todas as coisas: na natureza, nas pessoas, nos objetos, entre outros. Apesar de vivermos todos na mesma cidade, frequentarmos a mesma escola e estudarmos na mesma turma, somos diferentes, pois temos origens diversas. Portanto, é importante saber de onde viemos – ou seja, quais são nossas origens –, pois é isso que nos torna todos diferentes e especiais, cada um do seu jeito, com suas tradições e costumes.

Com esse projeto, os alunos perceberam que a turma 41 não tem uma só cara, um só rosto, um só jeito. A turma 41 tem pessoas diferentes, com diversas cores, diversos costumes, tradições, pensamentos e opiniões diversas, tudo isso devido à origem de nossas famílias.

Esse resultado demonstra o quanto é importante entendermos as questões que envolvem a diversidade, já que ela está presente fortemente na escola e nas nossas famílias. Respeitar as diferenças é o primeiro passo para colocarmos fim no desrespeito e em todas as formas de discriminação na nossa sala de aula e até mesmo na escola.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. 9394/1996*.

Cor das famílias da turma 41

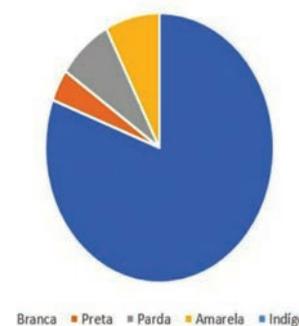


Gráfico elaborado a partir da pesquisa realizada com as famílias.

Arquivo da autora (2021).



Ansiedade no ensino remoto: e agora?



Alunos e alunas da turma praticando Yoga.



Alunas mostrando seus registros e seus Diários das Emoções.

Arquivos da autora (2021).

e o que ela faz; verificar se a ansiedade afeta crianças e investigar e explorar formas de diminuir a ansiedade no ensino remoto.

Pesquisamos o conceito de ansiedade no dicionário e na internet, fizemos observações sobre nossos sentimentos durante

Devido à ansiedade gerada pela pandemia de Covid-19, tornou-se necessário conhecermos as maneiras para diminuirmos este estado emocional, para conseguirmos manter nossos estudos de maneira adequada e podermos compreender aquilo que estudamos. Por isso, a turma 41 estudou este assunto para a Feira de Ciências de 2021, com o problema "Como podemos diminuir a ansiedade no ensino remoto?".

No cenário atual, de grande estresse e com a persistência dos sintomas de ansiedade, a mente fica desgastada. Assim, com as mudanças de hábitos, a impossibilidade de as crianças realizarem atividades fora de casa, de desfrutarem da companhia dos avós, de brincarem com os amigos, além da necessidade de se adaptarem ao ensino remoto, causou um impacto negativo na saúde mental dos pequenos (ALVIM, 2010).

Para responder a este problema, elaboramos um objetivo geral: descobrir as maneiras para diminuir a ansiedade no estudo remoto. Como forma de pesquisarmos e aprendermos sobre o assunto, elaboramos objetivos específicos: definir o que é ansiedade

a pandemia, observamos vídeos sobre o assunto e lemos livros com esta temática. Entrevistamos uma psicóloga para descobrir e responder nossas perguntas. Pesquisamos na internet as maneiras de diminuir a ansiedade durante o ensino remoto e, de acordo com a pesquisa, seguimos as dicas: criação de Diário das Emoções (para registro dos sentimentos), Yoga e técnicas de respiração (para aprender a respirar e acalmar-se), e criação e organização da rotina semanal (para aprender a organizar-se).

Descobrimos que a ansiedade é uma reação normal do corpo, mas quando ela acontece várias vezes e nos preocupamos com algo que ainda não aconteceu (e que às vezes nem acontecerá) é sinal de que algo está errado com nosso corpo, e aí precisamos investigar com médicos/médicas especialistas (psicólogos e psicólogas, psiquiatras, clínicos gerais). A ansiedade pode aparecer de diferentes formas no nosso corpo, pois cada pessoa rea-



Fabiane Aline Barbosa

Graduada em História. Pós-graduada em Mídias na Educação. Graduada em Biblioteconomia. Professora.

ge de um jeito, e pode também afetar todas as pessoas, independentemente da idade. De acordo com a Biblioteca Virtual da Saúde, podemos entender a ansiedade "(...) como um fenômeno que ora nos beneficia ora nos prejudica, dependendo das circunstâncias ou intensidade, podendo tornar-se patológica, isto é, prejudicial ao nosso funcionamento psíquico (mental) e somático (corporal)."

Descobrimos que, para diminuir a ansiedade no ensino remoto, precisamos realizar atividades que sejam prazerosas para a gente – e o que pode funcionar para uma pessoa, nem sempre funciona para todas. Além disso, é importante manter uma rotina para se organizar nas suas atividades, conforme Ribeiro (2021) aponta sobre esse assunto: "(...) uma grande aliada da nossa saúde mental, pois



a previsibilidade ajuda a reduzir a ansiedade. Com as crianças, a lógica é a mesma. Manter uma rotina faz com que elas se sintam mais seguras."



Referências

ALVIM, Jô. A ansiedade infantil na pandemia. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/blog/psicoblog/post/2020/08/27/a-ansiedade-infantil-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

ANSIEDADE, Biblioteca Virtual em Saúde, 2011. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/ansiedade/>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

RIBEIRO, Maiara. Saúde mental das crianças pode ser afetada pela pandemia. Drauzio Varella, 2021. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/saude-mental-das-criancas-pode-ser-afetada-pela-pandemia/>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

EMEF Presidente Vargas



Emoções à flor da pele: autocontrole emocional e acolhimento em tempos de pandemia

Durante o período de isolamento social, vivenciado na pandemia mundial de Covid-19, muitas pessoas passaram por grandes perdas e momentos de solidão, onde mesmo os menos impactados tiveram alterações na sua rotina, com modificações na forma de estudar, trabalhar e estabelecer sua rotina diária. Neste sentido, as professoras construíram um projeto com a turma 82, no ano de 2021 (retorno ao presencial), que se propôs a investigar e analisar as emoções presentes nos membros da comunidade escolar da EMEF Presidente Vargas.

Segundo Moran (2013, p.16), "A educação é eficaz quando nos ajuda a enfrentar as crises, as etapas de incerteza, de decepção, de fracasso em qualquer

área e a encontrar forças para avançar e achar novos caminhos e realizações", sendo assim, a ideia deste projeto em parceria com os alunos se faz essencial em tempos de crise, fundamentando a ideia de educação em diferentes espaços e realidades.

Diante do exposto, a turma 82 se reuniu nas aulas de Ciências e Geografia para criar



Cecilia Decarli

Doutoranda em Educação em Ciências. Mestra em Biologia. Professora.

Simone Chiká

Graduada em Geografia. Professora.



Ação de acolhimento com a comunidade escolar.

Arquivos das autoras (2022).

um formulário para a comunidade escolar, com objetivo de investigar e compreender as emoções que a pandemia gerou neste público e propor uma ação de acolhimento emocional.

A partir das respostas de 31 pessoas pertencentes à comunidade escolar, obteve-se alguns dados sobre as emoções no período de isolamento social. Dos dados mais significativos elenca-se abaixo:

- Público: 71% feminino e 29% masculino, maioria com faixa etária de 26 a 45 anos, quase metade destes reside com apenas mais uma pessoa;
- 96,8% relatam que tiveram alterações nas emoções e, destes, 64,5% dizem que estas afetaram suas relações pessoais;
- 77,4% tiveram alterações na forma de trabalhar e/ou estudar;
- 38,7% contraíram Covid-19 ou alguém com quem moram teve a doença;
- Apenas 41,9% não perderam nenhuma pessoa próxima em função da doença;
- As palavras mais frequentes nas questões dissertativas foram relacionadas a rotinas de trabalho, demonstrando exaustão emocional (figura 1).

Os dados demonstram alterações significativas nas relações pessoais, alterando assim as emoções dos sujeitos. Segundo a UNICEF (2021), houve um aumento dos casos de ansiedade, de depressão, e de falta de motivação física e mental durante a pandemia.

Após tabulação dos dados, os alunos reuniram-se para debater sobre o retorno da entrevista e conversar sobre as suas próprias emoções neste período e, no retorno à escola, ainda com muitas incertezas. A partir disto, pensaram em uma ação de acolhimento a ser realizada com a comunidade escolar.

Os alunos escreveram cartas e bilhetes manuais de acolhimento, com poemas e frases autorais, que foram fixados a uma plantinha (flores, chás e temperos); e alguns alunos organizaram-se para distribuir os mimos para a população do entorno da escola. A ação foi muito gratificante para as pessoas acolhidas, que relataram histórias emocionadas e alegraram-se com a ação de acolhimento, assim como para os estudantes que vivenciaram a troca afetiva com as pessoas.

Percebeu-se, através dos dados da entrevista, e depois, pela ação de acolhimento, o quanto as pessoas tiveram mudanças na sua rotina e, por consequência, nas suas relações pessoais, com alterações emocionais – sendo importante um olhar acolhedor

para as emoções dos alunos e dos demais membros da comunidade escolar, demonstrando o significado e o papel da escola para a sociedade em geral.



Nuvem de palavras oriunda da entrevista sobre emoções na pandemia.

Referências

- Moran, José Manuel. (2013). Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In J.M. Moran, M.T. Massetto e M.A. Behrens (Eds.), *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica* (pp. 11 - 72). Campinas, SP: Papyrus.
- UNICEF. 2021. *The impact of Covid-19 on the mental health of adolescents and youth*. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/en/impact-covid-19-mental-health-adolescents-and-youth>. Acesso em 22 jun. 2022.

pintados por Van Gogh. Os alunos iam revezando entre momentos de pesquisa e busca de inspiração nas aulas no Laboratório de Informática Educativa e elaboração das releituras nas aulas em sala, criando uma atmosfera de rico conhecimento e expansão dos horizontes para muito além da sala de aula e do bairro no qual a escola está inserida.

As releituras realizadas pela turma foram, uma a uma, escaneadas para o computador com a ajuda da professora, e as imagens, agora digitalizadas, foram alocadas em slides de *Power Point*, juntamente com uma foto de cada aluno autor, como se cada um deles tivesse, a partir daí, a sua própria galeria de arte. A parceria entre os professores envolvidos no projeto foi fundamental para que todos os alunos da turma pudessem explorar ao máximo as suas habilidades, conforme a imagem 01.

Durante as aulas, à medida em que os alunos iam criando suas releituras, surgiam conversas informais entre eles acerca das inúmeras possibilidades de empregos que têm, como base, o desenho. Existe uma infinidade de profissões que baseiam-se em desenhos, tais como arquitetos, engenheiros, *designers* de moda, de vestuário, calçados, móveis, entre tantas outras, e foi gratificante ver o quanto os estudantes ficavam de certa maneira impressionados com tamanhas possibilidades, uma vez que os

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, Jose. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: uma Abordagem Teórico-Prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

LOUISE, Victoria. *Releitura de obras de arte clássicas*. Disponível em <https://blog.artsoul.com.br/releitura-de-obras-de-arte-classicas/>. Acesso em 17 ago. 2021.

desenhos, até então, pareciam ser exclusividade das crianças.

“O papel do professor hoje é muito mais amplo e complexo. Não está centrado só em transmitir informações de uma área específica: ele é principalmente *designer* de roteiros personalizados e grupais de aprendizagem e orientador / mentor de projetos profissionais e de vida dos alunos” (BACICH, 2018, p. 21).

No momento seguinte, estes slides foram transformados em vídeo e, então, cada aluno se fez artista do seu modo, do seu olhar, vivenciando, descobrindo e aprendendo sobre arte de uma forma prazerosa, que pudesse valorizar as habilidades de cada um deles, conforme a imagem 02.



Educação física sobre rodas



Arquivo dos autores (2022).

Alunos na atividade prática "Sobre rodas".

As aulas de Educação Física são dinâmicas, participativas, divertidas, instrutivas, cooperativas e desafiadoras. Os alunos desenvolvem suas habilidades como um todo, durante a realização das atividades propostas.

O bem-estar coletivo e a cooperação são ferramentas que estimulam os estudantes a se desenvolverem e a superarem desafios, buscando a interação com o grupo, respeitando as limitações de cada um e auxiliando os colegas sempre que possível.

A prática da atividade intitulada "Sobre Rodas" foi uma aula especial, que ocorreu na EMEF Rui Bar-

bosa, com alunos do 1º ao 5º ano, durante o horário da aula de Educação Física, no mês de maio do ano de 2022. Nesta aula, os estudantes trouxeram de casa o que eles teriam com "rodas" (bicicleta, skate, patinete), brinquedos que talvez os colegas não conhecessem ou que tivessem vontade de andar, brincar e aprender e que, por inúmeros motivos, não teriam essa possibilidade em casa. Nesse dia, todos tiveram a oportunidade de experimentar algo novo, e se não foi o novo, foi algo diferente do qual eles estavam acostumados, pois andariam com uma bicicleta que era diferente da sua, no tamanho, no modelo, no estilo.

A realização dessa prática foi organizada através dos materiais trazidos pelos estudantes. Com a montagem de um circuito, em que



Kamile Donschat

Graduada em Educação Física. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva. Professora.

Cássia Morgana da Silva

Graduada em Pedagogia. Professora.

os materiais ficaram à disposição, os alunos tiveram a possibilidade de andar em bicicletas diferentes das suas, andar de skate, roller, patinete, carrinho de lomba, *overboard*, entre outros.

Alguns não sabiam andar de bicicleta, por exemplo, então recebiam o auxílio de um ou mais colegas. Sempre havia um aluno à disposição para explicar, demonstrar, ajudar, segurar o colega, ou mesmo oferecer apoio moral, dizendo que ele iria conseguir. E isso aconteceu de maneira natural, pois eles mesmos percebiam que podiam auxiliar, contribuir para que os colegas conseguissem participar, aprender, evoluir e se divertir.

Propor e produzir alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis e/ou acessíveis na comunidade, é o que sugere a BNCC (2018, p. 233), por isso a importância de uma aula com essa dinâmica: quando os alunos são os protagonistas da ação, eles são os responsáveis por trazerem os materiais, e contribuir na montagem da atividade da aula. Ao realizar a prática, precisam respeitar os espaços determinados; devem auxiliar os colegas, considerando as dificuldades de cada um, e propor soluções para cada adversidade encontrada durante execução das atividades.

Essa prática foi além da aula de Educação Física, pois os alunos levaram essa experiência para a sala de aula, onde relataram ao grupo e à professora titular da turma do 2º ano, detalhes significativos da prática, refletindo sobre a importância do auxílio ao colega, da cooperação, da superação e diversão.

Durante este diálogo, tanto a professora quanto os alunos puderam compartilhar tudo aquilo que

sentiram com essa experiência: como agiram diante de cada situação durante a brincadeira. Estes relatos foram cheios de expressão de carinho, respeito e empatia, mostrando que a atividade "Sobre Rodas" também desenvolveu



Relato através de desenhos sobre a prática "Sobre rodas".

muito as competências socioemocionais nos estudantes.

Refletindo conforme Almeida (2003), na atividade realizada num sistema de cooperação – para além da satisfação e alegria vivenciadas – cada uma das partes e o todo ganham, em consequência da ajuda. Em diversas atividades, o resultado alcançado pelo grupo é melhor do que a soma dos resultados pessoais obtidos numa situação de competição. Essa é uma grande conquista da atividade aqui relatada: a cooperação, o crescimento dos alunos como um todo e o reflexo que ela teve na sala de aula, para além da Educação Física – para a vida.



Referências

ALMEIDA, Marcos. *Jogos Cooperativos na Educação Física: uma proposta lúdica para a paz*. III Congresso Estatal y I Iberoamericano de Actividades Físicas Cooperativas. Gijón (Astúrias). Ceará, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.



Aprendendo a valorizar a natureza! Projeto "A importância das árvores"



Arquivo dos autores (2021).

Alunos observando as goiabas.

No ano de 2021, quando estávamos retornando às aulas presenciais, a turma do Pré 1, da EMEF Santos Dumont, iniciou a elaboração de um projeto de pesquisa, o qual falava sobre as árvores, mais especificamente sobre a importância delas junto às brincadeiras da infância. O tema deste projeto foi

pensado pela professora da turma, a fim de constatar sobre como o brincar foi vivenciado pelas crianças em suas casas, em meio aos "tempos" de aulas remotas. E querendo aprofundar ainda mais o assunto, queríamos saber como foi este brincar em casa junto à natureza, e mais, se os alunos utilizavam as árvores em suas casas, nos seus momentos de brincadeiras no pátio. E, a partir daí, a pesquisa foi sendo realizada.

Inicialmente, precisávamos saber se todos os alunos tinham árvores em casa, e para nossa alegria, descobrimos que a maioria tinha. Aqueles que não possuíam, era porque moravam em apartamento.

Nosso projeto sempre contou com o apoio das famílias dos alunos, estas participavam respondendo às questões que foram surgindo, e enriquecendo nossa pesquisa, com detalhes das crianças de seu brincar em casa.

Também contamos com a colaboração do CEMEA (Centro Municipal Educação Ambiental), pois o professor Sérgio Deves, que além de ter realizado um encontro on-line com a turma, apresentando as diferentes maneiras que as árvores podem fa-

vorecer nosso dia a dia, nos ensinou como plantá-las. Posteriormente, ele ainda esteve na escola em uma

Elisângela Patrícia Lourenço Scheid

Formada no curso de Magistério. Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e institucional. Professora.

data agendada e trouxe mudas de duas árvores para plantar no pátio: uma goiabeira e um araçazeiro.

Neste dia, os alunos ficaram encantados pelo processo de plantio das árvores, ensinado pelo professor Sérgio. Eles interagiram e se mantiveram atentos, colaborando através de falas, segurando materiais, enfim, os alunos realmente aproveitaram este momento muito rico, que, provavelmente, muitos nunca tinham vivenciado em sua vida.

Esta foi uma experiência simples, mas pelo que notamos, foi bem significativa para toda a turma, e um conhecimento que nossos alunos levarão para suas vidas como estudantes e também como cidadãos.

Segundo Machado (2016), o melhor brinquedo para a criança é a própria natureza. A graça para a criança ao brincar está em subverter os objetos e transformá-los em brinquedos, em algo diferente e novo. E assim foram propostas as atividades relatadas com a turma. Pois acredito que as árvores, para as crianças, significam muitas possibilidades em meio às suas brincadeiras: elas podem ser um esconderijo, um barco, ser suporte para um balanço, e

muitas destas ideias de brincadeiras com as árvores, foram relatadas pelas famílias.

No início deste ano, a turma pôde experimentar o fruto da goiabeira plantada, uma vez que já haviam alguns frutos prontos para o consumo. Foram apenas dois frutos que cresceram até o momento, e estes foram divididos e oferecidos para os alunos comerem.

A turma ficou impressionada com a beleza da goiaba e com toda esta experiência de plantar e colher, da qual participou efetivamente.

E, assim, vamos fazendo dos nossos dias na escola: dias mais felizes e repletos de conhecimentos simples, mas significativos, e que tornam a infância de nossas crianças muito mais bela!

Referências

MACHADO, Ana Lúcia. *Brincando Com os 4 Elementos da Natureza*. 1ª ed. nov. 2016. Disponível em: <http://www.educandotudomuda.com.br/tag/e-book-brincando-com-os-quatro-elementos-da-natureza/>





Autoras / Alunas: Dheniffer Evelim da Silva Pereira
Maria Rita Simão Martins
Maria Vitória Evangelista dos Santos
Orientadora / Professora: Tatiana Cristina Padilha de Oliveira
Escola: EMEF Dona Augusta
Destaque Salão Jovem da UFRGS
Ser Educação- Categoria Professor de Escola Pública
Prêmio Projeto Ler / MOSTRATEC Júnior 2022

Quem tá na chuva não quer se molhar!

Este projeto tem como objetivo reduzir o número de faltas dos alunos nos dias de chuva, a partir da reciclagem de guarda-chuvas danificados para confecção de capas de chuva. Foram coletadas informações com as outras turmas da escola e percebeu-se que havia um problema: De que forma poderíamos reduzir o número de faltas dos alunos em dias de chuva?

Muitos relataram que não tinham guarda-chuva ou que estava estragado. Assim, surgiu a ideia da confecção de capas de chuva com guarda-chuvas que seriam descartados, bem como, da tomada de consciência dos alunos sobre a quantidade excessiva de materiais jogados fora. O projeto de pesquisa foi executado semanalmente através de pesquisas bibliográficas e entrevistas semiestruturadas que foram convertidas em gráficos, se caracterizando em uma pesquisa qualitativa-quantitativa.

A confecção das capas de chuva, recorte, alinhavo, costura, envolveu todas as turmas, em destaque o 5º ano que devido ao seu forte engajamento ensinou as crianças menores a arte do corte e costura, promovendo a autonomia e tornando os alunos os principais agentes da construção do seu conhecimento. O projeto ainda está em andamento, mas já constatamos uma diminuição do número de faltas em dias de chuva com o uso das capas de chuva. Realizamos, no dia 12/07, as primeiras entregas aos alunos entrevistados e que foram identificados como os que vêm para a escola caminhando e não têm guarda-chuva. Assim, após a entrega de 80 capas de chuva, houve o aumento de 10,82% de presenças em dias de chuva.

Autora / Aluna: Alice Alves Heinen
Escola: EMEF 25 de Julho
2º lugar Categoria Piá / Poemas 19º Bivaque 2022

Gaúcho é aquele
que suporta ventania,
é destino puxado
como torneio de Cinco Maria.
Primeira Maria,
é a compaixão,
que se encontra presente
em cada estação.
Segunda Maria,
é a coragem,
em estrada de terra
a cada viagem.
Terceira Maria,
É o sangue tropeiro
Movido a cavalo
e a carreteiro.
Quarta Maria,
é essencial,
ter cachorro, cavalo
e amigo cordeal.
Para quinta Maria,
lhes falo com convicção,
o importante pro gaúcho
é a gaita e o chimarrão!



Autoras / Alunas: Ana Julia Dias Barboza
Isadora Bennech
Pedro Henrique Fernandes dos Santos
Orientadora / Professora: Jéssica Müller
Escola: EMEF Lúcia Mossmann
1º Lugar- Categoria C - 8ª Semana da Ciência e Tecnologia de Campo Bom
1º Lugar – Categoria 2 – MOSTRATEC Júnior 2022
Prêmio SICREDI – MOSTRATEC Júnior 2022
Credencial para EXPOCITEC&FECIIPA – Toledo PR na MOSTRATEC Júnior 2022

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS “DOE VIDA, SEJA DOADOR DE ÓRGÃOS E TECIDOS”

Por que ser doador de órgãos e tecidos pode salvar muitas vidas?

A justificativa da escolha pelo tema se deu quando uma aluna da turma 51, relatou que o irmão precisou realizar um transplante de medula óssea e contou para a turma sobre o procedimento. Os alunos se interessaram pelo assunto e resolveram, em conjunto, pesquisar sobre o tema. Objetivamos possibilitar meios onde os alunos, familiares e comunidade escolar consigam perceber a importância de ser um doador de órgãos e tecidos; conhecer o corpo humano e suas partes; compreender o que é doação de órgãos; identificar os critérios para ser um doador e conscientizar os alunos, família e comunidade escolar da importância de tornar pública a vontade de ser um doador.

Dentre as ações promovidas, foram produzidos cartazes referentes ao assunto e apresentados à turma. Assistiram a vídeos a respeito do mesmo, um deles com um médico intensivista do HPS – Porto Alegre. Conversaram com a mãe de uma das alunas da turma, juntamente com o filho, visto que, foi este que passou por um transplante de medula óssea, bem como, com uma transplantada pulmonar unilateral. Participaram de um momento com a coordenadora da Fundação Ecarta, através de uma chamada de vídeo, conversando sobre transplante de órgãos e tecidos. Para que as hipóteses levantadas pelos alunos pudessem ser investigadas, um questionário com perguntas referentes à doação de órgãos e tecidos foi construído e enviado pelos grupos de WhatsApp, para alunos, familiares/responsáveis e comunidade em geral da cidade de Campo Bom e arredores. Também houve a divulgação do Projeto nas turmas da EMEF Lúcia Mossmann, juntamente com a distribuição de um folder explicativo.

Durante a realização da pesquisa, os alunos analisaram os gráficos atualizados do site da Secretaria Estadual de Saúde - RS, perceberam que as notificações por morte encefálica no estado são em torno de 60 pessoas ao mês e que, a maioria dos transplantes não acontecem pela negativa familiar. Assim, surge a importância de levar esse tema para a comunidade, para saber como funciona, o que é e a importância da doação para salvar muitas vidas. Percebemos que a maioria das pessoas estão informadas sobre o tema, mas, ainda, possuem muitas dúvidas em relação ao processo de doação. Com isso, verificamos que a população deve ser informada sobre a importância de conversar com seus familiares acerca do assunto, visto que uma pessoa pode salvar de oito a dez vidas. É preciso entender como funciona esse processo, fazer esse gesto de amor, empatia e carinho ao próximo, deixando nosso pedacinho de amor na terra para as pessoas que ficam.

